

LECTIO DIVINA

OUTUBRO MISSIONÁRIO 2021

Meditações sobre as leituras bíblicas da Santa Missa do Mês Missionário

Outubro 2021

(preparadas pela comunidade das monjas trapistas de Vitorchiamo - Itália,
a pedido da Pontifícia União Missionária)



O b r a s
Missionárias
Pontifícias

Notas:

1. As leituras bíblicas de cada dia são do **Leccionário oficial do Secretariado Nacional de Liturgia**.
2. Os outros textos bíblicos são da **Bíblia Sagrada**. Versão dos textos originais, Difusora Bíblica.

PREFÁCIO

Depois da experiência positiva do Mês Missionário Extraordinário Outubro 2019 (MMS Outubro 2019) sobre o tema **“Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo”**, algumas direções nacionais das Pontifícias Obras Missionárias (POM) sugeriram ao Secretariado Internacional da Pontifícia União Missionária (PUM) que apresentasse, em cada ano, material para a oração e para a formação missionária, assim como comentários e meditações das leituras bíblicas propostas pela Liturgia da Celebração Eucarística de cada dia do Mês Missionário de outubro. Estas reflexões para o Mês Missionário outubro 2021, disponíveis somente em formato digital, em inglês, italiano, espanhol, francês e português, são a primeira tentativa de resposta às sugestões recebidas. Gostaria de agradecer a todas as direções nacionais que colaboraram nas várias traduções.

Trata-se, antes de mais, de um instrumento de trabalho e não de um texto exaustivo ou de reflexões terminadas do ponto de vista teológico ou espiritual. O ponto de referência é a Palavra de Deus proclamada na Liturgia e rezada na meditação pessoal e comunitária, tal como a apresenta o **Leccionário dos Domingos do Tempo Comum do Ano B** e dos dias feriais do **Ano Ímpar para o mês de outubro do ano 2021**.

O objetivo é que sejamos testemunhas de fé viva, transformados pela missão confiada por Jesus a cada um de nós. Deixarmo-nos inspirar, alicerçados na oração de intercessão do Senhor Jesus por todos nós, é uma verdadeira experiência de comunhão e de santidade para a missão. Escritos, textos e reflexões que espelham a vida cristã da santidade quotidiana de homens e mulheres que se converteram e se deixaram transformar graças à sua vocação e missão na Igreja. O ensinamento dos pastores, aqui sugerido, é indicação de como a fé pode mudar a vida, dando-lhe sentido e enchendo-a de felicidade e de plenitude. Além disso, as catequeses das 4ª feiras (2006-2012) do Papa Bento XVI sobre a vida dos santos (<http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/audiences.html>) e os comentários espirituais e missionários às leituras bíblicas dos dias feriais (Ano Ímpar) que constam no livro **GUIA do MMS OUTUBRO 2019 PRIMEIRA PARTE** (<http://www.october2019.va/it/mmsott2019/la-guida.html>) podem ajudar-nos na oração e na meditação da Palavra de Deus que nos é oferecida pela Liturgia do mês de outubro 2021.

Não foi nossa intenção elaborar profundas reflexões exegéticas ou teológicas, cujo desenvolvimento lógico e linear pudesse garantir um caminho já completo para propor de novo. Preferimos, pelo contrário, oferecer ideias para a reflexão pessoal e para o trabalho comunitário a partir de vidas e de textos concretos, ainda que possivelmente pouco conhecidos, de cristãos comuns que testemunham a obra do Ressuscitado nas suas vidas de fé, de caridade e de martírio. Neste instrumento, pretendemos colocar o acento no testemunho cristão. É ali que se manifesta a eficácia da Palavra de Deus que se proclama, medita, celebra e se vive na Eucaristia e na caridade. *“Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu”* (Mt 5,16).

A tal propósito, na sua Mensagem para as POM, na Solenidade da Ascensão do dia 21 de maio de 2020, escrevia o Papa Francisco: *“Em qualquer situação humana, as testemunhas atestam o que foi feito por outra pessoa. Só neste sentido é que podemos ser testemunhas de Cristo e do seu Espírito. Depois da Ascensão, como aparece narrado na conclusão do Evangelho de Marcos, os apóstolos e os discípulos «foram pregar por toda a parte; e o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam»* (16, 20).

*Cristo, com o seu Espírito, dá testemunho de Si próprio através das obras que realiza em nós e conosco. Já explicava Santo Agostinho que a Igreja não suplicaria ao Senhor que a fé fosse concedida àqueles que não conhecem a Cristo, se não acreditasse que é o próprio Deus a revirar e atrair para Si mesmo a vontade dos homens. A Igreja não levaria os seus filhos a rezarem ao Senhor para perseverar na fé em Cristo, se não acreditasse que é precisamente o Senhor que detém na sua mão os nossos corações. De facto, se a Igreja mandasse pedir a Cristo estas coisas, mas pensando que ela mesma as poderia dar, isso significava que todas as suas orações não eram autênticas, mas fórmulas vazias, «modos de falar», conveniências ditadas pelo conformismo eclesial (cf. **O dom da perseverança. A Próspero e Hilário, 23, 63**)”.*

Além disso, o testemunho da oração e da caridade de tantos dos nossos irmãos e irmãs, de lugares e tempos tão diferentes, leva-nos a viver de novo o contexto de comunhão eclesial, do sentido quotidiano da fé do Povo de Deus, no qual também as POM encontraram a sua inspiração carismática e a sua força como instituição organizada. *“Os fundadores das Obras Missionárias, a começar por Pauline Jaricot, não inventaram as orações nem as obras às quais confiaram os seus anseios a propósito do anúncio do Evangelho, mas limitaram-se a extraí-las do tesouro inexaurível dos gestos mais familiares e habituais que tem o povo de Deus no seu caminho ao longo da história”* (Papa Francisco, **Mensagem às Pontifícias Obras Missionárias**, 21 de maio de 2020).

Estas reflexões são fruto da oração, da missão, do trabalho e da caridade das Irmãs de clausura de vida monástica segundo a Regra de São Bento, que vivem no Mosteiro Trapista de Vitorchiano (Viterbo, Itália, www.trappistevitorchiano.it/la-comunita.asp). Convidadas pelo Secretariado Internacional da PUM, desde janeiro de 2020 que as Monjas começaram a rezar e a escrever estes textos, unindo-se com a oração e o trabalho às direções nacionais das POM das Igrejas particulares às quais pertencem. O envolvimento das comunidades monásticas espalhadas pelo mundo inteiro, graças a futuras colaborações com as direções nacionais locais das POM, poderá levar-nos a desenvolver modalidades renovadas de oração, de trabalho e de formação missionária em prol da obra universal da evangelização. Um autêntico caminho para as POM na Igreja cada vez mais comunhão de carismas e instituições para a missão confiada por Jesus, cujo protagonista é unicamente o Espírito Santo.

Cidade do Vaticano,.....2020

Pe. Fabrizio Meroni
Secretário Geral PUM
Diretor CIAM e Fides

1 Outubro 2021

Sexta-feira, 26.^a Semana do Tempo Comum

Memória de Santa Teresa do Menino Jesus, virgem, doutora da Igreja, padroeira das Missões

Br 1,15-22

Sal 78 (79)

Lc 10, 13-16

A celebração eucarística do primeiro dia do Mês missionário propõe-nos, na Liturgia da Palavra, textos muito severos, que descrevem realidades antigas, mas de uma atualidade impressionante. Jesus, que apenas escolhera outros setenta e dois discípulos e os tinha enviado em missão, prevê já a indiferença e a recusa de muita gente perante a pregação do Reino de Deus.

“Naquele tempo, disse Jesus: «Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque se em Tiro e em Sidónia se tivessem realizado os milagres que em vós se realizaram, há muito tempo teriam feito penitência, vestindo-se de cilício e sentando-se sobre a cinza. Assim, no dia do Juízo, haverá mais tolerância para Tiro e Sidónia do que para vós. E tu, Cafarnaum, serás elevada até ao céu? Até ao inferno é que descerás. Quem vos escuta, escuta-Me a Mim; e quem vos rejeita, rejeita-Me a Mim. Mas quem Me rejeita, rejeita Aquele que Me enviou».

Na primeira leitura meditamos sobre as palavras atribuídas ao profeta Baruc, discípulo de Jeremias, que viveu na época da deportação para a Babilónia, seis séculos antes de Cristo. Também ele tinha constatado com dor as consequências do pecado do reino de Judá:

“Ao Senhor, nosso Deus, pertence a justiça e a nós a vergonha que sentimos no rosto, como sucede neste dia ao homem de Judá e aos habitantes de Jerusalém, aos nossos reis, aos nossos chefes, aos nossos sacerdotes, aos nossos profetas e aos nossos pais, porque pecámos contra o Senhor. Não obedecemos ao Senhor nosso Deus, não ouvimos a sua voz, nem seguimos os mandamentos que Ele nos deu. Desde o dia em que o Senhor fez sair os nossos pais da terra do Egipto até este dia, fomos rebeldes ao Senhor, nosso Deus, e procedemos levianamente, não querendo escutar a sua voz. Por isso, como vemos hoje, caíram sobre nós as desgraças e maldições que o Senhor predissera pela boca do seu servo Moisés, no dia em que fez sair os nossos pais da terra do Egipto, para nos dar uma terra onde corre leite e mel. Não ouvimos a voz do Senhor, nosso Deus, apesar das palavras dos Profetas que Ele nos enviou; mas cada um de nós seguiu as inclinações do seu coração, servindo deuses falsos e praticando o que é mal aos olhos do Senhor, nosso Deus”.

A realidade do pecado, da desobediência, da indiferença é uma constante na história da humanidade, na história de cada um de nós. Estes textos bíblicos, que nos recordam isso mesmo, contribuem para colocar os crentes na posição adequada frente a Deus e ao próximo: todos somos pecadores, todos temos necessidade constante de redenção e de salvação.

O salmo responsorial, salmo 78, é um grito que invoca esta salvação: a cidade santa tinha sido destruída, o templo profanado. A quem recorrer, a quem invocar? O salmista sabe perfeitamente que só Deus pode salvar o seu povo e, desta maneira, entra em discussão com Ele, para O fazer mudar de comportamento e alcançar misericórdia.

“Senhor, as nações invadiram a vossa herança, profanaram o vosso santo templo, fizeram de Jerusalém um montão de ruínas. Deram o corpo dos vossos servos em

alimento às aves do céu, as carnes de vossos fiéis aos animais da selva. Derramaram seu sangue em torno de Jerusalém e não houve quem lhes desse sepultura. Tornámo-nos o opróbrio dos nossos vizinhos, a irrisão e o escárnio dos que nos rodeiam. Até quando, Senhor, Vos mostrareis sempre irritado e se reavivará, como fogo, a vossa indignação? Não recordeis, Senhor, contra nós as culpas dos nossos pais. Corra ao nosso encontro a vossa misericórdia, porque somos tão miseráveis. Ajudai-nos, ó Deus, nosso salvador, para glória do vosso nome. Salvai-nos e perdoai os nossos pecados, para glória do vosso nome”.

Os crentes sabem perfeitamente que sem o auxílio de Deus somos pobres, isolados, perdidos, impotentes, infelizes. Cada homem procura a felicidade e espera a salvação, mas as nossas próprias forças são insuficientes para a procurar. A humilde consciência desta impotência e desta necessidade abre-nos para a acolhermos e para nela nos alegrarmos.

Somos pecadores, é certo, mas pecadores perdoados. Cristo redimiú-nos. *Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade* (1 Tm 2,4).

A gratidão e a alegria de ter recebido e de receber gratuitamente a salvação transformam o coração e a vida de cada batizado, tornando-o desejoso de transmitir aos outros o dom recebido, para que possam reconhecer-se filhos de Deus, destinados à vida eterna, tornando-se, assim, missionários, anunciadores da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

O compromisso de anunciar Cristo, Redentor e Salvador, é verdadeiramente um serviço prestado não somente à comunidade cristã, mas também a toda a humanidade, que livremente querendo, pode acolher a boa notícia, o Evangelho de Cristo Senhor, que se fez homem por nós e para a nossa salvação. Nenhum crente pode escapar ao dever de anunciar a salvação realizada em Cristo, cada um na medida da sua própria vocação e da sua própria condição no mundo. Quando não sentimos este desejo, devemos interrogar-nos sobre a verdade e a solidez da nossa vida de fé.

O amor leva-nos a comunicar a beleza e a verdade da salvação de mil maneiras: com o testemunho de vida, em palavras, com o silêncio, com os gestos, com a oração, nas relações quotidianas, na simplicidade do amor e da amizade. E se o amor é verdadeiro, reconhece-se pelos frutos que produz.

Hoje celebramos a memória de Santa Teresa do Menino Jesus, padroeira das missões, juntamente com o grande apóstolo São Francisco Xavier.

Teresa, jovem monja carmelita, nunca tinha saído do pequeno espaço do seu Carmelo de Lisieux, mas sabia muito bem que a sua vida escondida estava em função do Reino, da vinda do Reino, do seu crescimento e dilatação. Sabia que a primeira terra que se devia converter era o seu coração e que a vida que tinha abraçado, com as suas exigências de fé, de oração, de exigente comunhão fraterna, tinha uma misteriosa fecundidade apostólica. Aspirava a possuir todos os carismas que São Paulo descreve na primeira carta aos Coríntios, mas encontrando o caminho mais perfeito, que é o da caridade:

“Aspirai, porém, aos melhores dons. Aliás, vou mostrar-vos um caminho que ultrapassa todos os outros. Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que soa ou um címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver amor, nada sou. Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada me aproveita (1 Cor 12,31-13,3).

A jovem monja olhava para os vários serviços que existiam na Igreja, sem reconhecer-se em nenhum delas:

“Considerando o corpo místico da Igreja, não me encontrava em nenhum dos membros que São Paulo tinha descrito. Ou melhor, queria encontrar-me em todos. A caridade

ofereceu-me a chave da minha vocação. Compreendi que a Igreja apresenta um corpo formado por membros diferentes, mas que neste corpo não lhe pode faltar o necessário e mais nobre de todos. Compreendi que a Igreja tem coração, um coração ardente de amor. Compreendi que só o amor fazia agir os membros da Igreja e que, se o amor viesse a extinguir-se, nem os Apóstolos continuariam a anunciar o Evangelho, nem os mártires a derramar o seu sangue. Compreendi e entendi que o amor encerra em si todas as vocações, que o amor é tudo, que abrange todos os tempos e lugares, numa palavra, que o amor é eterno.

Então, com suprema alegria e êxtase de alma, clamei: Ó Jesus, meu amor, finalmente encontrei a minha vocação. A minha vocação é o amor. Sim, eu encontrei o meu lugar na Igreja, e tu me deste este lugar, ó meu Deus. No coração da Igreja, minha mãe, eu serei o amor e, assim, serei tudo e o meu desejo será traduzido em realidade". (Manuscritos autobiográficos, Lisieux 1957, pp. 27-229).

Mas, para a santa carmelitana não lhe bastava a vida terrena para amar e fazer amar Jesus. Assim escrevia na sua última carta ao Padre Adolphe Roulland das Missões Estrangeiras de Paris (MEP), missionário na China:

"Espero realmente não estar inativa no céu, o meu desejo é continuar a trabalhar pela Igreja e pelas almas" (Carta 254, 14 julho 1897).

Durante a sua última doença, voltou frequentemente a expressar a sua convicção de que a autenticidade do nosso amor a Deus se manifesta na qualidade do nosso amor aos outros, e continuava a preparar-se para esta missão universal sem tempo nem limites:

"O bom Deus não me teria dado este desejo de fazer o bem na terra depois da morte, se não quisesse realizá-lo: ter-me-ia então dado o desejo de descansar n'Ele" (Últimos Colóquios, O «Caderno Amarelo» da Madre Inês, 18 julho 1897).

Algumas semanas depois dizia o seguinte:

"Enquanto estás acorrentado, não podes cumprir a tua missão; mas mais tarde, depois da tua morte, será o tempo das tuas obras e das tuas conquistas" (Últimos Colóquios, O «Caderno Amarelo» da Madre Inês, 10 agosto 1897).

A 14 de dezembro de 1927, Pio XI declarava Santa Teresa do Meninos Jesus padroeira universal das missões, com o mesmo título de São Francisco Xavier, e o conseqüente culto litúrgico. Ainda que tenha despertado muita surpresa, nunca uma tal escolha fora tão apropriada como esta.

2 Outubro 2021

Sábado, 26.^a do Tempo Comum

Memória dos Santos Anjos da Guarda

Br 4, 5-12.27-29

Sal 68 (69)

Lc 10, 17-24

A consolação, que tem a alegria como consequência, é o tema principal dos textos da celebração de hoje. O profeta Baruc, que tinha anunciado ao povo os seus pecados, o seu afastamento de Deus e o consequente castigo, é agora o mensageiro da consolação e da esperança:

“Tem coragem, meu povo, memorial de Israel. Fostes vendidos às nações, mas não para vossa ruína. Por terdes provocado a ira de Deus, fostes entregues aos vossos inimigos, pois irritastes Aquele que vos criou, oferecendo sacrifícios aos demónios e não a Deus. Esqueceste Aquele que vos sustentou, o Deus eterno, e contristastes também aquela que vos alimentou, Jerusalém. Ao ver cair sobre vós a ira de Deus, ela disse: «Ouvi, cidades vizinhas de Sião, Deus infligiu-me um grande sofrimento, pois vi o cativo dos meus filhos e filhas, que o Eterno fez cair sobre eles. Eu tinha-os alimentado com alegria, mas vi-os partir com pranto e aflição. Ninguém se alegre por causa de mim, vendo-me viúva e abandonada. Fiquei só, por causa dos pecados de meus filhos, porque se desviaram da Lei de Deus. Tende coragem, meus filhos, e clamai a Deus, pois Aquele que vos castigou lembrar-se-á de vós. Assim como tivestes o pensamento de abandonar a Deus, agora voltai para Ele e empenhai-vos dez vezes mais em procurá-l’O. Pois Aquele que vos infligiu estes males fará vir sobre vós a eterna alegria, juntamente com a vossa salvação”.

O salmo responsorial é um hino de consolação que Deus, na sua misericórdia, dá aos pobres:

“Vós, humildes, olhai e alegrai-vos, buscai o Senhor e o vosso coração se reanimará. O Senhor ouve os pobres e não despreza os cativos. Louvem-n’O o céu e a terra, os mares e quanto neles se move. Deus protegerá Sião, reconstruirá as cidades de Judá; e não de voltar a ocupá-la os cativos. Os seus servos a receberão em herança e nela não de morar os que amam o seu nome”.

Deus sabe que a fragilidade do coração humano não contribui para que os seus filhos vivam na esperança e na alegria. Por isso, ordena aos seus mensageiros para que lhes levem palavras de encorajamento. Assim, vai acontecendo a alternância entre chamadas de atenção e o convite para que se alegrem e pensem num futuro de bem-estar e de paz, o qual seria um pré-anúncio da salvação e da alegria perene do momento em que os salvados entrarão na alegria trinitária e Deus será tudo em todos.

Na passagem tão bonita do Evangelho de Lucas, Jesus torna participantes da alegria os setenta e dois discípulos que regressam triunfantes da missão e que, com um orgulho ingénuo, lhe contam as suas vitórias sobre os demónios. Jesus alegra-se com a felicidade dos seus discípulos, pois, em seu nome, os demónios foram vencidos por meio deles. Afirma imediatamente a sua vitória sobre o mal e o poder dado aos seus discípulos para vencerem a astúcia do demónio:

Naquele tempo, os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria, dizendo: «Senhor, até os demónios nos obedeciam em teu nome». Jesus respondeu-lhes: «Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago. Dei-vos o poder de pisar serpentes e

escorpiões e dominar toda a força do inimigo; nada poderá causar-vos dano (Lc 10,17-19).

Depois, com acentuado realismo, ensina-os, chamando-os à alegria que ninguém lhes pode tirar. Não se trata da alegria do sucesso momentâneo, da própria afirmação, ou aquela sem a ausência da recusa de quem escuta ou ainda a do sofrimento que certamente chegará. Trata-se, isso sim, da alegria que permanece para sempre. Esta tem a sua origem na consciência de que os seus nomes estão escritos no céu, isto é, que são amados por Deus com um amor que não falha, que a salvação já os abraçou, que já não são estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos dos santos e familiares de Deus. Unidos a Cristo, que na encarnação se fez seu irmão, filhos no Filho, têm o privilégio de participar na sua missão, na missão que o Pai deu ao Filho, mas que, tal como para Ele, implica também o insucesso, a dor e a morte:

“Não vos alegréis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão escritos no Céu” (Lc 10,20).

Encontramos, de seguida, uma cena interessantíssima, na qual Jesus se apresenta aos discípulos com toda a beleza da sua divindade-humanidade: ele testemunha o amor infinito que tem pelo Pai e, ao mesmo tempo, o amor paciente e misericordioso que tem pelos seus, a ternura com a qual os olha na sua fragilidade e fraqueza:

“Naquele momento, Jesus exultou de alegria pela ação do Espírito Santo e disse: «Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo Me foi entregue por meu Pai; e ninguém sabe o que é o Filho senão o Pai, nem o que é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar». Voltando-Se depois para os discípulos, disse-lhes: «Felizes os olhos que veem o que estais a ver, porque Eu vos digo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vós vedes e não viram e ouvir o que vós ouvís e não ouviram» (Lc 10,21-22).

A nós, cristãos, a quem nos foi concedida esta revelação, espera-nos a tarefa de participar na missão do Filho e de nos conformarmos a Ele, de acordo com a vocação recebida, aceitando com alegria o entrelaçado de sofrimento e de alegria que faz parte da existência humana, enraizada no Batismo e, desta maneira salva, graças à ressurreição de Cristo.

Motivo de grande esperança, segurança e alegria para alcançar uma obra tão simples, mas ao mesmo tempo tão difícil, é o facto que, desde o seu início até ao momento da morte, a vida humana é rodeada pela proteção e intercessão dos anjos (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 336). Autênticos missionários da humanidade, os anjos anunciam os grandes mistérios da salvação, acompanham nas dificuldades, combatem e vencem o demónio. São sinal concreto da preocupação de Deus pela nossa vida quotidiana, nas preocupações diárias, pequenas ou grandes, nas alegrias e sofrimentos de todos os dias.

Como escreve o Papa Francisco na sua *Mensagem para as Pontifícias Obras Missionárias* de 21 de maio 2020, Deus acompanha-nos na vida, está connosco no quotidiano das nossas coisas, dos nossos afetos e das nossas necessidades. Ele cuida de nós no concreto da vida. *“Jesus encontrou os seus primeiros discípulos nas margens do lago da Galileia, quando estavam ocupados no seu trabalho. Não os encontrou num congresso, num seminário de preparação nem no Templo. O anúncio de salvação de Jesus alcança as pessoas sempre onde estão e como estão, nas suas vidas reais. A normalidade da vida comum, tomando parte nas necessidades, esperanças e problemas de todos, é o lugar e a condição onde quem reconheceu o amor de Cristo e recebeu o dom do Espírito Santo pode dar razão da sua fé, esperança e caridade àqueles que lha pedirem; caminhando juntamente com os outros, ao lado de todos. Sobretudo neste tempo em que vivemos, não se trata de inventar percursos de preparação «reservados», criar mundos paralelos, criar bolhas mediáticas onde fazer ressoar os próprios slogans, as*

próprias declarações de intentos, reduzidas a pacatos «nominalismos declaratórios». A título de exemplo, como já tenho recordado outras vezes, na Igreja continua a haver quem apregoe o slogan «é a hora dos leigos», mas o relógio parece ter parado”.

Cada um de nós é acompanhado pelo seu anjo, enviado por Deus para nos iluminar, cuidar de nós, para nos orientar e governar, contribuindo para que cada um possa atingir com segurança o estado de felicidade suprema e definitiva para o qual Deus nos chama: a vida que não terá fim, com Maria, os Anjos e Santos, a visão de Deus “cara a cara”, a comunhão no amor com a Santíssima Trindade (cf. **Compêndio do Catecismo**, 209).

Tendo cada fiel, a seu lado, um anjo como protetor e pastor, a Igreja convida-nos, neste segundo dia do mês de outubro, a fazer memória dos nossos anjos da guarda, fiéis servidores de Deus, seus mensageiros, na realização da missão de salvação para todos os homens (cf. **Compêndio do Catecismo**, 60-61).

São Bernardo de Claraval, abade e teólogo místico da ordem monástica cisterciense, comenta num dos seus sermões uma frase do salmo 90 “*Ele deu ordens aos seus anjos, para que te guardem em todos os teus caminhos*” (Sal 90,11), ajudando-nos a refletir sobre quem são os anjos e convidando-nos a agradecer ao Senhor pela sua misericórdia e pelos seus prodígios em favor dos filhos dos homens:

“Deem graças e digam entre os gentios: o Senhor fez por eles maravilhas. Senhor, que é o homem para dele te ocupardes, para que lhe dêes importância? Porque te ocupas dele, mostras solicitude por ele e te interessas por ele. Envias-lhe o teu Filho único, infundes-lhe o teu Espírito, e prometes-lhe inclusivamente a visão do teu rosto.

E para mostrar que o céu não negligencia nada daquilo que nos possa fazer bem, pões ao nosso lado os seres celestiais para que nos protejam, nos ensinem e nos guiem. «Ele deu ordens aos seus anjos, para que te guardem em todos os teus caminhos».

Estas palavras devem inspirar-te uma grande reverência, devem infundir-te uma grande devoção e dar-te uma grande confiança. Reverência pela presença, devoção pela benevolência, confiança pela custódia. Porque estão presentes junto de ti, não somente contigo, mas também por ti. Estão presentes para te proteger, para o teu bem.

Ainda que os anjos cumpram o mandato divino, nem por isso devemos deixar de lhes estarmos agradecidos porque obedecem a Deus para o nosso bem. Sejamos, pois, devotos e agradecidos a estes protetores tão grandes; correspondamos ao seu amor, honremo-los quanto possamos e conforme devemos.

Todo o amor e toda a honra cheguem até Deus, a quem pertence inteiramente tudo o que é nosso e dos anjos. De Deus procede toda a nossa capacidade de amar e de honrar, tudo o que nos torna dignos de amor e de honra.

Amemos com verdadeiro afeto os anjos de Deus, pensando que um dia participaremos com eles da mesma herança e que, até que chegue esse dia, são aqueles que o Pai colocou junto de nós como guias e protetores [...]

Que podemos temer sob protetores tão grandes? Não podem ser derrotados nem enganados e muito menos enganar, eles que nos cuidam em todos os nossos caminhos.

*São fiéis, prudentes e poderosos. Porquê tremer? Basta que os sigamos, que estejamos unidos a eles e estaremos na proteção de Deus” (Disc. 12 sobre o salmo 90: Tu que habitas, 3, 6-8; **Opera omnia**, ed. Cisterc. 4 [1966] 458-462).*

Às palavras do santo abade de Claraval, podemos unicamente acrescentar uma exortação prática: por tudo o que nos foi concedido por Deus, e na medida das nossas possibilidades, continuemos a missão dos nossos mensageiros celestes e sejamos também nós “anjos” para os nossos irmãos e irmãs. Na verdade, a fé dos simples e a linguagem popular não se enganam quando atribuem o nome de “anjo” àquele que consola, que defende e acompanha os outros. Os grandes missionários são certamente os anjos e os santos.

3 Outubro 2021

Domingo, 27.^a do Tempo Comum - Ano B

Gn 2, 18-24

Sal 127 (128)

Hb 2, 9-11

Mc 10, 2-16

Meditando sobre as leituras deste primeiro domingo de outubro, podemos percorrer, de maneira sintética, toda a história da salvação, surpreender-nos com a beleza do desígnio originário de Deus, viver o drama da sua ruína prolongada no tempo e compreender onde e em quem se encontra a nossa salvação.

A primeira leitura, do livro do Gênesis, leva-nos ao jardim do Éden, onde

“(…) o homem chamou pelos seus nomes todos os animais domésticos, todas as aves do céu e todos os animais do campo. Mas não encontrou uma auxiliar semelhante a ele. Então o Senhor Deus fez descer sobre o homem um sono profundo e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma costela, fazendo crescer a carne em seu lugar. Da costela do homem o Senhor Deus formou a mulher e apresentou-a ao homem. Ao vê-la, o homem exclamou: «Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher, porque foi tirada do homem». Por isso, o homem deixará pai e mãe, para se unir à sua esposa, e os dois serão uma só carne”.

A feliz surpresa e a extasiada exclamação de Adão frente a Eva, tantas vezes comentada pelos Padres da Igreja, testemunha a beleza da diversidade que se faz unidade através do amor. O homem e a mulher, nas suas diferenças e na unidade que cria a sua relação amorosa e fecunda, são a imagem criada da invisível e eterna realidade divina.

O salmo 127 canta esta beleza originária:

“Feliz de ti que temes o Senhor e andas nos seus caminhos. Comerás do trabalho das tuas mãos, serás feliz e tudo te correrá bem. Tua esposa será como videira fecunda no íntimo do teu lar; teus filhos como ramos de oliveira, ao redor da tua mesa. Assim será abençoado o homem que teme o Senhor. De Sião o Senhor te abençoe: vejas a prosperidade de Jerusalém todos os dias da tua vida; e possas ver os filhos dos teus filhos. Paz a Israel”.

No entanto, a queda ofuscou esta maravilhosa imagem da família, unida no amor dos esposos, abençoada com o dom dos filhos, enriquecida pelo trabalho que, embora cansativo, é gratificante e proveitoso. Infelizmente, conhecemos muito bem as consequências do pecado: concupiscência, prepotência, desunião, ódio, tristeza, morte.

No Evangelho, os fariseus, homens religiosos e especialista no conhecimento da Lei, com as suas perguntas maliciosas e hipócritas, mostram de maneira clara a desintegração da harmonia originária do desígnio de Deus acerca do homem e da mulher, que foi acontecendo na história da humanidade decaída.

“Aproximaram-se de Jesus uns fariseus, que, para O porem à prova, perguntaram-Lhe: «Pode um homem repudiar a sua mulher?». Jesus disse-lhes: «Que vos ordenou Moisés?». Eles responderam: «Moisés permitiu que se passasse um certificado de divórcio, para se repudiar a mulher». Jesus disse-lhes: «Foi por causa da dureza do vosso coração que ele vos deixou essa lei. Mas, no princípio da criação, ‘Deus fê-los homem e mulher. Por isso, o homem deixará pai e mãe para se unir à sua esposa, e os

dois serão uma só carne'. Deste modo, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, não separe o homem o que Deus uniu». Em casa, os discípulos interrogaram-n`O de novo sobre este assunto. Jesus disse-lhes então: «Quem repudiar a sua mulher e casar com outra, comete adultério contra a primeira. E se a mulher repudiar o seu marido e casar com outro, comete adultério»” (Mc 10,2-12).

A palavra de Jesus, tão clara quanto exigente, é luz verdadeira sobre a mentira do pecado e soa como julgamento de condenação para os tempos obscuros e confusos da longa história da humanidade, e também hoje, para as nossas sociedades narcisistas e incapazes do dom recíproco e de relações estáveis, nas quais até a beleza da diferença dos sexos não oferece já motivo de admiração, alegria e agradecimento, mas de oposição e, por vezes, de confusão. Sejamos capazes de as ler como palavras de julgamento para regressarmos à verdade sobre nós mesmos, que Jesus nos indica claramente.

Na segunda leitura, em poucas e magníficas palavras, o autor da carta aos Hebreus contempla e explica todo o mistério da encarnação do Verbo de Deus e a possibilidade da redenção e da salvação. Criados por Deus e tornados filhos no Filho Unigénito que, tomando a nossa carne, sofrendo e morrendo como nós, e se fez nosso irmão, podemos - mediante a fé n`Ele e, não obstante a nossa miséria - ser levados à glória:

Irmãos: Jesus, que, por um pouco, foi inferior aos Anjos, vemo-l`O agora coroado de glória e de honra por causa da morte que sofreu, pois era necessário que, pela graça de Deus, experimentasse a morte em proveito de todos. Convinha, na verdade, que Deus, origem e fim de todas as coisas, querendo conduzir muitos filhos para a sua glória, levasse à glória perfeita, pelo sofrimento, o autor da salvação. Pois Aquele que santifica e os que são santificados procedem todos de um só. Por isso não Se envergonha de lhes chamar irmãos”.

A imagem do regresso sobre a reconstrução da família de Deus e a recuperação no banho do Batismo da inocência perdida ou a restaurá-la, acolhendo o reino de Deus como o acolhe uma criança, é sugerida nas últimas frases do Evangelho de hoje:

Apresentaram a Jesus umas crianças para que Ele lhes tocasse, mas os discípulos afastavam-nas. Jesus, ao ver isto, indignou-Se e disse-lhes: «Deixai vir a Mim as criancinhas, não as estorveis: dos que são como elas é o reino de Deus. Em verdade vos digo: Quem não acolher o reino de Deus como uma criança, não entrará nele». E, abraçando-as, começou a abençoá-las, impondo as mãos sobre elas (Mc 10,13-16).

Dado que a raiz da natureza missionária da Igreja e de cada cristão é o Batismo, a evangelização realizada pelas famílias cristãs é de fundamental importância. Os pais têm a responsabilidade e o privilégio de evangelizar os seus filhos, através do testemunho quotidiano da fé, em todos os momentos das suas vidas: das escolhas mais simples de cada dia até às situações mais importantes e especiais.

Este ano, celebramos o vigésimo aniversário da beatificação de Luigi e Maria Beltrame Quattrocchi, o primeiro casal de esposos a tornar-se beato na história da Igreja, graças à sua santidade quotidiana. A sua existência como esposos foi um caminho de santidade, um caminhar para Deus através do amor do cônjuge, tornando-se mestres e testemunhas de fé.

No Dia Mundial das Missões, 21 de outubro de 2001, o Papa João Paulo II, na homilia da Missa de Beatificação, dizia:

“A riqueza de fé e de amor dos cônjuges Luís e Maria Beltrame Quattrocchi é uma demonstração viva de quanto o Concílio Vaticano II afirmou sobre a vocação de todos os fiéis à santidade, especificando que os cônjuges procuram este objetivo "proprium viam sequentes", seguindo o próprio caminho" (Lumen gentium, 41). Esta clara

indicação do Concílio tem hoje a sua realização prática com a primeira beatificação de um casal: para eles a fidelidade ao Evangelho e a heroicidade das virtudes foram relevadas a partir da sua existência como cônjuges e como pais.

Na sua vida, como na de tantos outros casais que todos os dias desempenham zelosamente as suas tarefas de pais, podemos contemplar a revelação sacramental do amor pela Igreja. De facto, os esposos "cumprindo a sua missão conjugal e familiar, com a força deste sacramento, penetrados do espírito de Cristo, que impregna toda a sua vida de fé, de esperança e de caridade, chegam gradualmente à sua perfeição pessoal e à sua mútua santificação e, assim, em comum, contribuem para a glória de Deus" (Gaudium et spes, 48).

Queridas famílias, temos hoje uma particular confirmação de que o caminho de santidade percorrido em conjunto, como casal, é possível, é belo, é extraordinariamente fecundo e fundamental para o bem da família, da Igreja e da sociedade. Isto convidamos a invocar o Senhor, para que sejam cada vez mais numerosos os casais capazes de fazer transparecer, na santidade da sua vida, o "grande mistério" do amor conjugal, que tem origem na criação e se realiza na união de Cristo com a Igreja (cf. Ef 5, 22-33).

Como qualquer caminho de santificação, também o vosso, queridos esposos, não é fácil. Enfrentais todos os dias dificuldades e provas para serdes fiéis à vossa vocação, cultivar a harmonia conjugal e familiar, cumprir a missão de pais e participar na vida social.

Sabei procurar na palavra de Deus a resposta às numerosas interrogações que vos são apresentadas pela vida quotidiana. [...]

A vida conjugal e familiar pode conhecer também momentos de desorientação. Sabemos quantas famílias são tentadas nestes casos pelo desencorajamento. Penso, sobretudo, em todos os que vivem o drama da separação; penso nos que devem enfrentar a doença e em quem sofre a desaparecimento prematuro do cônjuge ou de um filho. Também nestas situações se pode dar um grande testemunho de fidelidade no amor, tornado ainda mais significativo pela purificação através da passagem pelo crisol do sofrimento. [...]

Ao mesmo tempo, peço a todas as famílias que, por sua vez, amparem os braços da Igreja, para que nunca deixe de realizar a sua missão de interceder, confortar, orientar e encorajar. Agradeço-vos, queridas famílias, o apoio que me dais também a mim no meu serviço à Igreja e à humanidade. Rezo ao Senhor todos os dias para que ajude as numerosas famílias feridas pela miséria e pela injustiça e faça crescer a civilização do amor.

Caríssimos, a Igreja confia em vós, para enfrentar os desafios que a esperam neste novo milénio. Entre os caminhos da sua missão, "a família é a primeira e a mais importante" (Carta às Famílias, 2); a Igreja conta com ela, chamando-a a ser "um verdadeiro sujeito de evangelização e de apostolado" (Ibid., 16).

Tenho a certeza de que estareis à altura da tarefa que vos espera, em todos os lugares e circunstâncias. Encorajo-vos, queridos cônjuges, a assumir plenamente o vosso papel e as vossas responsabilidades. Renovai em vós mesmos o impulso missionário, fazendo das vossas casas lugares privilegiados para o anúncio e o acolhimento do Evangelho, num clima de oração e praticando concretamente a solidariedade cristã.

O Espírito Santo, que encheu o coração de Maria para que, na plenitude dos tempos, concebesse o Verbo da vida e o recebesse juntamente com o seu esposo José, vos ampare e vos fortaleça. Ele encha os vossos corações de alegria e de paz, para que saibais louvar todos os dias o Pai celeste, do qual provêm todas as graças e bênçãos. Amen!"

4 Outubro 2021

Segunda-feira, 27.^a do Tempo Comum

Memória de São Francisco de Assis

Jn 1,1-2,1.11

Jn 2,3-5.8

Lc 10,25-37

Damos hoje início à leitura do livro do profeta Jonas. Continuará a ser lido nos próximos dois dias. Ficaremos, assim, com o conhecimento geral deste pequeno livro. É um texto didático, cheio de ironia nas relações que vive o profeta. Tem algumas notas de sentido universal, que marcam um pico nos escritos do Antigo Testamento. O Evangelho apresenta-nos a desconcertante parábola do bom samaritano.

Escritos em épocas tão diversas, estes dois textos apresentam elementos comuns: criticam a estreita visão teológica da classe religiosa dominante, afirmam claramente em que consiste a religião autêntica e testemunham a universalidade da salvação.

“O Senhor Jesus enviou os Seus Apóstolos, a todas as pessoas, a todos os povos e a todos os lugares da terra. Nos Apóstolos, a Igreja recebeu uma missão universal, sem limites, referindo-se à salvação em toda a sua integridade, segundo aquela plenitude de vida que Cristo veio trazer (cf. Jo 10, 10): ela foi «enviada para manifestar e comunicar a caridade de Deus a todos os homens e povos». Esta missão é única, sendo a mesma a sua origem e fim; mas na sua dinâmica de realização, há diversas funções e atividades. Antes de tudo está a ação missionária, denominada «missão ad gentes» pelo Decreto conciliar: trata-se de uma atividade primária e essencial da Igreja, jamais concluída. Com efeito, a Igreja «não pode eximir-se da missão permanente de levar o Evangelho a quantos - e são milhões e milhões de homens e mulheres - ainda não conhecem Cristo Redentor do homem. Esta é a tarefa mais especificamente missionária que Jesus confiou e continua quotidianamente a confiar à Sua Igreja» (João Paulo II, *Redemptoris Misso*, n.º 31, 7 dezembro 1990).

Os textos bíblicos de Jonas e do evangelista Lucas, permeados pela universalidade da misericórdia divina, estão cheios de movimento e de missão, de fugas, de viagens, de regressos, de contrastes entre quem faz a vontade de Deus e aquele que prefere a sua própria vontade.

“A palavra do Senhor foi dirigida a Jonas, filho de Amitai: «Levanta-te e vai à grande cidade de Nínive e anuncia-lhe que a fama da sua malícia chegou à minha presença». Jonas levantou-se, a fim de fugir para Tárzis, para longe da presença do Senhor”
(Jn 1,1-3).

Jonas opõe-se à vontade salvífica de Deus: sabe perfeitamente que o Senhor vai olhar favoravelmente para os gestos de humilhação dos habitantes de Nínive, ainda que não pertençam ao povo eleito e sejam pecadores. Ao primeiro sinal de arrependimento, Deus acabará por lhes perdoar. Jonas vê esta misericórdia como fraqueza e, como tal, não está de acordo com ela. Por isso, na ilusão de fugir à vontade de Deus, procura escapar para Tárzis, que na época era vista como confim do mundo. Sucedem-se inexplicavelmente outros acontecimentos: desencadeia-se a tempestade, o espanto dos marinheiros, o sorteio para saber quem foi o responsável por aquela desgraça, a confissão de Jonas. Os marinheiros, em comparação com Jonas, apresentam-se profundamente religiosos e determinados a seguir a vontade do Senhor e não a sua própria vontade:

“Os marinheiros remaram, tentando alcançar a costa, mas em vão, porque o mar se agitava cada vez mais contra eles. Então invocaram o Senhor, dizendo: «Ah, Senhor! Não queremos morrer por causa deste homem; mas não nos torneis responsáveis pela

morte dum inocente, porque Vós, Senhor, fareis o que Vos agrada». Pegaram em Jonas e lançaram-no ao mar e o mar acalmou a sua fúria. Aqueles homens começaram a temer muito o Senhor; ofereceram-Lhe um sacrifício e fizeram-Lhe votos. Então o Senhor enviou um grande peixe para engolir Jonas e Jonas ficou nas entranhas do peixe três dias e três noites. Por fim, o Senhor ordenou ao peixe que vomitasse Jonas na praia” (Jn 1,13-2,1.11).

Nem o mar, nem os grandes peixes suportaram a mente estreita do profeta desobediente: depois de três dias, por ordem de Deus, lançam-no na praia. Sabemos perfeitamente que o Senhor Jesus não tem problemas em apropriar-se deste episódio de ficção para o tornar sinal da sua descida aos infernos e da sua ressurreição (cf. Mt 12,39-40).

O autor sagrado, fazendo com que Jonas continue vivo e preparando-o para outras ações densas de grandes ensinamentos, intercala na história uma maravilhosa canção poética de ação de graças.

O salmo responsorial da celebração da Palavra deste dia oferece-nos alguns versículos desta canção do profeta que, angustiado e arrependido, desde as profundezas do abismo do mar, invoca Deus e é ouvido pelo Senhor:

“Na minha aflição invoquei o Senhor e Ele respondeu-me. Da morada dos mortos clamei por socorro e ouvistes a minha voz. Lançastes-me no profundo abismo dos mares e as ondas me envolveram; as vossas torrentes e vagas passaram sobre mim. Na minha aflição eu dizia: «Fui afastado da vossa presença. Como poderei ainda voltar a ver o vosso templo santo?». Quando minha alma desfalecia, lembrei-me do Senhor e a minha oração chegou à vossa presença, ao vosso templo santo”.

Também no Evangelho vamos encontrar cenas que exprimem um acentuado movimento, símbolo do caminho da nossa vida terrena: um homem desce de Jerusalém para Jericó; os salteadores, que o tinham roubado e fugido, deixam-no meio morto; o sacerdote e o levita, que estão de viagem, passam ao largo; um Samaritano, que descia por aquela estrada, socorre o ferido, leva-o para uma estalagem e parte, prometendo voltar. Nesta viagem - tal como vimos em Jonas - deparamo-nos com episódios e encontros que nos podem ajudar a compreender o verdadeiro sentido da vida e do nosso vínculo com Deus e com os irmãos.

No texto do Evangelho, aparece três vezes uma crítica clara aos líderes religiosos do povo: no começo é um doutor da lei que, “para colocar Jesus à prova”, O interroga sobre o que deve fazer para conseguir a vida eterna e depois, “querendo justificar-se”, pergunta-lhe: “E quem é o meu próximo?” Continuando com a parábola contada por Jesus, é um sacerdote e um levita que, provavelmente para não se contaminarem com o sangue de um pobre ferido, faltam ao seu dever de o socorrer e, assim, negligenciam o verdadeiro núcleo da Lei para obedecerem a normas de pureza menos importantes e caducas. No centro da história está a figura do Samaritano, também ele em viagem pelos seus negócios, tendo compaixão daquele homem caído nas mãos dos salteadores e por eles maltratado. Socorre-o, lava-lhe as feridas, coloca-o sobre a sua própria cavalgadura e leva-o a uma estalagem, paga ao estalajadeiro, confiando-o aos seus cuidados e prometendo-lhe mais dinheiro no seu regresso para o recompensar das suas atenções para com o homem ferido. É um Samaritano, um estrangeiro, um homem considerado herege pelos Judeus.

A pergunta maliciosa do doutor da Lei “E quem é o meu próximo?” mostra que na sua mente e no seu coração existia uma clara distinção entre vizinhos e afastados, correligionários ou não, como, em geral, acontecia na mentalidade religiosa da época. Jesus responde, invertendo a pergunta: és tu que te deves aproximar de quem necessita, sem ter em conta se é da mesma raça, religião ou cultura. Se tu te aproximares dele, naturalmente ele se tornará “próximo” para ti.

Depois desta viragem tão clara e precisa, tal como Deus fizera com Jonas, Jesus convida o doutor da Lei para a missão: “Vai e faz o mesmo”.

Na figura do Samaritano, muitos Padres da Igreja viram Cristo que cura as feridas da humanidade, provocadas pelo pecado, e torna-se próximo da nossa miséria e infelicidade. A Igreja, que continua a obra da salvação através da pregação e dos sacramentos, é a estalagem onde Ele leva a humanidade ferida. O cristão é chamado a tomar parte na ação salvífica da Igreja, colaborando na salvação de quem, próximo ou distante, precisa de auxílio espiritual e material, ajuda fraterna, amor e proximidade.

Hoje celebramos a memória de São Francisco de Assis, o irmão universal, possivelmente o santo mais parecido com Cristo que, com o seu testemunho de doçura, amor e pobreza provocou uma profunda transformação na sociedade e na Igreja do seu tempo e de todos os tempos.

As fontes franciscanas oferecem-nos muitos pensamentos de Francisco que podem servir de comentário aos textos sobre os quais meditamos e propõem-nos ideias sobre como apresentar a riqueza do Evangelho aos nossos irmãos próximos e distantes, através de palavras e obras:

“... (...) que felizes e benditos são os que amam o Senhor, e praticam o que o mesmo Senhor diz no Evangelho: «Amarás ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma, e ao teu próximo como a ti mesmo». Amemos a Deus e adoremo-lo com um coração puro e alma simples [...]” (FF 186-187). “Façamos dignos frutos de penitência. E amemos ao nosso próximo como a nós mesmos. E quem não quiser ou puder amá-lo como a si mesmo, ao menos não lhe faça mal, mas sim, faça-lhe bem” (FF 190).

“Os irmãos que partem para o meio dos infiéis podem viver espiritualmente entre eles de dois modos. O primeiro é não abrirem debates nem discussões, mas mostrarem-se submissos a toda a humana criatura por amor de Deus e confessarem que são cristãos. O outro modo é que, quando julgarem ser do agrado do Senhor, anunciem a palavra de Deus, para que creiam no Deus onnipotente, Pai, Filho e Espírito Santo, Criador de todas as coisas, no Filho Redentor e Salvador, e sejam batizados e se façam cristãos [...]” (FF 43).

No nº 34 da encíclica ***Lumen fidei***, a primeira do pontificado do Papa Francisco, mas pensada e escrita numa primeira redação pelo papa Bento XVI para completar as encíclicas que já tinha escrito sobre a esperança e sobre a caridade (a esta primeira redação o Papa Francisco juntou “outras contribuições”), podemos ler:

“A luz do amor, própria da fé, pode iluminar as perguntas do nosso tempo acerca da verdade. Muitas vezes, hoje, a verdade é reduzida a autenticidade subjetiva do indivíduo, válida apenas para a vida individual. Uma verdade comum mete-nos medo, porque a identificamos com a imposição intransigente dos totalitarismos; mas, se ela é a verdade do amor, se é a verdade que se mostra no encontro pessoal com o Outro e com os outros, então fica livre da reclusão no indivíduo e pode fazer parte do bem comum.

Sendo a verdade de um amor, não é verdade que se impõe pela violência, não é verdade que esmaga o indivíduo; nascendo do amor pode chegar ao coração, ao centro pessoal de cada homem; daqui resulta claramente que a fé não é intransigente, mas cresce na convivência que respeita o outro.

O crente não é arrogante; pelo contrário, a verdade torna-o humilde, sabendo que, mais do que possuirmo-la nós, é ela que nos abraça e possui. Longe de nos endurecer, a segurança da fé põe-nos a caminho e torna possível o testemunho e o diálogo com todos”.

O testemunho de vida e, *quando vejam que agrada a Deus*, o anúncio da sua palavra, na doçura e no respeito, são elementos fundamentais da missão.

5 Outubro 2021

Terça-feira, 27.^a do tempo Comum

Memória facultativa de Santa Maria Faustina Kowalska, apóstola da Divina Misericórdia

Jn 3,1-10

Sal 129

Lc 10,38-42

“A palavra do Senhor foi dirigida a Jonas nos seguintes termos: «Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e apregoa nela a mensagem que Eu te direi». Jonas levantou-se e foi a Nínive, conforme a palavra do Senhor. Nínive era uma grande cidade aos olhos de Deus; levava três dias a atravessar. Jonas entrou na cidade e caminhou durante um dia, apregoando: «Daqui a quarenta dias, Nínive será destruída»” (Jn 3,1-4).

Finalmente Jonas obedece ao Senhor e anuncia a destruição da cidade, usando as palavras que Deus lhe sugere. Contudo, o profeta não sabe que mesmo as ameaças mais terríveis da parte do Senhor são apenas a manifestação da sua vontade de salvação e procuram converter o coração dos ninivitas. A sequência da história mostra que o profeta não apenas acreditava nas ameaças, mas desejava que elas realmente acontecessem.

Em vez disso, acontece o milagre: ainda que ignorados os mandamentos de Deus, ainda que estrangeiros e grandes pecadores, os ninivitas convertem-se!

“Os habitantes de Nínive acreditaram em Deus, proclamaram um jejum e revestiram-se de saco, desde o maior ao mais pequeno. Logo que a notícia chegou ao rei de Nínive, ele ergueu-se do trono e tirou o manto, cobriu-se de saco e sentou-se sobre a cinza. Depois foi proclamado em Nínive um decreto do rei e dos seus ministros, que dizia: «Os homens e os animais, os bois e as ovelhas, não provem alimento, não pastem nem bebam água. Os homens e os animais revistam-se de saco e clamem a Deus com vigor; afaste-se cada um do seu mau caminho e das violências que tenha praticado. Quem sabe? Talvez Deus reconsidere e desista, acalmando o ardor da sua ira, de modo que não pereçamos». Quando Deus viu as suas obras e como se convertiam do seu mau caminho, desistiu do castigo com que os ameaçara e não o executou” (Jn 3,5-10).

O rápido arrependimento dos ninivitas, a penitência que até o rei se impõe, o facto dos animais se cobrirem de saco e participarem no jejum dos habitantes, testemunham a dimensão romanesca e didáctica do pequeno livro, que deve demonstrar a infinita misericórdia do Senhor para com todos, exagerando e colorindo situações e sublinhando a mente estreita do profeta. De facto, no pedido de desculpas, ainda que não conhecessem, todos se apresentam no temor de Deus e prontos para a conversão, exceto Jonas. Este permanece prisioneiro da sua teimosia e dos seus sentimentos, apresentados pelo autor sagrado com muita ironia e habilidade, simpática e atraente escrita.

O salmo responsorial é o *De profundis*, o cântico das subidas, verdadeira obra de arte do Saltério, que nunca se deixa de admirar e meditar, porque nos leva à profundidade do mistério do coração humano, ali onde convivem o absurdo e a miséria do pecado com a tensão para o bem que, sem a ajuda de Deus, é inalcançável. São Paulo tinha descrito de maneira admirável o drama do homem caído:

“(…) em mim habita o desejo do bem, mas não a capacidade de o realizar; é que não é o bem que eu quero que faço, mas o mal que eu não quero” (Rm 7,18-19).

Refletindo sobre o limite humano, Santo Agostinho reitera:

“Posso estar aqui e não quero, quero estar ali e não posso. Sou infeliz em qualquer dos lados” (Confissões, Livro Décimo, 40).

“Do profundo abismo chamo por Vós, Senhor, Senhor, escutai a minha voz. Estejam os vossos ouvidos atentos à voz da minha súplica. Se tiverdes em conta as nossas faltas, Senhor, quem poderá salvar-se?

Mas em Vós está o perdão, para Vos servirmos com reverência. No Senhor está a misericórdia e com Ele abundante redenção. Ele há de libertar Israel de todas as suas faltas” (Sal 129).

O evangelho da celebração eucarística de hoje, dado que fazemos a leitura continuada do texto de São Lucas, apresenta-nos um episódio que está bem longe das outras leituras da Missa e, aparentemente, não tem nenhuma relação com elas.

Estamos em Betânia, na casa de Marta, Maria e Lázaro. Jesus está a caminho de Jerusalém com os seus discípulos e entra naquela casa amiga.

Pouco antes tinha explicado ao doutor da lei que o próximo é aquele de quem nós nos aproximamos. Também Jesus precisa de alguém que se aproxime dele. Também Ele precisa não somente de restaurar as suas forças, mas também de encontrar afeto, conforto e atenção de quem sabe amar. Maria senta-se aos seus pés e fica pendente das suas palavras, enquanto Marta, que pensa no almoço e nos outros trabalhos para atender o grupo numeroso de hóspedes, *“atarefava-se com muito serviço”*, coisa fácil de entender para quem olha para a situação na qual se encontra:

“Interveio então e disse: «Senhor, não Te importas que minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe que venha ajudar-me». O Senhor respondeu-lhe: «Marta, Marta, andas inquieta e preocupada com muitas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada»” (Lc 10,40-42).

O episódio evangélico fez correr muita tinta em milhares de páginas que, ao longo da História, foram interpretando pessoas e situações de maneira alegórica ou real. Além disso, o Evangelho não nos diz como termina a história. Talvez Maria se tenha levantado para ajudar Marta nos preparativos do almoço ou do jantar, ou ainda que Marta, depois da chamada de atenção de Jesus, tenha terminado rapidamente os seus trabalhos e se tenha sentado aos pés de Jesus. O que é certo é que Jesus, dando razão a Maria, ajuda Marta a descobrir que a escuta da sua palavra é mais importante do que qualquer outra ocupação material, ainda que necessária.

É fácil constatar que o temperamento das duas irmãs era bem diferente. Marta é um pouco parecida com o profeta Jonas, que queria que tudo acontecesse segundo a sua maneira de ver. Maria, pendente do seu amor pelo Mestre, nem se apercebia das necessidades materiais da situação. Também no capítulo 11 do Evangelho de João, no qual se narra a ressurreição de Lázaro, vemos que o comportamento das duas irmãs é bem diferente: Marta, empreendedora e decidida; Maria, mais tímida e meditativa.

Não é fácil fazermos-nos “próximos” dos nossos irmãos e irmãs no nosso ambiente familiar. Os primeiros pagãos chamados à conversão somos nós mesmos; as primeiras pessoas para suportar e para nos ajudarem a suportar a nós mesmos são as da nossa casa.

No Evangelho de João, ainda no episódio da ressurreição de Lázaro, há um versículo que nos permite unir as nossas diferenças na unidade, fazendo-nos superar e perdoar as asperezas dos contrastes: *“Jesus amava Marta, a sua irmã e Lázaro” (Jo 11,5)*, como amava os habitantes de Nínive e também o seu profeta Jonas, melindroso e fechado na estreiteza das suas ideias religiosas.

Santa Maria Faustina Kowalska, apóstola da Divina Misericórdia, de quem se faz hoje a sua memória litúrgica facultativa, oferece-nos a chave para unir as leituras deste dia e para infundir

coragem à constante procura da humanidade em caminho. Ela apresenta no seu diário as palavras de Jesus, que sentiu interiormente enquanto rezava:

«A humanidade não encontrará paz enquanto não se voltar, com confiança, para a minha misericórdia.

Oh! Quanto me dói a desconfiança de uma alma! Tal alma reconhece que sou santo e justo e não acredita que sou misericordioso, não tem confiança na Minha bondade. Até os demónios admiram a Minha justiça, mas não acreditam na Minha bondade. O meu Coração alegra-se do título de Misericórdia. Anuncia que a Misericórdia é o maior atributo de Deus. Todas as obras das Minhas mãos são coroadas pela Misericórdia».

(cf. **Diário**, caderno I,3)

A santa não pode fazer outra coisa que não seja responder:

Ó amor eterno, desejo que Te conheçam todas as almas que criaste. Desejarei tornar-me sacerdote; falarei incessantemente da Tua Misericórdia às almas pecadoras, imersas no desespero. Desejarei ser um missionário e levar a luz da fé aos países selvagens para Te dar a conhecer às almas e morrer aniquilada por elas com o martírio, assim como Tu morreste por mim e por elas. Ó Jesus, sei também que posso ser sacerdote, missionário, pregador: posso sofrer a morte dos mártires com o meu total aniquilamento e a negação de mim mesma por amor para contigo, ó Jesus, e das almas imortais. Um grande amor transforma as pequenas coisas em coisas grandes e só o amor valoriza as nossas ações e quanto mais o nosso amor se torna puro, tanto menos o fogo dos sofrimentos terá de destruir em nós e o sofrimento por nós terminará de ser sofrimento. Tornar-se-á uma delícia para nós. Com a graça de Deus obtive esta disposição do coração, isto é, nunca sou tão feliz como quando sofro por Jesus que amo com cada palpar do coração”.

(cf. **Diário**, caderno I, 3)

6 Outubro 2021

Quarta-feira, 27.^a do Tempo Comum

Jn 4,1-11

Sal 85

Lc 11, 1-4

Termina hoje a leitura do livro de Jonas. O profeta deve constatar que as ameaças de destruição de Nínive não aconteceram, porque os seus habitantes arrependeram-se e o Senhor desistiu do castigo com o qual os tinha ameaçado.

Em vez de se regozijar com o resultado da sua missão profética, cujo objetivo principal é a procura da conversão e da salvação do povo, Jonas indigna-se: Deus fez-lhe proclamar a destruição, não o encorajamento para a conversão! Os ninivitas são grandes pecadores: a morte deve ser o seu fim e não o arrependimento.

“Jonas ficou muito desgostoso e irritado, quando Deus perdoou aos ninivitas, e orou, dizendo: «Ah, Senhor! Não era isto que eu dizia, quando estava ainda na minha terra? Por isso me apressei a fugir para Társis, por saber que sois um Deus clemente e compassivo, lento para a ira, rico de misericórdia e sempre disposto a desistir do castigo. Mas agora, Senhor, tirai-me a vida, porque para mim é melhor morrer do que ficar vivo». O Senhor respondeu-lhe: «Terás razão para te irritares?»” (Jn 4,1-4).

Ainda que sensível e estreitamente fechado nas suas ideias, Jonas tem uma relação aberta e franca com Deus; reza repetindo a sua maneira de pensar, atirando-lhe à cara a sua piedade excessiva e pedindo-lhe a morte. Deus responde pacientemente com um apelo à sua razoabilidade, mas Jonas não dá atenção e foge de Nínive em direção ao leste, “*para ver o que acontecia à cidade*”, esperando que talvez o Senhor mudasse novamente de opinião e destruísse os descrentes ninivitas. Não entra ainda na sua mente e no seu coração a universalidade da misericórdia divina. Mas Deus, que teve pena de Nínive, também tem piedade do seu profeta, levando-o a rever a sua maneira de pensar através do sofrimento: o rícino que tinha crescido para lhe dar sombra e, assim, protegê-lo do sol, secou e o profeta foi atingido pela insolação:

“Ao nascer do sol, Deus fez soprar do oriente um vento abrasador e o sol bateu em cheio na cabeça de Jonas, fazendo-o desmaiar. E Jonas tornou a pedir a morte, exclamando: «Para mim é melhor morrer do que ficar vivo».

Então Deus disse a Jonas: «Terás razão para te irritares por causa do rícino?». Jonas respondeu: «Tenho razão de me irritar mortalmente». O Senhor disse-lhe: «Tu tens pena do rícino, que não te deu qualquer trabalho e não fizeste crescer, que nasceu numa noite e numa noite morreu. E Eu não devia ter pena da grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem distinguir a mão direita da esquerda, além de grande número de animais?»” (Jn 4,8-11).

O Senhor, que sabe bem como tratar Jonas, não fica assustado com o seu humor egoísta. Fá-lo com ironia, mas também com compaixão e doçura, levando-o a entender que cento e vinte mil seres humanos, desconhecedores da lei moral, e ainda uma multidão de animais, não podem perecer sem suscitar a sua infinita compaixão. O livro de Jonas antecipa a revelação que se manifesta plenamente na encarnação do Verbo e que o apóstolo João sintetiza da seguinte maneira:

“Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor” (1 Jo 4,7-8).

Alguns versículos do salmo 85, cantados no salmo responsorial, apresentam a confiança orante na misericórdia de Deus (semelhante à dos habitantes de Nínive) e mostram a abertura universal, aquela que faltava ao profeta Jonas:

“Tende piedade de mim, Senhor, que a Vós clamo todo o dia. Alegrai a alma do vosso servo, porque a Vós, Senhor, elevo a minha alma. Vós, Senhor, sois bom e indulgente, cheio de misericórdia para com todos os que Vos invocam. Ouvi, Senhor, a minha oração, atendei a voz da minha súplica. Todos os povos que criastes virão adorar-Vos, Senhor, e glorificar o vosso nome, porque Vós sois grande e operais maravilhas, Vós sois o único Deus”.

O Evangelho faz-nos participar num pedido que um dos discípulos dirige a Jesus e a resposta que o Mestre lhe dá:

“«Senhor, ensina-nos a orar, como João Baptista ensinou também os seus discípulos». Disse-lhes Jesus: «Quando orardes, dizei: ‘Pai, santificado seja o vosso nome; venha o vosso reino; dai-nos em cada dia o pão da nossa subsistência; perdoai-nos os nossos pecados, porque também nós perdoamos a todo aquele que nos ofende; e não nos deixeis cair em tentação’»”.

O texto do Pai nosso transmitido por Lucas é posterior e mais curto que o de Mateus; apresenta somente cinco petições em vez das sete que estamos habituados a recitar, mas é muito significativo. Notamos, em primeiro lugar, a aspiração dos discípulos em satisfazer o seu desejo de oração que habita nos seus corações: viram Jesus a rezar ao Pai e querem imitá-lo. Viram também como Jesus reza: não como os fariseus e os escribas, que se colocam nos cantos das praças para que sejam vistos, mas Ele reza em diálogo de confiança e amor com Deus, seu Pai. Perante o pedido humilde e sincero dos discípulos, Jesus responde sem perda de tempo e de palavras: *“Quando rezardes, dizei: Pai!”*. Entrai em relação com Ele e pedi-lhe o que realmente necessitais, isto é, que seja glorificado o seu nome e não o vosso; que vos dê o pão de cada dia, porque dele tendes necessidade; que perdoe os vossos pecados, porque também vós vos empenhais em perdoar os pecados dos outros nas vossas relações; e que durante a tentação não vos abandone nas vossas poucas forças, mas vos sustenha na luta e vos dê a vitória.

O Beato Christian de Chergé, monge missionário, martirizado na Argélia, em 1996, é um profeta dos nossos tempos, verdadeira antítese do profeta Jonas, e realiza na sua vocação monástica, os grandes pedidos do Pai nosso: a santificação do nome de Deus, a vinda do seu reino e, sobretudo, o perdão dos pecados.

Christian, juntamente com os seus irmãos monges, não abandonou os seus vizinhos muçulmanos nos momentos de perigo e perdoou antecipadamente àquele que o viria a matar:

“Poderia parecer que a minha morte desse razão àqueles que me trataram rapidamente de ingénuo ou de idealista: “Diga agora tudo o que realmente pensa!”.
Mas estas pessoas devem saber que a minha curiosidade mais dolorosa será finalmente libertada. Eis que poderei mergulhar o meu olhar no do Pai para contemplar com Ele os Seus filhos do Islão tal como Ele os vê, todos iluminados pela glória de Cristo, fruto da Sua Paixão, investidos pelo dom do Espírito, cuja verdadeira alegria será estabelecer sempre a comunhão, divertindo-se com as diferenças. Desta vida perdida, totalmente minha e totalmente deles, dou graças a Deus que parece, não obstante e apesar de tudo, tê-la querido por inteiro para esta alegria. Neste “obrigado” no qual tudo fica dito, no agora da minha vida incluo-vos certamente a vós, amigos de ontem e

de hoje, e vós, amigos de quem, juntamente com o meu pai e a minha mãe, às minhas irmãs e aos meus irmãos, e a eles, cem vezes dado como prometido!

E também tu, amigo da última hora que não terás sabido aquilo que fazias. Sim, também para ti quero este “obrigado” e este “a-Deus”, em cujo rosto te contemplo.

E que nos possamos encontrar no Paraíso, ladrões abençoados, se Deus quiser, Pai nosso, de todos e ambos. Ámen! Inch`Allah”.

Testamento de Christian de Chergé, prior do mosteiro de Tibhrine - Algéria, 1 dezembro 1993 - Tibhrine, 1 janeiro 1994).

7 Outubro 2021

Quinta-feira, 27.^a do Tempo Comum

Memória de Nossa Senhora do Rosário

Ml 3, 13-20a

Sal 1

Lc 11,5-13

A primeira leitura apresenta-nos um texto do profeta Malaquias, no qual Deus repreende severamente aqueles que O serviram, esperando em troca vantagens de prosperidade. Desapontados, perdem o ardor da fé. Louvam aqueles que praticam o mal e para quem tudo está bem e, vendo a diferença, acusam implicitamente o Senhor, que lhes parece injusto, porque recompensa os ímpios e não se ocupa dos sofrimentos dos bons.

“As vossas palavras contra Mim são arrogantes - diz o Senhor - e perguntais: ‘Que dissemos contra o Senhor?’. Vós dissestes: «É tempo perdido servir a Deus. Que aproveita cumprir os seus preceitos e andar vestido de luto diante do Senhor do Universo? Por isso agora chamamos felizes os soberbos, que praticam o mal e prosperam, que provocam a Deus e ficam impunes»” (Ml 3,13-15).

O drama do sucesso dos ímpios e dos sofrimentos dos justos surge frequentemente na Bíblia. Recordemos o livro de Job, tantos salmos que apresentam o triunfo dos ímpios e o aparente abandono dos bons (Sal 36, 72, etc.). No salmo 72 podemos ler:

“(...) Os meus pés estavam quase a resvalar, por um triz não escorreguei, ao sentir inveja dos ímpios, ao ver a prosperidade dos maus. Para eles não há aflições mortais [...] Não sofrem as contrariedades da vida, nem são atormentados como os outros homens. [...] De nada me serve ter um coração puro e conservar inocentes as minhas mãos! Sou posto à prova a toda a hora; todas as manhãs sou castigado”.

Malaquias faz uma comparação entre os que perdem o entusiasmo da vida na fidelidade e no amor, porque escandalizados com o sucesso dos ímpios, e os tementes a Deus. O Senhor anuncia a vinda do `dia` no qual a justiça será estabelecida plenamente.

“Então os que temem o Senhor falaram entre si; e o Senhor prestou atenção e escutou-os. Diante d’Ele foi escrito um livro que conserva a memória daqueles que O temem e respeitam o seu nome.

«No dia que Eu preparo, eles serão minha propriedade - diz o Senhor do Universo -. Terei compaixão deles, como um pai se compadece do filho obediente. Então vereis de novo a diferença entre o justo e o pecador, entre aquele que serve a Deus e aquele que não O serve. Porque há de vir o dia, ardente como uma fornalha, em que serão como a palha todos os soberbos e malfeitores. O dia que há de vir os abrasará - diz o Senhor do Universo - e não lhes deixará raiz nem ramos. Mas para vós que temeis o meu nome, nascerá o sol de justiça, trazendo nos seus raios a salvação” (Ml 3,16-20a).

O salmo responsorial não aponta para `um dia` escatológico, mas afirma o valor atual do bem realizado: nele, a partir de agora, os bons encontram a sua alegria e são abençoados, enquanto os ímpios são dispersos como palha que o vento leva.

“Feliz o homem que não segue o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, mas antes se compraz na lei do Senhor, e nela medita dia e noite. É como

árvore plantada à beira das águas: dá fruto a seu tempo e sua folhagem não murcha. Tudo quanto fizer será bem sucedido. Bem diferente é a sorte dos ímpios: são como palha que o vento leva. O Senhor vela pelo caminho dos justos, mas o caminho dos pecadores leva à perdição”.

Na passagem do Evangelho de Lucas, Jesus parece retomar a afirmação encorajadora do salmo 1: “O Senhor conhece o caminho dos justos”, porque nos convida a confiarmos plenamente no auxílio do Pai e na sua providência. De facto, a parábola do amigo incómodo que, precisando, vai de noite acordar o seu amigo para que lhe dê três pães, parece chamar a atenção de maneira suave pela falta de fé daqueles que, pelas provações da vida, duvidam da ação de Deus e ficam desanimados diante das fraquezas, falhas e medos da vida de cada dia.

“(…) Também vos digo: Pedi e dar-se-vos-á; procurai e encontrareis; batei à porta e abrir-se-vos-á. Porque quem pede recebe; quem procura encontra, e a quem bate à porta, abrir-se-á. Se um de vós for pai e um filho lhe pedir peixe, em vez de peixe dar-lhe-á uma serpente? E se lhe pedir um ovo, dar-lhe-á um escorpião? Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedem!»”.

A afirmação de Jesus: “Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos (...)” atenua as diferenças entre bons e maus, tão presente nos nossos julgamentos humanos. É claro que não as anula, pois elas naturalmente permanecem, mas ajuda-nos a tomar consciência de que `todos` somos um pouco `maus`, `todos` somos pedintes do perdão e do amor e `todos` temos necessidade da ajuda do grande amigo que é o Pai, cuja providência é infinita e que nos dará o Espírito Santo, logo que lho pedirmos.

Recebemos já o Espírito no Batismo, mas frequentemente esquecemos que nos foi dado para que o deixemos agir em nós. A presença do Espírito Santo, que alimenta o nosso caminho com os seus dons, é um começo de eternidade e torna a nossa difícil vida terrena, se não propriamente abençoada, pelo menos serena.

Esquecemos também que nos foi dada como mãe e advogada, a cheia de graça, aquela que possuiu totalmente o Espírito Santo, a Virgem Maria. Em todas as ocasiões e sem medo, podemos apresentar-lhe os nossos pedidos.

No dia 7 de outubro, a Igreja celebra a memória de Nossa Senhora do Rosário. A festa de hoje recorda o dia em que os Cristãos obtiveram a vitória contra os Turcos, em Lepanto, em 1571. Mas neste mês de outubro, Mês missionário por excelência, lembramos Maria, mãe da vida e de toda a criação, mãe dos povos, sobretudo dos mais pobres e esquecidos. Por isto, queremos recordar a oração do Santo Padre, o Papa Francisco, que invoca Maria como Mãe da vida e Rainha da Amazônia:

Mãe da vida,

no vosso seio materno formou-Se Jesus, que é o Senhor de tudo o que existe.

Ressuscitado, Ele transformou-Vos com a sua luz e fez-Vos Rainha de toda a criação.

Por isso Vos pedimos que reineis, Maria, no coração palpitante da Amazônia.

Mostrai-Vos como mãe de todas as criaturas, na beleza das flores, dos rios, do grande rio que a atravessa e de tudo o que vibra nas suas florestas. Protegei, com o vosso carinho, aquela explosão de beleza.

Pedi a Jesus que derrame todo o seu amor nos homens e mulheres que moram lá, para que saibam admirá-la e cuidar dela.

Fazei nascer vosso Filho nos seus corações para que Ele brilhe na Amazônia, nos seus povos

e nas suas culturas, com a luz da sua Palavra, com o conforto do seu amor, com a sua mensagem de fraternidade e justiça.

Que, em cada Eucaristia, se eleve também tanta maravilha para a glória do Pai.

Mãe, olhai para os pobres da Amazônia, porque o seu lar está a ser destruído por interesses mesquinhos. Quanta dor e quanta miséria, quanto abandono e quanto atropelo nesta terra bendita, transbordante de vida!

Tocai a sensibilidade dos poderosos porque, apesar de sentirmos que já é tarde, Vós nos chamais a salvar o que ainda vive.

Mãe do coração trespassado, que sofreis nos vossos filhos ultrajados e na natureza ferida, reinai Vós na Amazônia juntamente com vosso Filho. Reinai, de modo que ninguém mais se sinta dono da obra de Deus.

Em Vós confiamos, Mãe da vida! Não nos abandoneis nesta hora escura.

Ámen.

8 Outubro 2021

Sexta-feira, 27.^a do Tempo Comum

Jl 1,13-15; 2,1-2

Sal 9

Lc 11,15-26

O convite do profeta Joel à penitência ressoa num tempo de grande desolação: uma invasão terrível de gafanhotos está prestes a cair sobre a Judeia e destruir todo o país:

“Tocai a trombeta em Sião, dai o alarme no meu santo monte. Estremeçam todos os habitantes do país, porque está a chegar o dia do Senhor. Sim, ele está próximo: será dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de sombras. Como a luz da aurora, estende-se sobre os montes um povo numeroso e forte. Nunca houve povo nenhum como ele, nem depois dele haverá outro, até às mais longínquas gerações” (Jl 2,1-2).

Embora ciente da catástrofe iminente, o profeta Joel convida os sacerdotes e o povo para um recolhimento penitencial, porque, ainda que a desgraça venha das mãos do Omnipotente como castigo pelos pecados e preanuncia o grande dia do julgamento, a penitência e a oração podem aplacar a ira de Deus e levá-lo a ter piedade pelo seu povo:

“Vesti-vos de luto e chorai, sacerdotes, entoai lamentações, ministros do altar. Vinde passar a noite com vestes de penitência, ministros do meu Deus. Porque no templo de Deus, desapareceram a oferenda e a libação. Proclamai um solene jejum, convocai uma assembleia. Reuni os anciãos e todos os habitantes do país no templo do Senhor, vosso Deus. E clamai ao Senhor: «Ah, que dia este!». Está próximo o dia do Senhor, que vai chegar como devastação que vem do Omnipotente” (Jl 1,13-15).

O salmo responsorial, apontando para os versículos da primeira parte do salmo 9, faz com que os crentes exultem pela libertação do mal, pela vitória de Cristo sobre o pecado e sobre a morte. Deus fez justiça da impiedade e salvou os seus fiéis das insídias do maligno.

“De todo o coração, Senhor, Vos quero louvar e contar todas as vossas maravilhas. Quero alegrar-me e exultar em Vós, quero cantar o vosso nome, ó Altíssimo. Ameaçastes os pagãos, destruístes os ímpios, apagastes o seu nome para sempre. Afundaram-se as nações no fosso que abriram, ficaram presos os seus pés na armadilha que prepararam. O Senhor é rei para sempre, firmou o seu trono para julgar. Ele julga a terra com justiça, governa os povos com retidão”.

Na passagem do evangelho de hoje, Jesus acaba de expulsar um demónio mudo. À medida que o espírito maligno e mudo se afastava, o possuído começa a falar e a multidão fica admirada. Imediatamente se apresentam frente a Jesus os seus acusadores que, forçados a ver os prodígios que Ele realiza, atribuem o seu poder ao demónio. Há outros ainda que, persuadidos pelos seus milagres, querem pô-lo à prova e pedem um sinal do céu. Para todos, o Senhor responde de maneira clara e precisa.

«Todo o reino dividido contra si mesmo, acaba em ruínas e cairá casa sobre casa. Se Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Vós dizeis que é por Belzebu que Eu expulso os demónios. Ora, se Eu expulso os demónios por Belzebu, por quem os expulsam os vossos discípulos? Por isso eles mesmos serão os vossos

juízes. Mas se Eu expulso os demónios pelo dedo de Deus, então quer dizer que o reino de Deus chegou até vós” (Lc 11,17-20).

Jesus não nega o poder do Adversário, mas afirma a sua supremacia sobre ele:

“Quando um homem forte e bem armado guarda o seu palácio, os seus bens estão em segurança. Mas se aparece um mais forte do que ele e o vence, tira-lhe as armas em que confiava e distribui os seus despojos. Quem não está comigo está contra Mim e quem não junta comigo dispersa” (Lc 11,21-23).

O caminho da fé e da vida cristã é longo e com obstáculos: não se acredita de uma vez para sempre, e quem foi libertado dos laços de Satanás e colocou em ordem a sua alma, pode recair numa escravidão pior do que a anterior:

“Quando o espírito impuro sai do homem, anda a vaguear por lugares desertos à procura de repouso. Como não o encontra, diz consigo: ‘Voltarei para a casa de onde saí’. Quando lá chega, encontra-a varrida e arrumada. Então vai e toma consigo sete espíritos piores do que ele, que entram e se instalam nela. E o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro” (Lc 11,24-26).

Como afirma São João, Cristo é a única salvação:

“Tanto amou Deus o mundo que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna. De facto, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no Filho Unigénito de Deus” (Jo 3,16-18).

Na vida do autêntico cristão, não pode haver meias medidas: um pouco daqui e outro pouco dali. Ou és de Cristo ou de Satanás. Ou estás constantemente atento para com o teu coração, os teus sentimentos, os teus pensamentos, ou então levas a que o Espírito Santo de Deus se afaste da tua alma, que se torna facilmente morada de Satanás.

Certamente não são os desmoronamentos provocados pela fragilidade humana, os pequenos fracassos da vida, a afastar Deus do nosso coração, mas sim a perseverança na tibieza e no pecado. A confiança humilde na infinita bondade de Deus, a prática frequente dos sacramentos, a oração e as obras de misericórdia são o melhor remédio para conservar a nossa morada interior “varrida”, limpa e adornada, pronta para ser habitada pelo Senhor.

O Papa Francisco exorta-nos a não termos medo da santidade:

*“Não te tirará forças, nem vida nem alegria. Muito pelo contrário, porque chegarás a ser o que o Pai pensou quando te criou e serás fiel ao teu próprio ser. Dependendo d’Ele liberta-nos das escravidões e leva-nos a reconhecer a nossa dignidade. Isto vê-se em Santa Josefina Bakhita, que, «(...) escravizada e vendida como escrava com apenas sete anos de idade, sofreu muito nas mãos de patrões cruéis. Apesar disso, compreendeu a verdade profunda que Deus, e não o homem, é o verdadeiro Patrão de todos os seres humanos, de cada vida humana. Esta experiência torna-se fonte de grande sabedoria para esta humilde filha da África» (Papa João Paulo II, **Homilia da canonização**, 1 outubro 2000). Cada cristão, quanto mais se santifica, tanto mais fecundo se torna para o mundo” (**Gaudete et exsultate**, 32-33).*

Segue-se um texto preparado pela Pontifícia Universidade Urbaniana, com a colaboração dos Institutos Missionários, para apresentar a santa africana:

“Santa Josefina Bakhita, de origem Sudanesa, foi sequestrada, vendida como escrava, libertada e torna-se cristã e religiosa Canossiana. Num encontro de jovens, um estudante de Bolonha perguntou-lhe: “Que faria se encontrasse os seus sequestradores?”. Sem pestanejar, respondeu: “Se encontrasse aqueles negreiros que me sequestraram, e também aqueles que me torturaram, ajoelhar-me-ia para lhes beijar as mãos: se isso não tivesse acontecido, não seria agora cristã e religiosa”.

Continuando com o mesmo assunto, não somente louvava a Deus pela sua mediação providencial, mas desculpava-os desta maneira:

“Pobrezitos, talvez eles nem soubessem que me doía tanto: eles eram os senhores, eu era a escrava. Como estamos acostumados a fazer o bem, os negreiros faziam aquilo, não por maldade, mas porque era o seu costume”.

Nos sofrimentos não se lamentava; recordava o quanto tinha sofrido como escrava:

“Naquela altura eu não conhecia o Senhor: perdi tanto tempo e tantos méritos, tenho que os conquistar agora... Se ficasse ajoelhada a vida inteira, nunca agradeceria o suficiente ao bom Deus”.

Para a experimentar, um sacerdote disse-lhe: “Que faria se nosso Senhor não a quisesse no paraíso?” Respondeu calmamente:

“Bem, que me ponha onde quiser. Quando estou com Ele e onde Ele quiser, eu estou bem em qualquer lugar. Ele é o Senhor; eu sou a sua pobre criatura”.

Outro perguntou-lhe sobre a sua história, Bakhita desviou-se da pergunta dizendo:

“O Senhor amou-me muito... é necessário querer bem a toda a gente... é necessário compadecer-se!” - “Também de quem a torturou?” - “Pobrezitos, não conheciam o Senhor”.

Questionada sobre a morte, responde serenamente:

“Quando uma pessoa ama muito outra pessoa, anseia estar perto dela: então, porquê ter tanto medo da morte? A morte leva-nos a Deus”.

A superiora, M. Teresa Martini, tinha muitas preocupações; Bakhita, com calma e respeitosamente, disse-lhe:

“Você, Madre, surpreende-se que nosso Senhor a incomode? Se não vem de nós mesmos com um pouco de sofrimento, para quem iremos? Não viemos nós para o convento para fazer o que é preciso? Sim, Madre, eu, pobre relva, rezarei tanto para que se faça a vontade de Deus”.

Oração escrita por Santa Josefina no dia da sua entrega total a Deus, 8 de dezembro de 1896:

“Ó Senhor, pudesse eu voar lá nas alturas, junto da minha gente e dizer abertamente a todos a Tua bondade: Oh, quantas almas poderia conquistar para Ti! Entre os primeiros, a minha mãe, o meu pai, os meus irmãos, a minha irmã, ainda escrava... todos, todos os pobres negros da África, faz, ó Jesus, que também eles Te conheçam e te amem!”

No dia 10 de fevereiro de 2019, o Papa Francisco, durante a oração do Angelus, dirigiu à Santa a seguinte oração, para que ela intercedesse por todas as pessoas vítimas do tráfico:

“Santa Josefina Bakhita, quando eras criança foste vendida como escrava e tiveste de enfrentar dificuldades e sofrimentos indizíveis. Uma vez libertada da tua escravidão física, obtiveste a verdadeira redenção no encontro com Cristo e com a sua Igreja. Santa Josefina Bakhita, ajuda todos aqueles que estão presos na escravidão. Em seu nome, intercede junto do Deus da misericórdia, de modo que as correntes do seu cativeiro possam ser quebradas.

Possa o próprio Deus libertar todos os que foram ameaçados, feridos ou maltratados pelo tráfico e pelo contrabando de seres humanos. Leva alívio a quantos sobrevivem a esta escravidão e ensina-os a ver Jesus como modelo de fé e esperança, de maneira que possam curar as próprias feridas.

Suplicamos-te que rezes e intercedas por todos nós, a fim de não cairmos na indiferença, para abrirmos os olhos e podermos ver as misérias e as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da sua dignidade e da sua liberdade, e ouvir o seu grito de ajuda. Ámen.

Santa Josefina Bakhita, intercede por nós”.

9 Outubro 2021

Sábado, 27.^a do Tempo Comum

Memória de São João Newman, cardeal

Jl 4,12-21

Sal 96

Lc 11,27-28

A linguagem apocalíptica do último capítulo da profecia de Joel tem um acento ameaçador para todas as nações da terra. Para além de ser a expressão da justiça de Deus, é também um convite à conversão. O vale de Josafat, vale do julgamento, onde todas as nações serão reunidas para o julgamento final e definitivo, é chamado vale da Decisão, pois é ali mesmo que acontecerá a decisão final de Deus e do homem.

“Eis o que diz o Senhor: «Levantem-se as nações e encaminhem-se para o Vale de Josafat. Ali estarei sentado a julgar todas as nações vizinhas. Metei a foice, porque a seara está madura; vinde pisar, porque o lagar está cheio: os tanques transbordam, porque é grande a malícia das nações».

Multidões e multidões no Vale do Julgamento! Está próximo o dia do Senhor no Vale do Julgamento! O sol e a lua escureceram e as estrelas perderam o seu brilho. O Senhor ruge desde Sião, de Jerusalém faz ouvir a sua voz: tremem os céus e a terra” (Jl 4,12-16).

Deus é um juiz justo; com Ele é preciso tomar as coisas a sério. Se, consciente e definitivamente, escolhes o mal, serás julgado pela tua decisão consciente e definitiva. Chegará o dia em que Deus exterminará toda a iniquidade e fará com que os seus fiéis exultem de alegria.

A passagem de Joel termina com a frase “(...) e o Senhor habitará em Sião”. A Jerusalém celeste, escatológica, será formada por todos aqueles que escolheram viver no amor de Deus e do próximo, e não apenas o Israel histórico. João Batista já o tinha anunciado, advertindo: “Produzi frutos de sincero arrependimento e não comeceis a dizer para convosco: “Nós temos Abraão como pai”; pois eu vos digo que Deus pode, destas pedras, suscitar filhos a Abraão” (Lc 3,8).

No salmo responsorial, cantamos esta abertura universal que reúne a terra, as ilhas, os montes, os céus e todos os povos para anunciar a justiça e para contemplar a glória do Senhor.

“O Senhor é rei: exulte a terra, rejubile a multidão das ilhas. Ao seu redor, nuvens e trevas; a justiça e o direito são a base do seu trono. Derretem-se os montes como cera diante do Senhor de toda a terra. Os céus proclamam a sua justiça e todos os povos contemplam a sua glória. A luz resplandece para os justos e a alegria para os corações retos. Alegrai-vos, justos, no Senhor e louvai o seu nome santo”.

O Evangelho ajuda-nos a distinguir as coisas da terra e as do Céu:

“Naquele tempo, enquanto Jesus falava à multidão, uma mulher levantou a voz no meio da multidão e disse: «Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre e Te amamentou ao seu peito». Mas Jesus respondeu: «Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática»”.

Enquanto Jesus está a ensinar, a hostilidade dos inimigos vai crescendo à sua volta; cada vez mais O contradizem e O colocam à prova. Os bons, os simples, esses ouvem-no e manifestam a sua confiança e admiração por Ele. Do meio da multidão, uma mulher elogia a mãe que deu

à luz aquele profeta que fala com autoridade e, sem se aperceber, começa a realizar a profecia que a própria Maria tinha proclamado sobre si mesma no Magnificat: “(...) *todas as gerações me chamarão bem-aventurada*”.

O Papa Bento XVI, no número 124 da Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, comenta a passagem evangélica desta maneira:

“Esta relação íntima entre a Palavra de Deus e a alegria aparece em evidência precisamente na Mãe de Deus. Recordemos as palavras de Santa Isabel: «Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor» (Lc 1, 45). Maria é feliz porque tem fé, porque acreditou, e, nesta fé, acolheu no seu ventre o Verbo de Deus para O dar ao mundo. A alegria recebida da Palavra pode agora estender-se a todos aqueles que na fé se deixam transformar pela Palavra de Deus. O Evangelho de Lucas apresenta-nos este mistério de escuta e de alegria, em dois textos. Jesus afirma: «Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática» (8, 21). E, em resposta à exclamação duma mulher que, do meio da multidão, pretende exaltar o ventre que O trouxe e o seio que O amamentou, Jesus revela o segredo da verdadeira alegria: «Diz antes: Felizes os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática» (11, 28). Jesus manifesta a verdadeira grandeza de Maria, abrindo assim também a cada um de nós a possibilidade daquela bem-aventurança que nasce da Palavra acolhida e posta em prática. Por isso, recordo a todos os cristãos que o nosso relacionamento pessoal e comunitário com Deus depende do incremento da nossa familiaridade com a Palavra divina. Por fim, dirijo-me a todos os homens, mesmo a quantos se afastaram da Igreja, que abandonaram a fé ou que nunca ouviram o anúncio de salvação. O Senhor diz a cada um: «Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo» (Ap 3, 20).

Por isso, cada um dos nossos dias seja plasmado pelo encontro renovado com Cristo, Verbo do Pai feito carne: Ele está no início e no fim de tudo, e n’Ele todas as coisas subsistem (cf. Cl 1, 17). Façamos silêncio para ouvir a Palavra do Senhor e meditá-la, a fim de que a mesma, através da ação eficaz do Espírito Santo, continue a habitar e a viver em nós e a falar-nos ao longo de todos os dias da nossa vida. Desta forma, a Igreja sempre se renova e rejuvenesce graças à Palavra do Senhor, que permanece eternamente (cf. 1 Pd 1, 25; Is 40, 8). Assim também nós poderemos entrar no esplêndido diálogo nupcial com que se encerra a Sagrada Escritura: «O Espírito e a Esposa dizem: “Vem”! E, aquele que ouve, diga: “Vem”! (...) O que dá testemunho destas coisas diz. “Sim, Eu venho em breve”! Amen. Vem, Senhor Jesus!» (Ap 22, 17.20).

São João H. Newman, de quem hoje fazemos memória, no seu longo e doloroso percurso espiritual, indica-nos o caminho seguro a percorrer: como Maria, ele ouve a Palavra de Deus e a põe em prática na escuridão e na luz da fé, entregando-se completamente à bondade do Senhor, seguro de que aí está a verdadeira alegria:

“Deus criou-me para lhe prestar um serviço especial; confiou-me um trabalho que não o confiou a mais ninguém. Tenho a minha missão, que não conhecerei neste mundo, pois só me será dita no outro. Não sei como, mas sou necessário para os seus propósitos, necessário no meu lugar como um Arcanjo no seu. Se, porém, falhar, Ele fará surgir outro, tal como pode transformar as pedras em filhos de Abraão. No entanto, tenho uma parte nesta grande obra; sou um elo da cadeia, um vínculo de parentesco entre as pessoas. Não me criou para nada. Farei o seu trabalho; serei um anjo de paz, um pregador da verdade ficando no meu lugar, sem que disso tenha intenção, observando simplesmente os mandamentos e o servindo-o na minha vocação.

Desta maneira terei fé nele. Seja o que for e onde for, não posso ser atirado fora. Se estou doente, a minha doença pode servir-lhe; se me encontro perplexo, a minha perplexidade pode servir-lhe; se estou com dores, as minhas dores podem servir-lhe. A minha doença, perplexidade ou dores podem ser causas necessárias de algum grande plano, que está completamente acima de nós. Nada acontece inutilmente; Ele pode prolongar a minha vida, pode encurtá-la; sabe o que faz. Pode tirar-me os amigos, pode atirar comigo para o meio de estranhos, pode fazer-me sentir desolado, pode fazer que o meu espírito desmorone, pode manter-me o futuro escondido, e, mesmo assim, ele sabe o que faz.

Ó Adonai, ó governador de Israel, tu que conduziste José como se conduz um rebanho, ó Emanuel, ó Sabedoria, eu me entrego a ti; confio totalmente em ti. Tu és mais sábio do que eu, mais dedicado a mim do que aquilo que eu sou para mim mesmo. Digna-te realizar em mim os teus altos planos, sejam eles quais forem; trabalha em mim e através de mim. Nasci para te servir, para ser teu, para ser teu instrumento. Faz-me um teu cego instrumento. Não te peço para ver, não te peço para saber, peço-te somente para fazer parte da obra”.

(Newman, *Obras, Meditações e Orações ao cuidado de Giovanni Velocci*, Jaca Book, Milão 2002, pp. 38-39).

10 Outubro 2021

Domingo, 28.^a do Tempo Comum – Ano B

Sb 7,7-11

Sal 89

Hb 4,12-13

Mc 10,17-30

Podemos unificar toda a liturgia da Palavra de hoje numa só palavra: “sabedoria”. A sabedoria é um dom de Deus: para a ter, o autor inspirado implora-a. Uma vez conseguida, é preferida acima de tudo, estimada, amada e, junto com ela, descobre que recebeu todos os outros bens.

“Orei e foi-me dada a prudência; implorei e veio a mim o espírito de sabedoria. Preferi-a aos ceptros e aos tronos e, em sua comparação, considereei a riqueza como nada. Não a equiparei à pedra mais preciosa, pois todo o ouro, à vista dela, não passa de um pouco de areia, e, comparada com ela, a prata é considerada como lodo. Amei-a mais do que a saúde e a beleza e decidi tê-la como luz, porque o seu brilho jamais se extingue. Com ela me vieram todos os bens e, pelas suas mãos, riquezas inumeráveis”.

A sabedoria, simultaneamente dom e atributo de Deus, entranha-se totalmente no homem e transforma o seu coração: transforma o seu coração de pedra num coração de carne capaz de discernir, de exultar pela bondade do Senhor, de trabalhar retamente ao seu serviço, de reconhecer a própria fragilidade humana, vivendo no temor de Deus e entregando-se totalmente a Ele:

“Ensinai-nos a contar os nossos dias, para chegarmos à sabedoria do coração. Voltai, Senhor! Até quando? Tende piedade dos vossos servos. Saciai-nos, desde a manhã, com a vossa bondade, para nos alegrarmos e exultarmos todos os dias. Compensai em alegria os dias de aflição, os anos em que sentimos a desgraça. Manifestai a vossa obra aos vossos servos e aos seus filhos a vossa majestade. Desça sobre nós a graça do Senhor. Confirmai em nosso favor a obra das nossas mãos” (Sal 89).

Na sua grande condescendência, “(...) muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o mundo (Hb 1,1-2), o Verbo, a Palavra de Deus viva e eficaz, a Sabedoria eterna do Pai, que se fez carne e colocou a sua tenda no meio de nós:

“A palavra de Deus é viva e eficaz, mais cortante que uma espada de dois gumes: ela penetra até ao ponto de divisão da alma e do espírito, das articulações e medulas, e é capaz de discernir os pensamentos e intenções do coração. Não há criatura que possa fugir à sua presença: tudo está patente e descoberto a seus olhos. É a ela que devemos prestar conta”.

No Evangelho, vemos o Verbo de Deus, a Sabedoria eterna do Pai, que vai pelos caminhos atraindo as multidões e suscitando no coração de um homem o desejo de o seguir:

Naquele tempo, ia Jesus pôr-Se a caminho, quando um homem se aproximou correndo, ajoelhou diante d’Ele e perguntou-Lhe: «Bom Mestre, que hei de fazer para alcançar a vida eterna?». Jesus respondeu: «Porque Me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus. Tu sabes os mandamentos: ‘Não mates; não cometas adultério; não roubes; não

levantes falso testemunho; não cometas fraudes; honra pai e mãe'». O homem disse a Jesus: «Mestre, tudo isso tenho eu cumprido desde a juventude». Jesus olhou para ele com simpatia e respondeu: «Falta-te uma coisa: vai vender o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me». Ouvindo estas palavras, anuviou-se-lhe o semblante e retirou-se pesaroso, porque era muito rico” (Mc 10,17-22).

Um entusiasmo passageiro, uma boa vontade frágil, um coração que não alcançou a sabedoria, uma mente que não julgou corretamente a riqueza em comparação com o seguimento de Cristo. O resultado é óbvio: “(...) *anuviou-se-lhe o semblante e retirou-se pesaroso*”.

Fala-se dele como do “jovem rico”, mas o Evangelho diz somente “um tal”, sem especificar a idade, sem lhe dar um nome. De muitos outros ricos, atraídos por Jesus, sabemos os nomes: Zaqueu, Mateus, José de Arimateia, Joana, Susana - as mulheres que o ajudavam durante a vida pública com os seus bens - e outros ainda, pessoas que tinham posto à disposição os seus haveres aos quais não estavam agarrados, *porque tudo isso em comparação com a sabedoria é como um pouco de areia e será avaliado como lama em comparação com ela, a prata.*

Mesmo que este ano o 10 de outubro seja no domingo e, assim sendo, não seja possível celebrar a memória de um santo, não podemos esquecer o grande bispo São Daniel Comboni, no qual a *sapientia crucis* brilhou intensamente através da sua entrega total e um amor extraordinário pelos povos africanos. A 10 de outubro de 1881, com cinquenta anos de idade, morria de cólera em Cartum. O seu lema: *Ou Nigrícia ou morte, ou África ou morte* fala-nos realmente da sua total dedicação à sua vocação missionária. A Igreja deve-lhe, através do seu Plano para a regeneração da África, a concretização de uma profunda evangelização naquele continente:

Homilia de Cartum (tradução do árabe feita pelo P. Carcereri), Cartum, 11/5/1873

Estou muito contente de finalmente me encontrar de novo entre vós, depois de tantas vicissitudes penosas e de tantos ansiosos suspiros. O primeiro amor da minha juventude foi para a infeliz Nigrícia e, deixando tudo o que me era mais querido no mundo, vim, faz agora dezasseis anos, a estas terras para oferecer o meu trabalho como alívio para as suas seculares desgraças. Depois, a obediência fez-me voltar para a Europa, dada a minha enfraquecida saúde, que os miasmas do Nilo Branco em Santa Cruz e em Gondokoro tinham incapacitado para a ação apostólica. Parti para obedecer; porém, entre vós deixei o meu coração e, tendo-me recomposto como Deus quis, os meus pensamentos e os meus atos foram sempre para convosco.

E hoje, finalmente, recupero o meu coração voltando para junto de vós, para o abrir na vossa presença ao sublime e religioso sentimento da paternidade espiritual, da qual quis Deus que fosse investido, faz agora um ano, pelo supremo chefe da Igreja Católica, nosso senhor o Papa Pio IX. Sim, eu sou vosso pai e vós meus filhos e como tais pela primeira vez vos abraço e estreito contra o meu coração.

Estou-vos muito reconhecido pelas entusiásticas receções que me tendes dispensado: demonstram o vosso amor de filhos e persuadem-me de que quereis ser sempre a minha alegria e o meu diadema, como sois o meu dote e a minha herança. Tende a certeza que na minha alma está um amor ilimitado por todos os tempos e por todas as pessoas. Regresso ao vosso meio para não mais deixar de ser vosso e consagrado para sempre para todo o vosso bem. O dia e a noite, o sol e a chuva encontrar-me-ão sempre pronto para as vossas necessidades espirituais: o rico e o pobre, o saudável e o doente, o jovem e o velho, o senhor e o servo terão sempre igual cabimento no meu coração. O vosso bem será o meu e as vossas penas serão as minhas.

Quero partilhar a vossa sorte e o dia mais feliz da minha existência será aquele em que eu possa dar a vida por vós. - Não ignoro a gravidade do peso que lanço sobre mim, já que, como pastor, mestre e médico das vossas almas, terei de velar por vós, instruir-vos e corrigir-vos; defender os oprimidos sem prejudicar os opressores, reprovar o erro

sem censurar o que erra, condenar o escândalo e o pecado sem deixar de ter compaixão pelos pecadores, procurar os transviados sem encorajar o vício: numa palavra, ser ao mesmo tempo pai e juiz. Mas resigno-me a isso, na esperança de que todos vós me ajudareis a levar este peso com júbilo e com alegria em nome de Deus [...]

E agora, dirijo-me finalmente a vós, ó piedosa Rainha da Nigéria e aclamando-vos novamente Mãe amorosa deste Vicariato Apostólico da África Central, confiado aos meus cuidados, ousou suplicar-vos solenemente que, sob a vossa proteção, me recebais a mim e a todos os meus filhos para nos proteger do mal e conduzir-nos ao bem.

Ó Maria, ó Mãe de Deus, o grande povo dos negros encontra-se em grande parte ainda nas trevas e na sombra da morte: apressai a hora da sua salvação, aplanai os obstáculos, dispersai os inimigos, preparai os corações, e enviai sempre novos apóstolos a estas terras tão infelizes e necessitadas.

Meus filhos, confio-vos neste dia solene à piedade dos Corações de Jesus e de Maria, e, no ato de oferecer por vós o mais aceitável dos sacrifícios ao Altíssimo Deus. Rogo humildemente que seja derramado sobre as vossas almas o sangue da redenção, para as regenerar, para as sarar, para as embelezar na medida da vossa necessidade, a fim de que esta santa Missão seja fecunda para a vossa salvação e para a glória de Deus. E assim seja”.

11 Outubro 2021

Segunda-feira, 28.^a do Tempo Comum

Memória facultativa de São João XXIII, Papa

Rm 1,1-7

Sal 97

Lc 11,29-32

Começa hoje a leitura da carta aos Romanos. A leitura desta carta projeta-nos para um mundo sem fronteiras. Paulo escreve para destinatários que ainda não conhece, para uma Igreja que não foi fundada por ele, mas que ele pretende visitar a fim de a confirmar na fé. Paulo pretendia viajar até à atual Espanha, mas antes desejava passar por Roma, onde já havia uma comunidade cristã, formada por judeus convertidos e por outras pessoas provenientes do paganismo.

“Paulo, servo de Jesus Cristo, apóstolo por chamamento divino, escolhido para o Evangelho que Deus tinha de antemão prometido pelos profetas nas Sagradas Escrituras, acerca de seu Filho, nascido, segundo a carne, da descendência de David, mas, segundo o Espírito que santifica, constituído Filho de Deus em todo o seu poder pela sua ressurreição de entre os mortos: Ele é Jesus Cristo, Nosso Senhor. Por Ele recebemos a graça e a missão de apóstolo, a fim de levarmos todos os gentios a obedecerem à fé, para honra do seu nome, dos quais fazeis parte também vós, chamados por Jesus Cristo. A todos os que habitam em Roma, amados por Deus e chamados a serem santos, a graça e a paz de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo”.

Nesta solene introdução, Paulo apresenta-se como servo do Messias, apóstolo por vocação, não por escolha pessoal, mas por chamamento divino, para anunciar a boa notícia da salvação.

Numa síntese admirável, Paulo afirma que o Evangelho já tinha sido preanunciado pelos profetas nas Escrituras, mas tinha encontrado a sua plena realização em Jesus, nascido da descendência de David, e *segundo o Espírito que santifica, constituído Filho de Deus em todo o seu poder pela sua ressurreição de entre os mortos.*

É o próprio Jesus Cristo, o Senhor, que deu a Paulo a graça e a capacidade de ser apóstolo *a fim de levar todos os gentios a obedecerem à fé, para honra do seu nome* e consequentemente também dos Romanos, amados e chamados por Deus. Paulo deseja-lhes a graça e a paz da parte de Deus e do seu Filho Jesus Cristo.

Depois de uma introdução tão consoladora e solene, no salmo responsorial só poderia acontecer a explosão de júbilo pelas maravilhas realizadas pelo Senhor:

“Cantai ao Senhor um cântico novo pelas maravilhas que Ele operou. A sua mão e o seu santo braço Lhe deram a vitória. O Senhor deu a conhecer a salvação, revelou aos olhos das nações a sua justiça. Recordou-Se da sua bondade e fidelidade em favor da casa de Israel. Os confins da terra puderam ver a salvação do nosso Deus. Aclamai o Senhor, terra inteira, exultai de alegria e cantai”!

Também o Evangelho tem uma abertura de sentido universalista, interligada com uma grande tristeza, pois a geração à qual Cristo se dirige permanece na cegueira e não abandona o mal:

Naquele tempo, aglomerava-se uma grande multidão à volta de Jesus e Ele começou a dizer: «Esta geração é uma geração perversa: pede um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, senão o sinal de Jonas. Assim como Jonas foi um sinal para os habitantes de Nínive, assim o será também o Filho do homem para esta geração. No juízo final, a

rainha do sul levantar-se-á com os homens desta geração e há de condená-los, porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão; e aqui está quem é maior do que Salomão. No juízo final, os homens de Nínive levantar-se-ão com esta geração e não de condená-la, porque fizeram penitência ao ouvir a pregação de Jonas; e aqui está quem é maior do que Jonas»”.

Jesus fala às multidões que se aglomeram ao seu redor, que parecem estar interessadas nas suas palavras, mas denuncia a sua superficialidade, por ele classificada como “má”: não querem converter-se, não pretendem mudar de vida. Movidas pela curiosidade do sensacionalismo, as pessoas que o escutam querem somente ver milagres. Não estão interessadas nem comovidas pela presença de Cristo, que é maior do que Jonas, maior do que Salomão. As suas palavras não as levam ao arrependimento, ao contrário do sucedido com os Ninivitas; não querem ouvir a sua sabedoria, ao contrário da rainha do sul. Imersos na superficialidade, os ouvintes contentam-se em admirar-se com os sinais realizados pelo Mestre, dando-lhe razão pelos seus ensinamentos, talvez comovidos pelas suas palavras.

À geração que o ouvia durante a sua vida pública, aos homens de todas as gerações que se sucederam, a nós que agora escutamos a sua palavra, Jesus pede mais, quer mais. Espera de nós uma verdadeira conversão que lhe possa abrir a nossa vida, uma transformação da nossa maneira de pensar e de agir, marcada pelo amor sincero por Ele, que é caminho, verdade e vida. Assim, no testemunho da nossa vida nova, quer que anunciemos a verdade e a beleza da nossa existência por Ele transformada, aos nossos irmãos e irmãs que não conhecem Cristo, ou que o esqueceram, ou ainda que o conhecem mal devido ao nosso testemunho anterior não credível. A conversão e a missão pertencem intimamente à nossa essência de cristãos.

Alguns membros da Igreja recebem de Deus uma vocação missionária específica para evangelizar situações pagãs e descristianizadas: necessitam da nossa oração e da nossa ajuda. Hoje, 11 de outubro, recordamos o Sumo Pontífice São João XXIII, iniciador do Concílio Vaticano II e grande promotor das Missões. Na encíclica ***Grata Recordatio***, de 26 de setembro de 1959, escrevia:

“A 11 de outubro teremos a grande alegria de entregar o crucifixo a uma densa falange de jovens missionários, que, deixando a sua diletta pátria, assumirão a árdua tarefa de levar a luz do Evangelho a povos longínquos [...] O maravilhoso espetáculo destas juventudes que, vencidas inúmeras dificuldades e incômodos, se oferecem a Deus para que também os outros entrem na posse de Cristo (cf. Fl 3,8), seja nas mais longínquas terras ainda não evangelizadas, seja nas imensas cidades industriais onde, no vertiginoso pulsar da vida moderna, as almas às vezes se estiolam e se deixam oprimir pelas coisas terrenas, este espetáculo, repetimos, é comovedor e anima à esperança de dias melhores.

Nos lábios dos velhos que até aqui carregaram o peso destas graves responsabilidades floresce a ardente prece de S. Pedro: “Concede aos teus servos anunciarem com toda confiança a palavra de Deus” (cf. At 4,29).

Portanto, vivamente desejamos que durante o próximo mês de outubro todos estes nossos filhos sejam recomendados, com fervorosas preces, à augusta Virgem Maria”.

Mas o Papa “bom” não esquece que todos devem dar um verdadeiro testemunho cristão, pois o Batismo imprime uma marca indelével no nosso ser. O fogo do Espírito Santo marca-nos, a fim de que todos os batizados vivam como missionários. Cada um de nós deve reacender este fogo para que arda e transmita luz e calor.

Na encíclica ***Mater et Magistra*** (15 de maio de 1961), o Pontífice sublinha esta tarefa fundamental de cada batizado:

“A Igreja vê-se hoje empenhada com uma missão gigantesca: a de imprimir caráter humano e cristão à civilização moderna; caráter que esta pede, e quase reclama, para deveras progredir e se conservar. [...]

A Igreja vai exercendo esta missão sobretudo por meio dos seus filhos leigos, os quais, tendo sempre tal fim em vista, devem sentir-se obrigados a exercer as próprias atividades profissionais como quem satisfaz a um dever, como quem presta um serviço, em união íntima com Deus, em Cristo e para sua glória. Já o indicava o apóstolo São Paulo: "Portanto quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus" (1 Cor 10, 31). "E tudo o que fizerdes de palavra ou ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, por ele dando graças a Deus, o Pai" (Col 3, 17).

Uma vez conseguido que as atividades e as instituições temporais permaneçam abertas aos valores espirituais e aos fins sobrenaturais, conseguiu-se também, ao mesmo tempo, reforçar-lhes a eficácia relativamente aos seus fins específicos e imediatos. É sempre verdade a palavra do Divino Mestre: "Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6,33). Quando se é "luz no Senhor" (Ef 5,8), e se caminha como "filhos da luz" (cf. Ef 5,8), apreendem-se melhor as exigências fundamentais da justiça, mesmo nas zonas mais complexas e difíceis da ordem temporal, em que, não raro, os egoísmos individuais, e os de grupo ou de raça, insinuam e espalham espessas névoas. E quando somos animados pela caridade de Cristo, nós conhecemos os laços que nos unem aos outros, e sentimos como próprias as necessidades, os sofrimentos e as alegrias alheias. Por conseguinte, a ação de cada um, qualquer que seja o objeto da mesma e o meio em que se exerce, não pode deixar de ser mais desinteressada, mais vigorosa e mais humana; pois a caridade: "(...) é paciente, é benigna... não busca os seus próprios interesses... não folga com a injustiça, alegra-se com a verdade... tudo espera, tudo suporta" (1 Cor 13,4-7).

Mas não podemos concluir a nossa encíclica sem recordar outra verdade, que é, ao mesmo tempo, uma realidade sublime: somos membros vivos do corpo místico de Cristo, que é a sua Igreja: "Com efeito, o corpo é um e, não obstante tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo: assim também acontece com Cristo" (1 Cor 12,12).

Convidamos, com paternal insistência, todos os nossos filhos, do clero e do laicato, a que tomem profunda consciência de tão grande dignidade e grandeza, pois estão enxertados em Cristo, como os sarmentos na videira: "Eu sou a videira e vós os ramos" (Jo 15,5) e, por esse motivo, são chamados a viver a sua esma vida. Todo o trabalho e todas as atividades, mesmo as de caráter temporal, que se exercem em união com Jesus, divino Redentor, se tornam um prolongamento do trabalho de Jesus e dele recebem virtude redentora: "Aquele que permanece em mim e eu nele, produz muito fruto" (Jo 15,5). É um trabalho, através do qual não só realizamos a nossa própria perfeição sobrenatural, mas contribuímos também para estender e difundir aos outros os frutos da Redenção, levedando assim, com o fermento evangélico, a civilização em que vivemos e trabalhamos”.

(Mater et Magistra, 254-257)

12 Outubro 2021

Terça-feira, 28.^a do Tempo Comum

Rm 1,16-25

Sal 18

Lc 11,37-41

Os textos da Liturgia da Palavra da celebração eucarística de hoje colocam diante dos nossos olhos a fé intransigente de São Paulo:

“Irmãos: Não me envergonho do Evangelho, que é a força de Deus para a salvação de todo o crente: do judeu primeiramente, mas também do não judeu. Porque no Evangelho se revela a justiça de Deus, que tem origem na fé e conduz à fé, como está escrito: «O justo viverá pela fé»”.

São Paulo denuncia os pecados dos pagãos, indesculpáveis pelos seus retorcidos raciocínios e pelos seus desvios morais, apesar das obras de Deus lhes serem apresentadas de maneira bem clara:

“Na verdade, a ira de Deus manifesta-se do alto do Céu contra toda a impiedade e injustiça dos homens, que na sua injustiça abafam a verdade. De facto, o que se pode conhecer de Deus é manifesto para eles, porque Deus lho manifestou. Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu poder eterno e a sua divindade tornam-se, pelas suas obras, visíveis à inteligência.

Deste modo, eles não têm desculpa, porque, conhecendo a Deus, não O glorificaram como Deus nem Lhe deram graças. Ao contrário, entregaram-se aos seus vãos raciocínios e o seu coração insensato encheu-se de trevas. Pretendendo ser sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória de Deus imortal por imagens que representam homens mortais, aves, quadrúpedes e répteis. Por isso Deus os entregou, segundo os desígnios dos seus corações, à impureza com que desonram os seus corpos. Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira, prestaram culto e adoração às criaturas em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amen”.

O Salmo 18 afirma claramente que a criação narra e anuncia a glória de Deus:

“Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. O dia transmite ao outro esta mensagem e a noite a dá a conhecer à outra noite. Não são palavras nem linguagem cujo sentido se não perceba. O seu eco ressoou por toda a terra e a sua notícia até aos confins do mundo”.

O Evangelho apresenta-nos o escândalo do fariseu que tinha convidado Jesus: o Mestre não tinha feito as abluções rituais antes de se sentar à mesa. A indignação de Jesus repõe a verdade:

«Vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade. Insensatos! Quem fez o interior não fez também o exterior? Dai antes de esmola o que está dentro e tudo para vós ficará limpo».

A fé intransigente de São Paulo e, por outro lado, a ignorância orgulhosa dos pagãos e a mente mesquinha dos fariseus, deveriam questionar o pensamento e o agir dos cristãos de hoje.

Para isto podemos encontrar a ajuda de São Alberto Hurtado, jesuíta chileno, homem profundamente espiritual, incansável na sua obra para os jovens e os trabalhadores, grande apóstolo da alegria ("Feliz, Senhor, feliz!"). Um dos seus textos, escrito em Paris em novembro de 1947, intitulado **Elementos da vida espiritual**, dá-nos amplos motivos para reflexão:

“Ao comparar o Evangelho com a vida da maioria de nós, os cristãos, sentimo-nos desconfortáveis... A maior parte de nós esqueceu que somos o sal da terra, a luz do mundo, o fermento da massa ... (Mt 5,13-15). O sopro do Espírito não encoraja muitos cristãos; consome-nos um espírito de mediocridade. Existem pessoas ativas entre nós, e mais do que ativas, diríamos mesmo, agitadas, mas as causas que nos consomem não são a causa do cristianismo.

Depois de olhar e voltar a olhar para si mesmo e para o que se encontra ao seu redor, abro o Evangelho, vou para os escritos de São Paulo e lá encontro um cristianismo verdadeiramente fogo, vida, conquistador; um autêntico cristianismo que agarra o homem todo, retifica toda a vida, esgota toda a atividade. É como um rio de lava ardente, incandescente, que sai bem lá do fundo da religião.

No nosso tempo, a religião transformou-se numa formalidade mundana, um sentimentalismo piedoso, um polícia pacífico: "Não destruir nada, não permitir que ninguém destrua o que quer que seja!!". É desta maneira que poderíamos apresentar este cristianismo de bom tom, negativo, sem paixão, sem substância, sem Cristo, sem Deus. Um cristão sem fogo e sem amor, de gente tranquila, pessoas satisfeitas, homens medrosos ou daqueles que gostam de mandar e ser obedecidos. Um cristianismo assim não faz falta nenhuma.

Felizmente, porém, um pouco por toda lado, existem pequenos grupos de cristãos que entenderam o sentido do Evangelho. Jovens ansiosos para servir os seus irmãos; sacerdotes com o coração ferido ao verem tanto sofrimento, tanta injustiça, tanta miséria; homens e mulheres que manifestam a presença de Cristo entre nós, debaixo de uma batina, de um uniforme de trabalho ou uma roupa de festa. São luminosos como Cristo, e benfeitores como Ele. Cristo está neles, e isto nos basta. Não podemos deixar de os amar, agarramo-nos à sua mão e através deles entramos naquele imenso Corpo animado pelo Espírito.

Estes são os autênticos cristãos, aqueles em quem Cristo habita verdadeiramente, que os agarrou totalmente, que transformou toda a sua vida; um cristianismo que os transfigurou, que se comunica, que ilumina. São o consolo do mundo. São a Boa Nova anunciada permanentemente. Tudo neles anuncia: a palavra, sem dúvida, mas também o sorriso e a bondade, e a mão estendida, a resignação, a total ausência de ambição, a alegria constante.

Estes vão sempre à frente, quantas vezes quebrados por dentro, abraçando-se serenamente às dificuldades, esquecidos de si mesmos, entregues ... Nada os para: nem o desprezo dos grandes, nem a oposição sistemática dos poderosos, nem a pobreza, nem as doenças, nem que se riam deles. Amam e isso lhes basta!!! Têm fé, esperam. No meio dos seus sofrimentos, são os felizes do mundo. Dilatado até ao infinito, o seu coração alimenta-se de Deus.

São a Igreja nascente entre nós. São o Cristo vivo entre nós e dele recebem a sua nobreza, dele, a quem se entregaram ao entregarem-se aos seus irmãos mais abandonados. O facto de terem entendido que os outros também eram filhos de Deus, irmãos de Cristo, fê-los crescer. Agora, entre eles, Deus, Cristo e os outros, há um vínculo definitivo. Entendem que a sua missão é ser ponte para o Pai, ponte para todos. Todos juntos, todos os filhos do Pai, levados pelo Filho Jesus Cristo, todos por Ele chegando ao Pai, e isso através da nossa ação, a de cada um de nós. Toda a humanidade embarcada nesta obra, com a ajuda dos militantes do passado, que na tarde do seu trabalho já receberam a sua recompensa.

Como é possível que já não vivamos desta maneira? Sabendo-nos consagrados a Deus, não podemos continuar a viver à volta de nós mesmos, dos nossos méritos, nem tão pouco sobre os nossos pecados... mas imitando o Salvador, enérgico e doce, que "amou os homens até o fim" (Jo 13,1).

Uma condição

Conhecer intimamente a Cristo, a sua mensagem e conhecer os homens do nosso tempo aos quais vai dirigida esta mensagem, é condição para que o cristianismo agarre toda a nossa vida. São poucos os apóstolos, sacerdotes ou leigos, que estão preparados para o apostolado moderno. A ação não entra no interior, fica na superfície. Quem não sentiu já fortes desejos dentro de si que, ao comunicá-los a outros, produzem neles apenas resultados superficiais? Os nossos pensamentos mais claros não encontram facilmente o caminho da inteligência, nem o do coração, para chegar aos outros.

Pregamos uma doutrina segura. Repetimos o Evangelho, os Padres, São Tomás, as Encíclicas... no entanto, o contacto é superficial, o nosso dinamismo não mudou a quem queríamos alcançar.

Além disso, se formos aos que parecem ser os grandes mestres dos homens, aos que tiveram sucesso na sua ação social ou cívica, aos que conseguiram pôr um pouco mais de justiça e felicidade no mundo, se lhes perguntamos se estão felizes com o que fizeram, responderão que estão perfeitamente conscientes de que não tocam verdadeiramente no problema, mas somente na sua superfície, que a sociedade sempre escapa a qualquer ação moralizante e ainda mais santificadora. Seriam necessários génios e santos para curar a estes males tão profundos ... e estes deveriam ser perseverantes!

Quando um apóstolo parte prematuramente para a ação ou termina de sentir a formação como necessária, sofre as consequências. Permanece na ação apostólica ao nível do seu verdadeiro valor. Só o santo santifica; só a luz ilumina; só o amor aquece. Normalmente, na presença do apóstolo, grupos fáceis deixam-se encantar pela sua ação: crianças, freiras, almas piedosas... Frente aos homens, ficam como se não tivessem armas, não apresentando mais do que fórmulas feitas, abstratas ou gastas, tiradas de manuais... e as encíclicas não as sabem usar, porque não conhecem o contexto onde estas se aplicam.

Hoje, muitos apóstolos fracassam porque partiram demasiado cedo, ou porque pensavam que era suficiente aquilo que tinham obtido na sua formação, na experiência e na virtude. Sentiram-se senhores de tudo demasiado cedo. Leigos... ficaram militantes medíocres, sem autêntica formação. Sacerdotes, sempre fora da vida, fora da realidade, inadaptados ou mal compreendidos, repetindo sempre os mesmos clichés frente a um público demasiado fácil, enquanto que a grande quantidade de gente continua ainda a ignorar que há Deus, que Cristo veio... sem que alguém lembre aos poderosos, aos superiores, assim como aos humildes, os seus deveres, nem alguém que indique o caminho nos momentos críticos.

É necessário conhecer com o conhecimento da Sabedoria, que é mais rico e profundo do que o da simples ciência; conhecer os homens e amá-los apaixonadamente como irmãos de Cristo e filhos de Deus; conhecer a nossa sociedade doente, como faz o médico para a auscultar. Quantos são os que têm tempo para estudar o complexo tecido da nossa vida social, das suas correntes intelectuais, as suas engrenagens económicas, os seus impérios legais, as suas tendências políticas? Para agir com sabedoria, é preciso conhecer. O preço da nossa conquista consiste em colocar todas as nossas energias para colaborar com a graça.

Profundo conhecimento de Cristo. A teologia em comprimidos de teses não basta. Prevalece a sabedoria. O olhar do humilde que se aproxima pela força da pureza do olhar de Deus; o olhar do contemplativo em Cristo, em quem tudo se resume, esperança da nossa salvação. O apóstolo deve integrar a sua ação no plano de Cristo para o nosso tempo; conhecer bem a Cristo e conhecer bem o nosso tempo para aproximá-los com

amor. Nisso está tudo (isto supõe a imensa humildade que nos abre para receber as graças do alto).

Espiritualidade saudável, que não consiste apenas em práticas piedosas, nem em sentimentalismo, mas em deixar-se pertencer inteiramente a Cristo que enche as suas vidas. Espiritualidade que se alimenta de profunda contemplação, na qual se aprende a conhecer e amar a Deus e aos seus irmãos, os homens do seu tempo. Esta é a espiritualidade que fará da Igreja o fermento do mundo”.

13 Outubro 2021

Quarta-feira, 28.^a do Tempo Comum

Rm 2,1-11

Sal 61

Lc 11,42-46

Na primeira leitura, vemos que, depois de elencados os erros dos pagãos, São Paulo dirige-se aos judeus. Também eles são culpados, porque fazem as mesmas coisas reprováveis dos pagãos e, além disso, os julgam. Se o julgamento de Deus demora a chegar, esperando o arrependimento dos homens, ele chegará, e cada um será julgado de acordo com o bem ou o mal que tenha feito, tanto judeu, como pagão, pois Deus não faz aceção de pessoas.

“Não tens desculpa, quem quer que sejas, tu que julgas os outros. Ao julgares os outros, condenas-te a ti próprio, pois tu, que te fazes juiz, cometes as mesmas ações. Ora nós sabemos que o juízo de Deus se exerce conforme a verdade contra aqueles que praticam essas ações.

E tu, que fazes as mesmas coisas que condenas nos outros, pensas que te furtarás ao juízo de Deus? Ou desprezas as riquezas da sua bondade, paciência e magnanimidade, não reconhecendo que a bondade de Deus te convida à conversão?

Pela tua obstinação e pelo teu coração impenitente, estás a acumular contra ti um tesouro de ira para o dia da ira, em que se revelará o justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras: a vida eterna para aqueles que, perseverando na prática das boas obras, procuram a glória, a honra e a imortalidade; a ira e a indignação para aqueles que, pela sua rebeldia, rejeitam a verdade e obedecem à injustiça.

Tribulação e angústia para todo o homem que pratica o mal: primeiro para o judeu, mas também para o não judeu; glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem: primeiro para o judeu, mas também para o não judeu. Porque Deus não faz aceção de pessoas”.

O salmo responsorial é a confissão do humilde que, consciente da sua fraqueza, se abandona confiadamente no Senhor. Quem reza sente-se seguro, pois não põe a sua confiança em si mesmo, mas no Senhor. Por isso, convida o povo a confiar em Deus e a abrir-lhe o seu coração na certeza da sua misericórdia e da sua justiça.

“Só em Deus descansa a minha alma, d’Ele me vem a salvação. Ele é meu refúgio e salvação, minha fortaleza: jamais serei abalado. Minha alma só em Deus descansa: d’Ele vem a minha esperança. Ele é meu refúgio e salvação, minha fortaleza: jamais serei abalado. Povo de Deus, em todo o tempo ponde n’Ele a vossa confiança, desafogai em sua presença os vossos corações. Deus é o nosso refúgio”.

No Evangelho, Jesus pronuncia quatro vezes os seus terríveis “Ai de vós” ao enfrentar os fariseus e os doutores da lei, denunciando a sua hipocrisia:

“«Ai de vós, fariseus, porque pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças, mas desprezais a justiça e o amor de Deus! Devíeis praticar estas coisas, sem omitir aquelas»” (Lc 11,42).

Mediante as suas repreensões, Jesus afirma os verdadeiros valores da religião: justiça, amor de Deus e do próximo, humildade, testemunho coerente de vida.

“«Ai de vós, fariseus, porque gostais do primeiro lugar nas sinagogas e das saudações na praça pública! Ai de vós, porque sois como sepulcros disfarçados, sobre os quais passamos sem o saber. [...] Ai de vós também, doutores da lei, porque impondes aos homens fardos insuportáveis e vós próprios nem com um só dedo tocais nesses fardos!»” (Lc 11,43-46).

Estas repreensões também desmascaram as nossas duplicidades, as nossas hipocrisias e ajudam-nos a ouvir e seguir o convite do salmo 61 que acabamos de ler: “*Deus é o nosso refúgio: ponde n’Ele a vossa confiança, desfogai em sua presença os vossos corações*”. É à luz da verdade da nossa miséria, purificada e curada pela misericórdia de Deus, que recebemos a salvação.

Quantas situações de traição e infidelidade vão surgindo ao longo da história do cristianismo! É uma constatação que nos deve entristecer, mas não desencorajar, porque são muito mais os exemplos de fidelidade e de entrega total que consolam, fortalecem e estimulam a entrega diária de cada batizado e o ajudam a levantar-se de possíveis quedas.

Assim foi a vida e o testemunho de São Damião de Veuster, padre missionário belga, da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria (também conhecidos como Padres Picpus), instituição religiosa que se dedicava às missões na Oceânia e em terras distantes. Chegado ao Havai, a vocação de Damião tornou-se ainda mais forte ao deparar-se com o drama da lepra que se espalhava pelo arquipélago naquela altura. Todos os leprosos tinham sido confinados em Molokai, uma das ilhas mais pequenas. Damião entregou a sua vida consolando aquela pobre gente. Damião, o apóstolo dos leprosos, morreu em Molokai em 1889. Apresentamos agora uma das suas cartas, dirigida ao irmão e escrita um ano e meio antes da sua morte. Nela transparece que a sua maior alegria era servir o Senhor nos seus filhos pobres e doentes.

Carta XXVIII, Molokai, 9 de novembro de 1887 (ao irmão Pamphile)

Meu querido irmão, tendo conhecimento que alguns jornais belgas tinham declarado a morte do teu irmão exilado, suponho que esta seja a razão pela qual não me tenhas voltado a escrever. Infelizmente, Deus Onnipotente ainda não me chamou deste mundo miserável; e aqui estou quase inútil, quem sabe ainda por quantos anos; no entanto, continuo com os meus deveres diários como habitualmente, já que o nosso Divino Salvador quis confiar-me o bem-estar espiritual dos desafortunados leprosos exilados em Molokai. Há muito tempo, como sabes, eu mesmo tinha sido escolhido pela Divina Providência como vítima desta doença repugnante.

Espero ser eternamente grato a Deus por este favor, pois parece-me que esta doença poderá encurtar e até tornar mais direto o meu caminho para a nossa querida pátria. Nesta minha esperança, aceitei esta doença como a minha cruz especial, que procuro levar, como Simão o Cireneu, nas pegadas do nosso Divino Mestre.

Peço-te que me ajudes com as tuas boas orações para que eu resista com perseverança, até que chegue feliz ao cimo do Calvário.

Ainda que a lepra tenha diminuído as minhas forças e me tenha em parte desfigurado, continuo a ser forte e robusto, e as minhas dores terríveis dos pés desapareceram. Até agora, a doença ainda não distorceu as minhas mãos e continuo a celebrar a missa todos os dias. Este privilégio é o meu maior consolo, para o meu próprio bem e dos meus numerosos companheiros de infortúnio, que em cada domingo enchem quase por completo as minhas duas igrejas nas quais conservo de maneira permanente o Santíssimo Sacramento.

Vivem comigo uns cinquenta rapazes órfãos, que bem me ocupam o tempo livre. A morte reduziu o número de pacientes para cerca de quinhentos, mas agora o governo envia para aqui dezenas em cada semana e prevê-se que brevemente o número duplicará ou até triplicará e, assim, se Deus Onnipotente poupar a minha força, terei cada vez mais

trabalho para reunir as pobres almas destes leprosos que obtêm a graça da conversão [...].

Faço o melhor possível para plantar e regar o campo que o meu Divino Salvador me confiou. Aqui e ali arranco algumas ervas daninhas; mas para obter o verdadeiro fruto da conversão, preciso especialmente das orações de almas piedosas e compassivas. Assim que, como não vens pessoalmente, deves contribuir para esta minha missão rezando e conseguindo orações por nós.

(A carta continua com a seguinte adição)

16 de novembro.

Sou ainda o único padre em Molokai. O padre Colomban Beissel, e ultimamente o padre Wendelin Moellers são os únicos que vi nos últimos dezasseis meses. Tenho tanto trabalho que o tempo me parece tão pouco. Inundado pela alegria e pelo contentamento recebido dos Sagrados Corações, sinto-me o missionário mais feliz do mundo. Assim que, o sacrifício da minha saúde, que o nosso bom Deus se dignou aceitar para que Ele possa tornar o meu ministério entre os leprosos mais profícuo, parece, depois de tudo, assunto de pouca importância, e até lucrativo para mim. Permito-me dizer, reportando-me a São Paulo, «(...) eu estou morto, e a minha vida está oculta com Cristo em Deus» (...)”.

O teu irmão José Damião de Veuster

(Sonho americano. Em viagem com os santos americanos, M. S. César (ao cuidado), P. Rossotti (ao cuidado), Marietti 1820, Génova 2016, pp. 164-166)

14 Outubro 2021

Quinta-feira, 28.^a do Tempo Comum

Rm 3,21-30a

Sal 129

Lc 11,47-54

Com a profundidade que o caracteriza, São Paulo explica a manifestação da justiça de Deus que justifica gratuitamente, pela fé em Jesus, judeus e pagãos, sem distinção alguma, porque “(...) *todos pecaram e estão privados da glória de Deus; e todos são justificados de maneira gratuita pela sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus.* Na verdade,

“(...) todos são justificados de maneira gratuita pela sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus, que Deus apresentou como vítima de propiciação, mediante a fé, pelo seu sangue. Assim Deus manifestava a sua justiça, tolerando as faltas outrora cometidas, no tempo da sua paciência. Ele quis manifestar a sua justiça no tempo presente, não só para ser justo, mas também para justificar aquele que vive da fé em Jesus”.

Todos estavam na condição de pecadores, portanto,

“(...) onde está então o motivo para alguém se gloriar? Fica eliminado. Por que lei? Pela lei das obras? Não. Pela lei da fé. Na verdade, estamos convencidos de que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei. Deus será somente Deus dos judeus? Não o será também dos gentios? Sim, Ele é também Deus dos gentios, porque há um só Deus”.

Encontramos, como salmo responsorial, o *De profundis*, que já nos tinha sido apresentado no dia 5 de outubro: é um grito que brota das profundezas da alma, consciente de que a única esperança para sair do abismo está no perdão do Senhor no qual colocamos toda a nossa confiança:

“Do profundo abismo chamo por Vós, Senhor, Senhor, escutai a minha voz. Estejam os vossos ouvidos atentos à voz da minha súplica. Se tiverdes em conta as nossas faltas, Senhor, quem poderá salvar-se? Mas em Vós está o perdão, para Vos servirmos com reverência. Eu confio no Senhor, a minha alma espera na sua palavra. A minha alma espera pelo Senhor mais do que as sentinelas pela aurora”.

No Evangelho da celebração de hoje continuam os “Ai de vós” de Jesus contra a hipocrisia dos escribas e dos fariseus, que querem salvar-se e salvar o povo à sua maneira, não fazendo a correta interpretação do caminho de Deus nem o praticando, mas multiplicando prescrições e perseguindo os verdadeiros profetas:

“Naquele tempo, disse o Senhor aos doutores da lei: «Ai de vós, porque edificais os túmulos dos profetas, quando foram os vossos pais que os mataram. Assim dais testemunho e aprovação às obras dos vossos pais, porque eles mataram-nos e vós levantai os monumentos. É por isso que a Sabedoria de Deus disse: ‘Eu lhes enviarei profetas e apóstolos; e eles hão de matar uns e perseguir outros’. Mas Deus vai pedir contas a esta geração do sangue de todos os profetas, que foi derramado desde a criação do mundo, desde o sangue de Abel até ao sangue de Zacarias, que pereceu entre o altar e o Santuário. Sim, Eu vos digo que se pedirão contas a esta geração.

Ai de vós, doutores da lei, porque tirastes a chave da ciência: vós não entrastes e impedistes os que queriam entrar»”.

A parte final do Evangelho confirma, infelizmente, a hipocrisia incorrigível da classe religiosa que dirige o País, impedindo que os simples encontrem o caminho da salvação: eles não procuram verdadeiramente a Deus, mas a si mesmos e pensam em livrarem-se de Jesus como os seus antepassados procuravam eliminar os profetas:

“Quando Jesus saiu dali, os escribas e os fariseus começaram a persegui-l’O terrivelmente e a provocá-l’O com perguntas sobre muitas coisas, armando-Lhe ciladas, para O surpreenderem nalguma palavra da sua boca”.

Jesus dirá ainda:

“Se o mundo vos odeia, reparaí que, antes que a vós, me odiou a mim. Se viésseis do mundo, o mundo amaria o que é seu; mas, como não vindes do mundo, pois fui Eu que vos escolhi do meio do mundo, por isso é que o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que vos disse: o servo não é mais que o seu senhor. Se me perseguiram a mim, também vos hão de perseguir a vós. Se cumpriram a minha palavra, também hão de cumprir a vossa. Mas tudo isto vos farão por causa de mim, porque não reconhecem aquele que me enviou” (Jo 15,18-21).

Partindo da dimensão universal da salvação realizada em Jesus, torna-se compreensível que a fé una a todos, judeus e pagãos. Ainda mais profunda é a possibilidade de nela participar graças ao sofrimento da perseguição vivida por uma salvação que nos une e salva sem qualquer discriminação de etnia, povo ou cultura. O cardeal vietnamita, Francisco Xavier Nguyễn Van Thuán, que, graças à heroicidade reconhecida das suas virtudes, foi já declarado venerável, é um grande testemunho desta fé e da sua eficácia universal. Como cristão, ele foi alcançado e redimido pela graça de Cristo que salva para além da Lei dos Judeus. Superada toda a redução legalista da Lei na vitória alcançada nos sofrimentos da perseguição a que foi sujeito, graças ao amor obediente abraçou a mesma cruz de Jesus pela salvação pessoal, dos cristãos da sua Igreja de Saigão, até alcançar a salvação para os seus perseguidores. Sendo bispo de Saigão, foi preso pelos comunistas que estavam no poder, foi condenado e ficou na prisão durante 13 anos. Nomeado Presidente do Pontifício Conselho Justiça e Paz, tornou-se cardeal em 2001. Devido a um tumor, morreu com 74 anos, em Roma, no dia 16 de setembro de 2002.

De 3 a 8 de fevereiro de 2002 pregou o último retiro espiritual à Cúria Romana que viria a ser publicado em livro com o título: ***Descobri a alegria da esperança***. Segue-se a penúltima pregação do retiro:

“Quando estava na prisão, por vezes vivia momentos de desespero e de revolta. Perguntava-me por que Deus me tinha abandonado, tendo eu dedicado a minha vida ao seu serviço, na construção de igrejas, escolas, estruturas pastorais, orientar vocações, acompanhar movimentos e experiências espirituais, desenvolver o diálogo inter-religioso, ajudar na reconstrução do meu País no pós guerra, etc. Perguntava-me por que Deus se tinha esquecido de mim e de todas as obras feitas em seu nome. Frequentemente não conseguia dormir e ficava angustiado.

Certa noite, dentro de mim ouvi uma voz que me dizia: “Todas aquelas coisas são obras de Deus, mas não são Deus”. Devia optar por Deus e não pelas suas obras. Talvez um dia, se Deus o quisesse, pudesse retomá-las, mas devia ser Ele a fazer a escolha que a faria melhor do que eu.

A partir daquela altura senti uma grande paz no meu coração e, apesar de todas as provações, sempre repetia para mim mesmo: “Deus e não as obras de Deus”. O que

conta é viver segundo o Evangelho, unicamente disto e para isto, tal como afirmou São Paulo: “Tudo faço por causa do Evangelho” (1 Cor 9, 23).

Em todas as situações, é fundamental viver a partir do essencial. A afirmação tem ainda mais força quando se trata do impulso missionário da nossa vida de pastores. Trata-se de ter o essencial no coração. Quando o essencial nos habita, já não temos necessidade de nada. O mesmo se diga da nossa vida sacerdotal; deve ser Deus e a sua vontade a estar em nós. Se temos Deus, temos tudo; se não temos Deus no nosso coração, falta tudo.

Por isso, quando estava na prisão, todos os dias, antes de celebrar a santa Missa, pensava nas promessas que fizera na altura da minha ordenação episcopal. Com elas tinha-me comprometido a ter sempre Deus para cuidar do essencial na minha vida: Ele e a sua vontade. As promessas feitas na altura da ordenação devem ser renovadas constantemente; elas são um programa de santidade e, se as mantemos, somos santos. Estas promessas interpelam-nos todos os dias. Exigem de nós a fidelidade que não consiste em simples repetições do passado, mas a novidade sempre renovada da entrega do nosso coração a Deus e à Igreja.

O acolhimento da graça de Deus rejuvenesce-nos no nosso compromisso e torna-nos testemunhas de uma experiência sempre nova do amor do Senhor.

É isto que pretendo dizer quando falo da necessidade de recomeçar sempre do essencial: Tudo é relativo, tudo passa. Por isso escrevi o seguinte no meu anel episcopal: “Tudo passa” (Santa Teresa de Jesus, Nada te turbe). Somente Deus permanece e só Ele basta. Não esqueçamos nunca. O essencial somente se perde com o pecado. Se nos esforçamos para sermos fiéis, cuidaremos o essencial no nosso coração e isto nos dará a alegria de começar do zero todos os dias com novo impulso e entusiasmo”.

(Francisco Xavier Nguyễn Van Thuán, *Descobri a alegria da esperança*, Ed. ART, Roma, 2002, pp. 79 e ss.)

15 Outubro 2021

Sexta-feira, 28.^a do Tempo Comum

Rm 4,1-8

Sal 31

Lc 12, 1-7

Todas as passagens da Liturgia da Palavra destacam a importância da fé, pela qual o homem é justificado por Deus através duma justiça que em muito supera o trabalho humano.

“(…) A quem faz um trabalho, o salário não é atribuído como favor, porque é uma obrigação. Pelo contrário, a quem não faz as obras, mas acredita em Deus, que justifica o ímpio, a sua fé é-lhe atribuída como justiça.

Assim também David proclama feliz o homem a quem Deus atribui a justiça independentemente das obras: «Felizes aqueles a quem foram perdoadas as ofensas e absolvidos os pecados. Feliz o homem a quem o Senhor não atribui o pecado!» (Rm 4,4-8).

O salmo utilizado por São Paulo na sua argumentação é o salmo 31, que proclama verdadeiramente a absoluta gratuidade da salvação, exigindo a quem a recebe a confissão do pecado e uma confiança plena de amor, como é de facto a fé autêntica:

“Feliz daquele a quem foi perdoada a culpa e absolvido o pecado. Feliz o homem a quem o Senhor não acusa de iniquidade e em cujo espírito não há engano. Confessei-vos o meu pecado e não escondi a minha culpa. Disse: Vou confessar ao Senhor a minha falta e logo me perdoastes a culpa do pecado. Alegrai-vos, justos, e regozijai-vos no Senhor, exultai, vós todos os que sois retos de coração”.

Jesus ensina essa fé autêntica às multidões que o rodeiam: não a hipocrisia dos fariseus que pretendem salvar-se sozinhos, multiplicando abusivamente os preceitos. A fé autêntica implica a retidão no agir e a total confiança em Deus que também cuida dos pássaros e conta os cabelos da cabeça dos seus filhos. Jesus dirige-se aos ouvintes, àqueles a quem chama afetuosamente “seus amigos”, e não lhes esconde a possibilidade do sofrimento e mesmo do martírio, pedindo a resistência ao pecado e o abandono confiante à providência de Deus.

“Naquele tempo, a multidão afluía aos milhares, a ponto de se atropelarem uns aos outros. E Jesus começou a dizer, em primeiro lugar para os seus discípulos: «Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. Não há nada encoberto que não venha a descobrir-se, nem há nada oculto que não venha a conhecer-se. Por isso, tudo o que tiverdes dito às escuras será ouvido à luz do dia e o que tiverdes dito aos ouvidos, nos aposentos interiores, será proclamado sobre os telhados. Digo-vos a vós, meus amigos: Não temais os que matam o corpo e depois nada mais podem fazer. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: Temei Aquele que, depois de matar, tem poder para lançar na Geena. Sim, Eu vos digo, a Esse é que deveis temer. Não se vendem cinco passarinhos por duas moedas? Contudo, nenhum deles é esquecido diante de Deus. Mais ainda, até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais. Valeis mais do que todos os passarinhos!»”.

Santa Teresa d'Ávila, de quem hoje fazemos memória, encarna perfeitamente a fé que Jesus pede aos seus amigos, cheia de espanto e gratuidade. É uma fé constituída pela confiança, humildade e segurança no plano da Providência. Reformadora do Carmelo, junto com São João

da Cruz, Teresa fundou ela mesma 18 conventos. Quando morreu, faziam parte da reforma numerosos mosteiros, centenas de monjas e outras tantas fundações masculinas com um número ainda maior de frades.

O desejo missionário está na base da reforma de Teresa e da sua difusão extraordinária. Teresa estava convencida que a radicalidade da vida monástica é em si mesma um meio de evangelização: a oração da comunidade, o amor recíproco dos membros e a alegria são uma “boa notícia” apresentada sem grandes palavras, mas visível e impactante para quem entra em contacto com os mosteiros. A santa queria semear novos tabernáculos em qualquer lugar e povoar as suas casas com pessoas que vivessem a adoração a Deus e o amor fraterno em plenitude. O seu livro *As Fundações*, do qual apresentaremos alguns pensamentos, dá-nos uma ideia do espírito missionário desta grande e bem humilde fundadora:

“Uns quatro anos depois, talvez mesmo mais de quatro anos, recebi a visita dum franciscano chamado Frei Alonso Maldonado, grande servo de Deus, e com os mesmos desejos do bem das almas que eu. Grande inveja lhe tive, vendo que podia realizá-los. Tinha chegado das Índias havia pouco e contou-me como por lá se perdiam muitos milhões de almas à falta de doutrina. Depois de nos ter feito um sermão e prática e animar-nos à penitência, partiu. Fiquei numa tristeza profunda e como fora de mim com a perdição de tantas almas. Recolhi-me a uma ermida e, com muitas lágrimas, clamei a Nosso Senhor, suplicando-Lhe que me desse meios de ganhar uma só alma, pois tantas o demónio levava. Pedia-Lhe poder para a minha oração; não estava a meu alcance. Sentia muita inveja dos que, por amor de Deus, podiam dedicar-se à salvação das almas, mesmo através de mil mortes. Quando leio na vida dos santos as conversões que fizeram, sinto muito maior devoção, ternura e inveja por eles do que por todos os mártírios que suportaram. Deu-me Deus esta inclinação, pois mais preza Ele, segundo creio, o esforço e oração para Lhe ganharmos uma alma por Sua misericórdia, do que todos os outros serviços que Lhe pudéssemos fazer. (Fund. 1,7).

(O Padre Geral) alegrou-se por ver como vivíamos e por encontrar uma reprodução - ainda que imperfeita - dos princípios da nossa Ordem, quando a Regra Primitiva se observava com todo o rigor, porque agora todos os mosteiros seguiam a Regra Mitigada. E com grande desejo de a ver progredir neste princípio, deu-me largas patentes para novos mosteiros munidas de censuras para que nenhum Provincial me pudesse ir à mão. Não lho tinha pedido, contudo, ele entendeu, pela minha maneira de proceder na oração, que era grande a minha vontade de ajudar as almas a irem para Deus.

Estes meios não os procurava eu, antes me pareciam desatino; porque uma mulherzita tão pobre e fraca como eu reconhecia que não podia fazer nada; mas, quando a alma é assaltada por tais desejos não tem poder para sujeitá-los. O amor de contentar a Deus e a fé tornam possível o que por razão não o é: e assim, vendo no Nosso Reverendíssimo Geral o desejo de mais mosteiros, já me parecia vê-los concluídos. Recordando-me então das palavras de Nosso Senhor, comecei a ver um princípio do que antes não podia entender [...].

Mas, considerando eu alguns dias depois que, se se fundassem mosteiros de monjas, precisava de frades da mesma Regra, e vendo tão poucos nesta Província e esses mesmo já com pouca vida, encomendei muito o caso a Nosso Senhor e escrevi uma carta ao nosso Padre Geral a suplicar-lhe o melhor que soube. Expliquei as razões que havia para glória de Deus, fiz ver como os inconvenientes prováveis não eram motivo bastante para abandonar tão santa empresa e mostrei-lhe quanto seria serviço de Nossa Senhora, de quem era muito devoto. A Ela se deve, decerto, o êxito do negócio porque, recebendo a carta em Valência, logo dali me mandou licença para fundar dois mosteiros, mostrando assim quanto desejava o maior fervor da Ordem [...].

Fiquei consolada com as licenças, mas começou a crescer o meu cuidado por não haver na Província frade competente para o realizar, nem secular com desejo de consagrar-se a dar-lhe começo. Pelo menos assim me parecia. Não fazia senão suplicar a Nosso Senhor que despertasse alguém. Não tinha sequer casa nem meios de a conseguir. E aqui têm uma pobre freira descalça, sem ajuda de ninguém, senão só do Senhor, carregada de patentes e de bons desejos, sem nenhuma possibilidade de os pôr por obra. O ânimo não desfalecia nem a esperança, pois o Senhor, dando uma coisa, daria também a outra. Já tudo me parecia muito possível e, por isso, comecei a agir.

*Oh! Grandeza de Deus! Como manifestais o Vosso poder dando ousadia a uma formiga! É certo, Senhor, que não é por Vossa culpa não fazermos grandes obras, nós os que Vos amamos! É por nossa cobardia e pusilanimidade! Nunca nos decidimos senão cheios de temores e prudências humanas e, assim, meu Deus, não operais Vossas maravilhas e grandezas. Quem mais amigo de dar, se tivesse a quem, ou mais amigo de receber serviços à Sua própria custa! Ah! Se já Vos tivera feito algum! Mas praza à Vossa Majestade que não tenha antes de dar contas por tantos que recebi! Amen! (**Fund** 2,3-7).*

“(...) via claramente que Nosso Senhor me dava forças; porque acontecia por vezes, ao tratar-se de fundação, achar-me com tantos males e dores que me afligia muito, por me parecer, mesmo na cela, não podia estar senão deitada. Então voltava-me para Nosso Senhor, queixando-me a Sua Divina Majestade e perguntava-Lhe como queria que fizesse o que não podia, ainda que com trabalho. Sua Majestade dava-me forças e com o fervor que me incutia, e o cuidado que eu trazia, dir-se-ia que me esquecia de mim mesma.

*Que me lembre, nunca deixei de fundar por medo ou trabalho, embora sentisse grande relutância pelas caminhadas sobretudo sendo longas. No entanto, quando me punha a caminho, tudo me parecia pouco, vendo em serviço de Quem se fazia e considerando que naquela casa se haveria de louvar o Senhor e haver o Santíssimo Sacramento (**Fund.** 18,4-5).*

16 Outubro 2021

Sábado, 28.^a do Tempo Comum

Rm 4,13.16-18

Sal 104

Lc 12,8-12

São Paulo exalta a fé de Abraão, que pela sua fé se tornou pai de muitos povos. É pela fé que se cumprem as promessas. A lei dada a Moisés é boa santa, mas é somente uma etapa provisória no conjunto do plano de salvação, que se cumpre em Cristo Jesus e que tem uma dimensão universal.

“Irmãos: Não foi por meio da Lei, mas pela justiça da fé, que se fez a Abraão ou à sua descendência a promessa de que receberia o mundo como herança. Portanto, a herança vem pela fé, para que seja dom gratuito de Deus e a promessa seja válida para toda a descendência, não só para a descendência segundo a Lei, mas também para a descendência segundo a fé de Abraão. Ele é o pai de todos nós, como está escrito: «Fiz de ti o pai de muitos povos». Ele é o nosso pai diante d’Aquele em quem acreditou, o Deus que dá vida aos mortos e chama à existência o que não existe. Esperando contra toda a esperança, Abraão acreditou, tornando-se pai de muitos povos, como lhe tinha sido dito: «Assim será a tua descendência»”.

Na leitura cristã do salmo 104, afirma-se a universalidade e fidelidade de Deus, que sempre se recordava da sua aliança, feita com Abraão e com a sua descendência, ainda antes do dom da lei:

“Descendentes de Abraão, seu servo, filhos de Jacob, seu eleito, O Senhor é o nosso Deus e as suas sentenças são lei em toda a terra. Ele recorda sempre a sua aliança, a palavra que empenhou para mil gerações, o pacto que estabeleceu com Abraão, o juramento que fez a Isaac. Não Se esqueceu da palavra sagrada que dera a Abraão, seu servo, e fez sair o povo com alegria, os seus eleitos com gritos de júbilo”.

Na passagem do Evangelho de hoje, podemos ver uma explicitação daquilo que São Paulo afirmava na carta aos Romanos: não somente a lei, mas a fé permite reconhecer o Cristo como plenitude das promessas feitas aos Pais. Quando Jesus sente que a hostilidade e a rejeição crescem contra ele, pede aos seus fiéis para o reconhecerem e para não o renegarem. Assegura que o Espírito Santo os defenderá quando levados aos tribunais e que lhes ensinará o que devem dizer:

“Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «A todo aquele que Me tiver reconhecido diante dos homens também o Filho do homem o reconhecerá diante dos Anjos de Deus. Mas quem Me tiver negado diante dos homens será negado diante dos Anjos de Deus. E todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem será perdoado; mas quem tiver blasfemado contra o Espírito Santo não será perdoado. Quando vos levarem às sinagogas, aos magistrados e às autoridades, não vos preocupeis com o que haveis de responder nem com o que haveis de dizer em vossa defesa. O Espírito Santo vos ensinará naquela hora o que haveis de dizer»”.

Em tempos recentes, na Igreja da Argélia, 19 mártires cristãos deram-nos um grande exemplo de fé e de parrésia evangélica. Reconhecendo Cristo e podendo abandonar aquele lugar, não só não o abandonaram, como ainda amaram e perdoaram antecipadamente aos seus perseguidores.

Deram testemunho que o amor é possível e pode tornar-se visível também em momentos trágicos de uma guerra civil, através do serviço aos poucos cristãos daquele País, vivendo em amizade e diálogo fraterno com os muçulmanos - também eles filhos de Abraão, pai de todos os crentes - e procurando aliviar os sofrimentos do próximo, sem distinção de raça ou religião. Pierre Claverie, Bispo de Oran, filho da Argélia colonial, foi um destes 19 mártires. Foi assassinado durante a guerra civil, no dia 1 de agosto de 1996, juntamente com o seu jovem motorista muçulmano Mohamed Bouchikhi. Foi beatificado em Oran, no ano de 2019, junto com os seus 18 companheiros.

A 9 de outubro de 1981, dia da sua tomada de posse na catedral de Oran, o bispo Pierre tinha indicado, na sua homilia, como entendia a sua missão e a da Igreja numa Argélia independente e totalmente muçulmana:

“A nossa Igreja é enviada em missão. Não tenho medo de o dizer e de afirmar também a minha alegria pelo facto de entrar convosco nesta missão. Existem muitos mal-entendidos do passado que chegam até nós acerca da missão e dos missionários. Dizemo-lo hoje claramente que não somos e não queremos ser agressores [...]. Não somos e não queremos ser soldados de uma nova cruzada contra o Islão, contra os não crentes ou contra qualquer outra pessoa [...]. Não queremos ser agentes de um neocolonialismo económico ou cultural que divida o povo muçulmano para melhor o dominar [...]. Não somos e não queremos ser evangelizadores proselitistas que pensam honrar o amor de Deus com um zelo leviano ou falta de respeito pelo outro, pela sua cultura, pela sua fé [...]. Somos e queremos ser missionários do amor de Deus tal como o descobrimos em Jesus Cristo. Infinitamente respeitoso dos homens, este amor não se impõe, nada impõe, não viola consciências e corações. Pela sua presença e delicadamente, liberta o que estava acorrentado, reconcilia o que estava dividido, restaura o que estava quebrado [...]. É este amor que conhecemos e nele acreditamos [...]. Por ele fomos agarrados e levados. Acreditamos que aceitando um pouco esse amor, a vida da humanidade pode ser renovada [...].”

Seis meses antes da sua morte, escrevia um texto com o título **Humanidade plural**:

“Nesta experiência de encerramento, depois da crise e da emergência do indivíduo, cresce em mim a convicção pessoal que a humanidade só pode ser plural e que não pretendemos - tivemos a triste experiência na história da Igreja católica - possuir a verdade ou falar em nome da humanidade, caindo em totalitarismo ou exclusões. Ninguém é dono da verdade; somos todos buscadores da verdade. Existem certamente verdades objetivas que estão para além de todos nós e às quais somente podemos ter acesso através de um longo caminho e reconstruindo-a paulatinamente, alcançando alguma coisa noutras culturas, noutras maneiras de viver, naquilo que outros também alcançaram, que outros procuraram no seu caminho para a verdade. Sou crente, acredito em Deus, mas não pretendo possuir Deus, nem por meio de Jesus que é o seu rosto. Nem através dos dogmas da minha fé. Não se possui Deus. Não somos donos da verdade e eu tenho necessidade da verdade dos outros”.

No final de junho de 1996, Pierre Claverie encontra-se em Prouilhe, o berço da Ordem dominicana e, numa das suas pregações, confia-nos o seu testamento:

“Desde o drama argelino, muitas vezes as pessoas perguntam-me: “O que é que vós estais aí a fazer? Porque é que ficais aí? Sacudi o pó das vossas sandálias e voltai para a vossa casa!” “A vossa casa ...” Onde é que é a nossa casa? ... Estamos lá por causa desse Messias crucificado. Por causa de nada mais e de mais ninguém! Não temos interesses a salvar, nem influência a manter. Não estamos pressionados por nenhum tipo de perversão masoquista. Não temos nenhum poder, mas permanecemos lá, como

ao lado da cama de um amigo, um irmão doente, em silêncio, apertando a sua mão, limpando a sua fronte. Por causa de Jesus, porque é Ele quem sofre ali, nessa violência que não poupa ninguém, crucificado novamente na carne de milhares de pessoas inocentes.

Como Maria, sua mãe, como São João, estamos lá, aos pés da cruz, onde Jesus morre, abandonado pelos seus, escarnecido pela multidão. Não é essencial que um cristão esteja lá, em lugares de sofrimento, de abandono, em lugares onde não há ninguém?... Onde estaria a Igreja de Jesus Cristo, o próprio Corpo de Cristo, se não estivesse primeiramente lá? Eu acredito que ela morre por não estar suficientemente perto da Cruz do seu Senhor.

Por mais paradoxal que pareça - e São Paulo bem o mostra - a força, a vitalidade, a esperança, a fecundidade cristã, a fecundidade da Igreja vêm daí: não de outro lugar, nem de outra maneira. A Igreja engana-se, e engana o mundo, quando se situa como um poder entre outros, como uma organização, até mesmo humanitária, ou como um movimento evangélico muito espetacular: pode brilhar, mas ela não queima com o fogo do amor de Deus, forte como a morte, como diz o Cântico dos Cânticos. Pois é amor aqui, amor primeiro, amor só. Uma paixão pela qual Jesus nos deu o gosto e preparou o caminho: Não há maior amor do que dar a vida por aqueles que amamos.

Dar a nossa vida. Isso não é reservado aos mártires ou, pelo menos, talvez sejamos chamados a nos tornarmos mártires que testemunham o dom gratuito do amor, o dom gratuito da nossa vida. Esse dom chega até nós pela graça de Deus dada em Jesus Cristo. Dar a sua própria vida é isso e nada mais! Em cada decisão, em cada ato, dando concretamente algo de si mesmo: o seu tempo, o sorriso, a amizade, as suas capacidades, a presença - ainda que silenciosa, impotente - a sua atenção, o seu apoio material, moral ou espiritual, a sua mão estendida ... sem cálculo, sem reserva, sem medo de perder ...”

(Homilia em Prouilhe, 23 de junho de 1996: *O caminho espiritual*, Éditions du Cerf, Paris 1997, p. 833-834)

17 Outubro 2021

Domingo, 29.^a do Tempo Comum - Ano B

Is 53,10-11

Sal 32

Hb 4,14-16

Mc 10,35-45

O tema da Liturgia da Palavra deste XXIX Domingo do Tempo Comum é a vida entendida como serviço e não como posse. A primeira leitura oferece-nos o poema do servo de Javé, em cujo sofrimento e humilhação a Igreja vê uma prefiguração do sofrimento e da morte de Cristo, que sofre por nós, faz-se solidário connosco e nos redime dos nossos pecados:

“Aproveu ao Senhor esmagar o seu servo pelo sofrimento. Mas, se oferecer a sua vida como sacrifício de expiação, terá uma descendência duradoira, viverá longos dias, e a obra do Senhor prosperará em suas mãos. Terminados os sofrimentos, verá a luz e ficará saciado na sua sabedoria. O justo, meu servo, justificará a muitos e tomará sobre si as suas iniquidades”.

Só no Senhor devemos esperar, Ele é a nossa referência: a terra está cheia do seu amor, Ele é o nosso auxílio e a nossa proteção:

“A palavra do Senhor é reta, da fidelidade nascem as suas obras. Ele ama a justiça e a retidão: a terra está cheia da bondade do Senhor. Os olhos do Senhor estão voltados para os que O temem, para os que esperam na sua bondade, para libertar da morte as suas almas e os alimentar no tempo da fome. A nossa alma espera o Senhor: Ele é o nosso amparo e protetor. Venha sobre nós a vossa bondade, porque em Vós esperamos, Senhor”.

A carta aos Hebreus convida-nos a afirmar a fé naquele que, apesar de ser Filho de Deus, por amor quis experimentar a fragilidade, a tentação e a dor que caracterizam a condição depois do pecado. Precisamente por tudo isto, podemos-nos aproximar dele com plena confiança:

“Irmãos: Tendo nós um sumo sacerdote que penetrou os Céus, Jesus, Filho de Deus, permaneçamos firmes na profissão da nossa fé. Na verdade, nós não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas. Pelo contrário, Ele mesmo foi provado em tudo, à nossa semelhança, exceto no pecado. Vamos, portanto, cheios de confiança ao trono da graça, a fim de alcançarmos misericórdia e obtermos a graça de um auxílio oportuno”.

No Evangelho vemos como a atitude dos filhos de Zebedeu é exatamente contrária à do Mestre: comportam-se como adolescentes presunçosos, que procuram somente serem os primeiros e brilharem diante dos companheiros que, obviamente, se indignam.

“Naquele tempo, Tiago e João, filhos de Zebedeu, aproximaram-se de Jesus e disseram-Lhe: «Mestre, nós queremos que nos faças o que Te vamos pedir». Jesus respondeu-lhes: «Que quereis que vos faça?». Eles responderam: «Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda». Disse-lhes Jesus: «Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que Eu vou beber e receber o batismo com que Eu vou ser batizado?». Eles responderam-Lhe: «Podemos». Então Jesus disse-lhes: «Bebereis o cálice que Eu vou beber e sereis batizados com o batismo com que Eu vou ser batizado. Mas sentar-se à minha direita ou à minha esquerda não Me pertence a

Mim concedê-lo; é para aqueles a quem está reservado». Os outros dez, ouvindo isto, começaram a indignar-se contra Tiago e João”.

Jesus responde com ternura ao pretensioso pedido dos filhos de Zebedeu. Faz-lhes ver que queriam um privilégio que, na sua ignorância, não podem imaginar a sua importância e que não é da competência de Jesus concedê-lo. Ao mesmo tempo, Jesus parece aprovar a sua ousada confiança em afirmar que são capazes de beber o seu cálice: *“A taça que eu bebo, também vós bebereis, e no batismo em que fui batizado também sereis batizados”*. É como se ficasse triste pelo sofrimento e morte que os seus apóstolos terão de assumir em virtude da sua condição humana e pelo amor, ainda que pequeno e imperfeito, que têm pelo Mestre.

Ciente que a indignação dos outros dez está no mesmo patamar de Tiago e João, Jesus dá-lhes uma maravilhosa lição de humildade, serviço e entrega, mostrando quem é o verdadeiro discípulo:

“Jesus chamou-os e disse-lhes: «Sabeis que os que são considerados como chefes das nações exercem domínio sobre elas, e os grandes fazem sentir sobre elas o seu poder. Não deve ser assim entre vós: quem entre vós quiser tornar-se grande será vosso servo, e quem quiser entre vós ser o primeiro será escravo de todos; porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de todos»”.

A liturgia dominical prevalece sobre a memória dos santos, mas hoje não podemos passar sem recordar Santo Inácio de Antioquia, chamado o Teóforo, bispo e mártir na Síria, segundo sucessor de São Pedro na cátedra de Antioquia, contado entre os padres apóstólicos e os padres da Igreja.

Grande testemunha do fervor da Igreja apostólica, o seu amor a Cristo fez dele um dos maiores apóstolos e missionários.

Na sequela do seu Mestre, também ele se tornou um servo sofredor como afirma Isaías na primeira leitura, e um sacerdote provado como Jesus, como afirma a carta aos Hebreus. Ele bebeu o cálice do Senhor e fez-se escravo de todos, conforme o convite do Evangelho.

Levado a Roma para ser feito pedaços pelas feras, morreu no décimo ano do imperador Trajano. Durante a viagem, acorrentado e vexado por um punhado de soldados (os ‘dez leopardos’) escreveu cartas dirigidas às Igrejas da Ásia e da Grécia.

“Escrevo a todas as Igrejas e declaro a todas que estou contente por morrer pelo Senhor, desde que vós não me ponhais obstáculos. Suplico-vos que não mostreis uma benevolência intempestiva. Deixai que me torne alimento das feras, por meio delas poderei chegar à posse de Deus. Sou trigo de Deus e devo ser triturado pelos dentes das feras, para que seja encontrado puro pão de Cristo. Acariciai antes as feras para que não se tornem o meu túmulo e nada deixem do meu corpo, de modo que, depois de ter morrido, não seja peso para ninguém. Serei, deste modo, verdadeiro discípulo de Cristo, quando o meu corpo for retirado da vista do mundo. Suplicai ao Senhor por mim, para que me torne hóstia para o Senhor.

Não vos dou ordens como Pedro e Paulo; esses eram Apóstolos, eu sou um condenado; eles eram livres, eu, até este momento, sou um escravo. Mas, se sofrer o martírio, ficarei um liberto de Cristo, n`Ele ressuscitarei livre. Agora que estou a ferros, aprendo a não ter desejos terrenos.

Da Síria, viajando para Roma, combato com feras, por terra e por mar, de dia e de noite, ligado com cadeias e na companhia de dez leopardos, quer dizer, um manípulo de soldados, que quanto melhor os trato, piores se tornam. Os seus maus tratos são ensino para mim, mas isto não os justifica. O Senhor me concede poder de usufruir das feras que me estão preparadas e que desejo que rapidamente me despedacem; eu as incitarei para que me devorem depressa: e não como fizeram a outros, a quem não tocaram como tomadas... de misterioso temor. Se elas mostrassem para comigo

intenções benévolas, eu próprio as forçarei a despedaçar-me. Tende piedade de mim. Eu sei aquilo que me convém: agora começo a ser verdadeiro discípulo de Cristo: que a minha alma se não prenda a nenhuma coisa visível ou invisível, para que possa seguir Jesus Cristo. Fogo e cruz, bandos de feras, despedaçamento, ossos partidos, mutilação dos membros, trituração de todo o corpo, todos os cruéis tormentos do Diabo venham sobre mim; desde que eu chegue a possuir Jesus Cristo.

Para nada me serviriam os prazeres do mundo ou os reinos da terra: prefiro morrer por Cristo, antes do que reinar sobre todo o mundo. Procuvo Aquele que morreu por nós: sim, quero aquele que por nós ressuscitou. O meu renascimento está próximo. Perdoai-me, irmãos; não me queirais impedir de entrar na vida; não queirais que morra da verdadeira morte, não queirais entregar-me ao mundo e enganar-me, por amor das coisas temporais; quero ser todo do meu Deus!

Deixai-me subir à luz pura; quando lá chegar, serei então verdadeiro homem; deixai-me imitar a Paixão do meu Deus. Se alguém tem no coração este Deus, compreenderá o meu desejo e compadecerá a minha dor, pensando na angústia que aperta o meu coração.

O príncipe deste mundo quer roubar-me e corromper a minha vontade e o bom desejo que tenho relativamente a Deus. Nenhum de vós favoreça os seus planos; sede antes meus colaboradores ou melhor colaboradores de Deus. Não deveis falar de Jesus, se tendes no coração o amor da vida temporal. Não habite entre vós a inveja e mesmo se eu, quando estiver entre vós, vos suplicasse [para interceder pela minha salvação] não me deis ouvidos; acreditai naquilo que vos escrevo agora: escrevo-vos cheio de vida, mas enamorado da morte. Todos os meus desejos terrenos estão crucificados; não tenho em mim nenhum fogo de desejos temporais, mas uma água viva que fala, nasce em mim e diz: Vem para o Pai. Não sinto gosto nem prazer em qualquer alimento terreno, nem nos prazeres do mundo; quero antes o pão de Deus, que é a carne de Jesus Cristo, nascido de David, e por bebida quero o seu Sangue, que é amor incorruptível.

Não quero continuar a viver segundo a vida terrena e isto acontecerá, se vós o quiserdes: peço-vos, pois, que assim o queirais, para que tenhais o meu agradecimento. Em poucas palavras, vos expus o meu desejo: acreditai-me! Jesus vos fará compreender que digo a verdade: Ele é a boca verdadeira; por Ele falou o Pai. Pedi-lhe a graça de que eu obtenha tudo o que desejo: escrevo-vos não segundo a carne, mas segundo o pensamento de Deus. Se for martirizado, é sinal de que me amais; se for libertado, provais que me odiais.

Recordai-vos nas vossas orações da Igreja da Síria, que presentemente, na minha falta, tem Deus por pastor; só Jesus Cristo e a vossa caridade a governarão [na falha do bispo ausente]. Na verdade, envergonho-me de me contar no número dos seus membros: não sou digno, porque sou o último e abortivo; mas obtive misericórdia para ser eu também qualquer coisa, se consigo alcançar a Deus. Saúda-vos o meu espírito conjuntamente com as representações das Igrejas que me acolheram no nome de Jesus Cristo, não como um simples peregrino. As Igrejas, com efeito, que não estão confiadas aos meus cuidados, ao longo do caminho que tenho percorrido corporalmente, de cidade em cidade, vieram ao meu encontro [para me verem e saudarem].

Escrevo-vos esta carta de Esmirna [e mando-a] por alguns cristãos de Éfeso, sob todos os aspetos, dignos de elogio. Juntamente com muitos outros, está comigo Croco, nome que me é muito caro. Quanto àqueles que da Síria me precedem em Roma para glória de Deus, creio que os tereis conhecido; dissei-lhes que eu, finalmente, estou perto. Eles todos são dignos de Deus e de vós e é justo que em tudo lhes sejais de conforto e auxílio. Escrevo esta carta, hoje, 24 de agosto. Sede fortes até ao fim, sofrendo tudo por amor de Jesus Cristo”.

(Santo Inácio de Antioquia, *As Cartas, Carta aos Romanos*, IV-X, Coleção Patrística, Ed. Paulistas, Lisboa, 1 de março 1960, pp. 111-119).

18 Outubro 2021

Festa de São Lucas, evangelista

2 Tm 4,10-17b

Sal 144

Lc 10,1-9

São Lucas era discípulo da segunda geração cristã, homem culto, médico, provavelmente proveniente de Antioquia da Síria. Dante define-o como escriba da mansidão de Cristo. Não pertencia ao grupo dos apóstolos nem ao dos 72 discípulos e não tinha conhecido Jesus.

Escreve Paulo VI na Exortação Apostólica **Evangelii Nuntiandi**:

“O testemunho que o Senhor dá de si mesmo e que São Lucas recolheu no seu Evangelho, “Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus”, tem, sem dúvida nenhuma, uma grande importância, porque define, numa frase apenas, toda a missão de Jesus: “Para isso é que fui enviado”. Estas palavras assumem o seu significado pleno se se confrontam com os versículos anteriores, nos quais Cristo tinha aplicado a si próprio as palavras do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os pobres”. Andar de cidade em cidade a proclamar, sobretudo aos mais pobres, e muitas vezes os mais bem-dispostos para o acolher, o alegre anúncio da realização das promessas e da aliança feitas por Deus, tal é a missão para a qual Jesus declara ter sido enviado pelo Pai. E todos os aspetos do seu mistério, a começar da própria encarnação, passando pelos milagres, pela doutrina, pela convocação dos discípulos e pela escolha e envio dos doze, pela cruz, até a ressurreição e à permanência da sua presença no meio dos seus, fazem parte da sua atividade evangelizadora” (EN 6, 8 dezembro 1975).

O Evangelho de Lucas testemunha a grande misericórdia de Deus e a predileção de Jesus pelos pobres. É o Evangelho da oração e da alegria. São numerosas e sempre tratadas com delicadeza as personagens femininas. Pode-se pensar que que as notícias sobre a anunciação do anjo a Maria, sobre o nascimento e sobre a infância do Messias lhe tenham sido comunicadas diretamente por Maria ou por testemunhas credíveis próximas de Maria. Diz-se ainda que São Lucas era um bom pintor: quantos ícones de Nossa Senhora lhe foram atribuídos!

A modéstia de São Lucas é tanta que somente com São Paulo conhecemos o seu nome. Além do Evangelho, São Lucas escreveu também o livro *Atos dos Apóstolos*, continuação do Evangelho. Acompanhou São Paulo em algumas das suas viagens. Em três oportunidades, São Paulo menciona o seu nome:

“Demas abandonou-me. Preferiu o mundo presente e foi para Tessalónica. Crescente foi para a Galácia, e Tito para a Dalmácia. Apenas Lucas está comigo. Traz contigo Marcos, pois me será de grande ajuda no ministério. Quanto a Tíquico, enviei-o a Éfeso. Quando vieres, traz o manto que deixei em Tróade, em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos” (2 Tm 4,10-13).

Tal como São Paulo, também São Lucas foi um grande anunciador da “boa nova” de Cristo e, com ele, *levou a cabo o anúncio do Evangelho para que todos os gentios o escutassem.*

“Alexandre, o fundidor de cobre, causou-me muitos danos. O Senhor lhe retribuirá segundo as suas obras. Toma tu também cuidado com ele, pois muito se tem oposto ao nosso ensinamento. Na minha primeira defesa, ninguém esteve ao meu lado. Todos me abandonaram. Que não lhes seja levado em conta. O Senhor, porém, esteve comigo e deu-me forças, a fim de que, por meu intermédio, o anúncio fosse plenamente proclamado e todos os gentios o escutassem” (2 Tm 4,14-17).

O salmo responsorial convida o cosmos e os fiéis a louvarem e bendizerem o Senhor. Todas as coisas e todos os homens devem falar da alegria e do poder de Deus para que todos o conheçam. A todos deve ser anunciado que Deus reina para sempre com justiça e bondade e está perto daquele que o invoca:

“Graças Vos deem, Senhor, todas as criaturas e bendigam-Vos os Vossos fiéis. Proclamem a glória do vosso reino, e anunciem os vossos feitos gloriosos. Para darem a conhecer aos homens o vosso poder, a glória e o esplendor do vosso reino. O vosso reino é um reino eterno, o vosso domínio estende-se a todas as gerações. O Senhor é justo em todos os seus caminhos, perfeito em todas as suas obras. O Senhor está perto de quantos O invocam, de quantos O invocam em verdade”.

O Evangelho apresenta-nos o envio dos discípulos em missão:

“Naquele tempo, designou o Senhor setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir. E dizia-lhes: «A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao dono da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Ide: Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos. Não leveis bolsa nem alforge nem sandálias, nem vos demoreis a saudar alguém pelo caminho. Quando entrardes nalguma casa, dizei primeiro: ‘Paz a esta casa’. E se lá houver gente de paz, a vossa paz repousará sobre eles; senão, ficará convosco. Ficai nessa casa, comei e bebei do que tiverem, que o trabalhador merece o seu salário. Não andeis de casa em casa. Quando entrardes nalguma cidade e vos receberem, comei do que vos servirem, curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: ‘Está perto de vós o reino de Deus’»”.

Para comentar este Evangelho, escolhemos uma homilia de um outro grande evangelizador: São Gregório Magno, Padre e Doutor da Igreja. Foi Prefeito de Roma, depois tornou-se monge beneditino e finalmente foi eleito Sumo Pontífice em tempos extremamente difíceis para a cidade de Roma, para a Igreja e para a Europa. Enviou quarenta monges beneditinos para evangelizar a Grã-Bretanha, obtendo a conversão daqueles povos.

“Nosso Senhor e Salvador, irmãos caríssimos, instrui-nos quer pelas suas palavras, quer pelas suas ações. As suas ações são, elas mesmas, mandamentos porque, quando faz alguma coisa sem nada dizer, mostra-nos como devemos nós agir.

Eis, pois, que envia os seus discípulos a pregar, dois a dois, porque os mandamentos da caridade são dois: o amor a Deus e ao próximo. Sem dois não pode acontecer a caridade. Para que haja caridade, o amor deve tender para o outro: não é propriamente dito que se tenha caridade para consigo mesmo. O Senhor envia os seus discípulos a pregar dois a dois para nos sugerir, sem o dizer, que quem não tem caridade para com o outro não deve de forma alguma empreender o ministério da pregação.

Fica muito claro que “os envia dois a dois à sua frente a todas as aldeias e localidades em que ele mesmo deveria ir” (Lc 10,1). Com efeito, o Senhor segue seus pregadores, porque a pregação é um preâmbulo e ele entra na morada da nossa mente quando as palavras da exortação o precedem, pelas quais a verdade é recebida. É por isso que o próprio Isaías diz aos pregadores: “Preparai o caminho do Senhor, aplanai... uma estrada para o nosso Deus” (Is 40,3). Por isso o salmista lhes diz: “Abri caminho àquele que cavalga sobre as nuvens” (Sl 67,5).

O Senhor ergue-se ao pôr-do-sol porque, tendo-lhe tocado a morte na paixão, manifestou-se com maior glória na sua ressurreição. Ergueu-se ao pôr-do-sol porque, ressuscitando, esmagou aos pés a morte que tinha sofrido. Abrimos, portanto, o

caminho àquele que se eleva ao pôr-do-sol, quando pregamos a sua glória às vossas almas para que, ao chegar, as ilumine pela presença do seu amor.

Oiçamos o que diz o Senhor ao enviar os pregadores: “A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, portanto, ao Senhor da messe para que envie trabalhadores para a sua messe” (Mt 9,37-38). Para a grande messe, os trabalhadores são poucos. É com profunda tristeza que falamos desta escassez, pois há pessoas que escutariam a boa nova, mas faltam os pregadores. Eis que o mundo está cheio de sacerdotes, mas raramente se encontra aqueles que trabalham na messe do Senhor; assumimos o ministério sacerdotal, mas não realizamos as obras que o ministério implica.

Refleti atentamente sobre o que está escrito, caríssimos irmãos: «Rogai ao Senhor da messe para que envie trabalhadores para a sua messe». Rogai por nós, para que sejamos capazes de trabalhar para vós de forma adequada, para que a língua não fique muda no exortar, e o nosso silêncio não nos condene junto do justo juiz, nós que assumimos o ministério de pregadores.

Frequentemente a língua dos pregadores perde a sua fluidez por causa das suas culpas; frequentemente é retirada a possibilidade da pregação aos responsáveis por culpa dos fiéis. A língua dos pregadores é impedida pela sua iniquidade, tal como afirma o salmista: «Ao pecador, Deus declara: Porque andas sempre a falar da minha lei?» (Sl 49,16).

Outras vezes, como diz o Senhor a Ezequiel, a voz do pregador é impedida pela culpa dos fiéis: «Farei aderir a tua língua ao teu palato, de tal maneira que emudecerás e não poderás falar-lhes, pois são uma raça de gente rebelde» (Ez 3,26). É como se dissesse: ficas sem a palavra da pregação, porque o povo não é digno de ouvir a exortação da verdade, esse povo que nas suas obras é rebelde contra Deus. Nem sempre é fácil saber quem é o culpado para que a palavra seja tirada ao pregador. Mas sabe-se com toda a certeza que o silêncio do pastor por vezes faz mal a si mesmo e sempre lesa os fiéis que lhe são confiados. Há ainda outras coisas, caríssimos irmãos, que me entristecem profundamente sobre como vivem os pastores. E para que não resulte ofensivo para quem quer que seja o que vou dizer, acuso-me também a mim mesmo, embora esteja neste lugar não por minha livre escolha, mas sim obrigado pelos tempos calamitosos em que vivemos.

Estamos envolvidos em assuntos terrenos, sendo que é outra coisa o que assumimos com o ministério sacerdotal, outra coisa que mostramos com os factos. Abandonamos o ministério da pregação e chamamo-nos bispos, mas talvez isso redunde na nossa condenação, visto que temos o título honorífico, mas não as qualidades.

Os que nos foram confiados abandonam Deus e nós estamos calados. Permanecem nos seus pecados e nós não lhes estendemos a mão para os corrigir.

Mas como será possível corrigirmos a vida dos outros, se negligenciamos a nossa? Todos voltados para os assuntos terrenos, tornamo-nos tanto mais insensíveis interiormente quanto mais parecemos atentos aos assuntos exteriores.

Acertadamente diz a santa Igreja sobre os seus membros doentes: «Puseram-me de guarda às vinhas; e a minha própria vinha não guardei» (Ct 1,6).

Colocados como guardiães das vinhas, não cuidamos verdadeiramente a vinha, porque envolvidos em coisas alheias, negligenciamos o ministério que deveríamos cumprir.

(Homilia XVII, para os bispos em Latrão)

19 Outubro 2021

Terça feira, 29.^a do Tempo Comum

Memória facultativa dos Santos João de Brébeuf, Isaac Jogues e companheiros, mártires

Memória facultativa do Beato Jerzy Popiełuszko, mártir

Rm 5,12. 15b.17-19.20b-21

Sal 39

Lc 12,35-38

“Irmãos: Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo e pelo pecado a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, porque todos pecaram. Se pelo pecado de um só pereceram todos, com muito mais razão a graça de Deus, dom contido na graça de um só homem, Jesus Cristo, se concedeu com abundância a todos os homens. Se a morte reinou pelo pecado de um só homem, com muito mais razão, aqueles que recebem com abundância a graça e o dom da justiça, reinarão na vida por meio de um só, Jesus Cristo. Porque, assim como pelo pecado de um só, veio para todos os homens a condenação, assim também, pela obra de justiça de um só, virá para todos a justificação que dá a vida. De facto, como pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um só, todos se tornarão justos. Onde abundou o pecado superabundou a graça, para que, assim como o pecado reinou pela morte, também a graça reine pela justiça, para nos dar a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor”.

A morte entrou no mundo pelo pecado de Adão e todos os homens, pertencendo à estirpe de Adão, receberam dele a morte como herança. Jesus Cristo, novo Adão, dá ao mundo um novo início, *pela obra de justiça de um só, virá para todos a justificação que dá a vida.* Esta vida recebida de Cristo não tem comparação com a anterior. Recebemos uma graça superabundante, fomos levantados na nossa natureza humana: tornamo-nos filhos no Filho, recebemos o Espírito Santo e a nossa herança é a vida eterna. Verdadeiramente *a graça de Deus, dom contido na graça de um só homem, Jesus Cristo, se concedeu com abundância a todos os homens.*

O salmo 39, escolhido como salmo responsorial, é um salmo messiânico, que termina com a ação de graças e a alegria de todos os buscadores de Deus: *“Alegrem-se e exultem em Vós todos os que Vos procuram. Digam sempre: «Grande é o Senhor» os que desejam a vossa salvação”.*

“Não Vos agradaram sacrifícios nem oblações, mas abristes-me os ouvidos; não pedistes holocaustos nem expiações, então clamei: «Aqui estou». «De mim está escrito no livro da Lei que faça a vossa vontade. Assim o quero, ó meu Deus, a vossa lei está no meu coração». Proclamarei a justiça na grande assembleia, não fechei os meus lábios, Senhor, bem o sabeis. Alegrem-se e exultem em Vós todos os que Vos procuram. Digam sempre: «Grande é o Senhor» os que desejam a vossa salvação”.

Recordar a maneira como a carta aos Hebreus cita este salmo leva a moderar a alegria da salvação na medida em que tomamos consciência do preço que Cristo pagou para nos entregar esse dom, para nos elevar à dignidade de filhos de Deus Pai e de seus irmãos:

“Então, Eu disse: Eis que venho - como está escrito no livro a meu respeito - para fazer, ó Deus, a tua vontade. Disse primeiro: Não quiseste nem te agradaram sacrifícios, oferendas e holocaustos pelos pecados - e, no entanto, eram oferecidos segundo a Lei. Disse em seguida: Eis que venho para fazer a tua vontade. Suprime, assim, o primeiro

culto, para instaurar o segundo. E foi por essa vontade que nós fomos santificados, pela oferta do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez para sempre” (Hb 10,7-10).

Paga a um preço altíssimo, a vitória de Cristo sobre a morte exige daqueles que receberam a salvação uma atitude de vigilância atenta e de espera amorosa, pois ele voltará para levar os seus irmãos a fim de os fazer participar do seu triunfo. Jesus apresenta a vida terrena como uma noite na qual Ele voltará. Acompanhando-nos na vida e na morte, a sua vinda definitiva será um julgamento de recompensa ou de condenação. Bem-aventurados aqueles que o terão esperado como servos obedientes, servindo com zelo e com amor!

“Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Tende os rins cingidos e as lâmpadas acesas. Sede como homens que esperam o seu senhor voltar do casamento, para lhe abrirem logo a porta, quando chegar e bater. Felizes esses servos, que o senhor, ao chegar, encontrar vigilantes. Em verdade vos digo: cingir-se-á e mandará que se sentem à mesa e, passando diante deles, os servirá. Se vier à meia-noite ou de madrugada felizes serão se assim os encontrar»”.

A imagem do senhor que recompensa os servos fiéis fazendo-os sentar à mesa e servindo-os é apenas uma figura da bem-aventurança que aguarda aqueles que na terra sempre estiveram em atitude de espera atenta do seu senhor. Trata-se daqueles que O serviram no próximo e se uniram ao sacrifício de Cristo no martírio. Viveram a obediência unida à do seu Salvador, contribuindo assim para a salvação de todos.

Para exemplificar as leituras de hoje, propomos precisamente alguns textos dos santos mártires canadenses e do Beato Jerzy Popiełuszko, cuja memória litúrgica facultativa recordamos.

João de Brébeuf, jesuíta, é a figura que mais sobressai entre os oito missionários canadenses martirizados. Sofreu o martírio junto com outro jesuíta às mãos dos iroqueses, em março de 1649. Apresentamos um trecho das suas **Notas espirituais**:

“Durante dois dias consecutivos, senti grande desejo do martírio e queria suportar todos os tormentos que os mártires padeceram. Jesus, meu Senhor e Salvador, como poderei pagar-Vos todos os benefícios que me concedestes? Das vossas mãos tomarei o cálice dos vossos sofrimentos e invocarei o vosso nome. Na presença de vosso Eterno Pai e do Espírito Santo, de vossa Mãe santíssima e de seu castíssimo Esposo, diante dos Anjos, dos Apóstolos e dos Mártires, do meu Pai Santo Inácio e de São Francisco Xavier, faço voto, Jesus meu Salvador, de nunca recusar, quanto de mim dependa, a graça do martírio, se pela vossa infinita misericórdia Vos dignardes concedê-la algum dia a este vosso indigno servo.

Obrigo-me, assim, para o que me restar de vida, a não ter por lícito ou livre recusar as ocasiões de morrer e de derramar o sangue por Vós, a não ser que alguma vez esteja convencido de que nesse momento convirá proceder de outro modo para vossa maior glória. Além disso, quando chegar o momento da morte, comprometo-me também a recebê-la das vossas mãos com o maior contentamento e alegria do coração. Por isso, meu amável Jesus, ofereço-Vos desde já, com a mais profunda satisfação espiritual o meu sangue, o meu corpo e a minha vida, para que não morra senão por Vós, se me concederdes essa graça, já que Vos dignastes morrer por mim. Fazei que eu viva de tal modo que mereça alcançar essa graça de morrer tão felizmente.

Assim, meu Deus e meu Salvador, tomarei das vossas mãos o cálice dos vossos sofrimentos e invocarei o vosso nome: Jesus! Jesus! Jesus!

Meu Deus, como tenho pena de que não sejais ainda conhecido nesta terra, que esta região selvagem ainda não esteja inteiramente convertida a Vós e que o pecado ainda não tenha sido completamente exterminado aqui! Pela minha parte, meu Deus, se vierem sobre mim todos os tormentos e toda a crueldade dos suplícios que os

prisioneiros podem sofrer neste país, eu me ofereço de todo o coração para suportar, em mim só, todos esses sofrimentos”.

Este voto de João de Brébeuf é fruto da inspiração do Espírito Santo. Sem a força de Deus ele não seria capaz de abraçar o martírio, que foi de um horror e de uma crueldade sem precedentes, como testemunha o Relatório escrito pelo Padre jesuíta, P. J. M. Chamounot.

Não menos cruel e assustador foi o assassinato do jovem padre Jerzy Popiełuszko, que celebramos liturgicamente no dia de hoje. O martírio foi no mês de outubro de 1984 e a causa do assassinato foi o “*abuso da liberdade de consciência cometido na República Popular da Polónia*”.

Seguem alguns elementos de duas pregações do padre Popiełuszko:

“Graças à morte e ressurreição de Cristo, o símbolo da vergonha e da humilhação tornou-se o da coragem, da ajuda e da fraternidade. No sinal da cruz, hoje nós recolhemos o que há de mais belo e valioso no homem. É pela cruz que chegamos à ressurreição. Não há outro caminho. E é por isto que as cruzes da nossa pátria, as nossas cruzes pessoais, as das nossas famílias devem conduzir à vitória, à ressurreição, se as unirmos a Cristo que venceu a morte” (J. Popiełuszko, **O caminho da minha cruz. Missas em Varsóvia**, Queriniana, Brescia, 1985, p. 74).

Que a Semana Santa e a Páscoa sejam tempo de oração, para nós que apresentamos as cruzes do nosso sofrimento, as cruzes da nossa salvação, sinais da vitória do bem sobre o mal, da vida sobre a morte, do amor sobre o ódio. E para vós, irmãos, que nos vossos corações reina o ódio dos mercenários, seja tempo de reflexão para descobrir que a força não pode vencer, ainda que possa, por algum tempo, triunfar. A prova mais clara está na cruz de Cristo. Ali também havia violência, o ódio não suportava a verdade. Mas o amor de Cristo venceu a força e o ódio. Rezando pelos nossos irmãos desorientados, sem condenar ninguém, estigmatizando e desmascarando o mal, somos fortes no amor. Como verdadeiros fiéis, rezamos com as palavras de Cristo, com as palavras por Ele pronunciadas na cruz: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc 23,34). E concede-nos, ó Cristo, a graça de sermos mais sensíveis ao poder do amor do que àquele da opressão e do ódio” (Grazyna Sikorska, **Vida e morte de Jerzy Popieluszko**, Ed. Queriniana, Brescia, 1986, Missa em Varsóvia, março de 1983, p. 67).

A força do martírio teve e terá sempre uma fecundidade missionária superior a qualquer forma de pregação, porque “(...) o sangue dos mártires é semente de novos cristãos”.

20 Outubro 2021

Quarta-feira, 29.^a do Tempo Comum

Rm 6,12-18

Sal 123

Lc 12,39-48

“Irmãos: Não reine o pecado no vosso corpo mortal, obedecendo aos seus desejos. Não ofereçais os vossos membros como arma da injustiça ao serviço do pecado; mas oferecei-vos a Deus, como homens que revivem de entre os mortos, e oferecei os vossos membros como armas da justiça ao serviço de Deus. E o pecado não vos dominará, porque não estais sob o regime da Lei, mas sob o regime da graça. Como, então? Havemos de pecar, porque não estamos sob o regime da Lei, mas sob o regime da graça? De modo nenhum. Não sabeis que, se vos ofereceis como escravos a alguém, para lhe obedecerdes, vos tornais escravos daquele a quem obedeceis, quer seja do pecado, que leva à morte, quer da obediência, que vos leva à justiça? Mas dêmos graças a Deus, porque, se éreis escravos do pecado, agora vos submetestes de todo o coração à norma de doutrina que vos foi transmitida. E assim, libertos do pecado, vos tornastes servos da justiça”.

A liberdade cristã liberta-nos do pecado, tornando-nos servos de Deus. Trata-se de uma verdadeira libertação, pois o pecado conduz-nos à morte. No entanto, esta libertação foi-nos dada para nos tornarmos “*escravos da justiça*” e não para vivermos segundo nos parece.

A vida nova que nos foi dada por Cristo está acima da vida natural, mas não a anula. A luta entre o bem e o mal continua. A morte natural também não é suprimida. Onde está então a novidade? Na luta entre o pecado e a justiça, entre a morte e a vida, Cristo tornou-nos capazes para fazermos a opção correta, sempre em atitude de serviço e vencer a batalha, porque *o nosso auxílio está no nome do Senhor que fez o céu e a terra*. A verdadeira liberdade do pecado é o serviço de Deus:

“Se o Senhor não estivesse connosco, que o diga Israel, se o Senhor não estivesse connosco, os homens que se levantaram contra nós ter-nos-iam devorado vivos, no furor da sua ira. As águas ter-nos-iam afogado, a torrente teria passado sobre nós; sobre nós teriam passado as águas impetuosas. Bendito seja o Senhor, que não nos abandonou como presa dos seus dentes. A nossa vida escapou como pássaro do laço dos caçadores: quebrou-se a armadilha e nós ficámos livres. A nossa proteção está no nome do Senhor, que fez o céu e a terra”.

O salmo responsorial dispensa comentários. *Bendito seja o Senhor, que não nos abandonou como presa dos seus dentes. A nossa vida escapou como pássaro do laço dos caçadores: quebrou-se a armadilha e nós ficámos livres.*

O evangelho mostra-nos em que consiste o serviço de Deus e a submissão ao pecado:

“Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Compreendei isto: se o dono da casa soubesse a que hora viria o ladrão, não o deixaria arrombar a sua casa. Estai vós também preparados, porque na hora em que não pensais virá o Filho do homem». Disse Pedro a Jesus: «Senhor, é para nós que dizes esta parábola, ou também para todos os outros?».

O Senhor respondeu: «Quem é o administrador fiel e prudente que o senhor estabelecerá à frente da sua casa, para dar devidamente a cada um a sua ração de

trigo? Feliz o servo a quem o senhor, ao chegar, encontrar assim ocupado. Em verdade vos digo que o porá à frente de todos os seus bens.

Mas se aquele servo disser consigo mesmo: 'O meu senhor tarda em vir'; e começar a bater em servos e servas, a comer, a beber e a embriagar-se, o senhor daquele servo chegará no dia em que menos espera e a horas que ele não sabe; ele o expulsará e fará que tenha a sorte dos infiéis. O servo que, conhecendo a vontade do seu senhor, não se preparou ou não cumpriu a sua vontade, levará muitas vergastadas. Aquele, porém, que, sem a conhecer, tenha feito ações que mereçam vergastadas, levará apenas algumas.

A quem muito foi dado, muito será exigido; a quem muito foi confiado, mais se lhe pedirá».

A salvação que nos foi dada por Cristo exige de nós colaboração e vigilância. A nossa existência sobre a terra é serviço e espera. Não somos os senhores, somos servos que devem administrar bem a casa e orientar o serviço dos outros servos, enquanto esperamos o regresso do senhor.

Se o senhor tarda em chegar, nós, chamados a um serviço livre e amoroso, poderemos voltar a ser escravos dos nossos desejos e não reconhecer na espera uma presença oculta, mas real daquele que esperamos. Os nossos irmãos, que servem connosco, têm necessidade de receber na devida altura a comida que precisam e não agressões! A espera daquele que amamos, e que deveria estar sempre presente na mente e no coração, é incompatível com a nossa atitude de comer e beber exageradamente até chegar ao embriagar-se! Tal como diz São Paulo na Carta:

“Irmãos, que o pecado não reine mais no vosso corpo mortal, de tal modo que obedeçais às suas paixões. Não entregueis os vossos membros, como armas da injustiça, ao serviço do pecado. Pelo contrário, entregai-vos a Deus, como vivos de entre os mortos, e entregai os vossos membros, como armas da justiça, ao serviço de Deus” (Rm 6,12-13).

Temos apenas uma alternativa: ou escravos do pecado para a morte ou servos de Deus para a vida!

Madre Teresa de Calcutá é um exemplo bem claro de serviço autêntico do Senhor e de uma espera concreta do seu regresso. Este exemplo de vida doada tornou-se uma voz para crentes e não crentes e uma manifestação autêntica de apostolado missionário.

O apostolado do sorriso teve uma enorme importância na sua vida e nos seus ensinamentos. Aparentemente é tão simples de oferecer a quem está perto de nós, mas que, em determinadas circunstâncias, pode ser extremamente difícil:

“Levamos no coração a alegria de amar Jesus e partilhamos esta alegria com todos os que estão perto de nós. Esta irradiação da alegria é algo autêntico, porque tendo Cristo em nós, não temos nenhum motivo para estarmos tristes. Cristo no nosso coração. Cristo nos pobres que encontramos. Cristo no sorriso que oferecemos e naquele que recebemos. Concentremo-nos num objetivo: que nenhuma criança deixe de ser amada. E que não deixemos de sorrir para aqueles com quem nos cruzamos no nosso caminho, particularmente quando sorrir não é nada fácil.

Nunca esquecerei: há algum tempo, 14 professores de diversas Universidades dos Estados Unidos vieram visitar a nossa casa, em Calcutá. Estávamos a comentar a visita que tinham feito à Casa dos Moribundos. Vieram falar comigo e falamos de amor, de bondade. Um deles perguntou-me: «Madre, diga-nos alguma coisa que possamos guardar como lembrança». Disse: «Sorriam uns para os outros, dediquem algum tempo uns aos outros, em família. Sorriam».

Então um deles perguntou-me: «Você é casada?». «Sim, e algumas vezes custa-me muito sorrir para Jesus, porque me pede muito». É verdade. Mas é realmente nessas

circunstâncias onde se vê o amor: quando é exigente e, mesmo assim, damo-lo com alegria [...]

Estou convencida que há uma coisa que nos leva a viver com alegria: temos Jesus em nós e Ele ama-nos. Se cada um de nós procurasse simplesmente recordar: «Deus ama-me e dá-me a possibilidade de amar os outros como Ele me ama, não em coisas grandes, mas nas pequenas com grande amor». Desta maneira, a Noruega seria um grande ninho de amor. E que bonito seria se a partir daqui se irradiasse uma força de paz no meio da guerra! Se daqui irrompesse a alegria de viver da criança não nascida!

Se vos transformardes em tantas tochas de paz espalhadas pelo mundo, então sim, o Prémio Nobel da Paz será uma verdadeira prenda do povo norueguês. Que o Senhor vos abençoe”.

(Palavras ditas por Madre Teresa em Oslo, a 11 de dezembro de 1979, no dia seguinte à entrega do Prémio Nobel da Paz).

Para um jornalista que lhe perguntava:

«Que devemos fazer quando nos chega o sofrimento?», respondia: «Aceitá-lo com um sorriso». «Aceitá-lo com um sorriso?» «Sim, com um sorriso. Porque é o maior dom que Deus nos dá». «O quê? Sorrir?» «Sorrir para Deus, ter a coragem de aceitar tudo aquilo que nos dá, e pedir e dar aquilo que Ele nos tira com um generoso sorriso».

(Entrevista feita por Ralf Rolls, a 15 de janeiro de 1973, para um programa escolar da BBC, intitulado *Belief and life*).

21 Outubro 2021

Quinta-feira, 29.^a do Tempo Comum

Rm 6,19-23

Sal 1

Lc 12,49-53

Os irmãos da Igreja de Roma, a quem São Paulo se dirige nesta passagem da carta, tinham feito uma opção: tinham passado da escravidão do pecado para o serviço de Deus. Na primeira situação, os pecadores só eram aparentemente livres (e, de facto, agora têm vergonha daquilo que faziam), enquanto que agora conquistaram a verdadeira liberdade, ainda que servindo. A opção é feita entre dois senhores. Não se pode servir a um e a outro: o homem serve a Deus ou ao pecado. A verdadeira diferença entre as duas situações de serviço encontra-se no fim do caminho. O pecado conduz à morte; o serviço a Deus conduz à vida eterna:

“Irmãos: Falo com linguagem humana, por causa da vossa fraqueza: Assim como entregastes os vossos membros como escravos ao serviço da impureza e da desordem, que conduz à revolta contra Deus, colocai agora os vossos membros ao serviço da justiça, que conduz à santidade. Na verdade, quando éreis escravos do pecado, éreis livres em relação à justiça. Mas que fruto colhestes então dessas obras de que atualmente vos envergonhais? De facto, o seu fim é a morte. Mas agora, libertos do pecado e tornados servos de Deus, produzis o fruto que conduz à santificação, cujo fim é a vida eterna. Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, em Jesus Cristo, nosso Senhor”.

O salmo responsorial reafirma a oportunidade de uma boa escolha: o homem que se afasta do pecado é bem-aventurado, encontra a sua alegria, atinge aquilo a que se propõe, porque *o Senhor vela pelo caminho dos justos, mas o caminho dos pecadores leva à perdição*. Ainda que frequentemente a realidade contradiga o otimismo do salmista, ele sabe que a verdadeira felicidade somente em Deus se encontra:

“Feliz o homem que não segue o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, mas antes se compraz na lei do Senhor, e nela medita dia e noite. É como árvore plantada à beira das águas: dá fruto a seu tempo e sua folhagem não murcha. Tudo quanto fizer será bem sucedido. Bem diferente é a sorte dos ímpios: são como palha que o vento leva. O Senhor vela pelo caminho dos justos, mas o caminho dos pecadores leva à perdição”

O Evangelho apresenta-nos também a escolha indispensável que o homem deve fazer e que é confiada ao dom da liberdade que Deus lhe concedeu. Jesus veio trazer o fogo à terra e o fogo do qual Ele fala é o Espírito Santo. Ele deseja que este fogo se acenda, mas tal acontecerá só depois da sua paixão, morte e ressurreição. Se o fogo do Espírito, que é amor que queima o pecado e abre ao dom total, é recusado, aí estará a divisão no seio da própria família. Surge a oposição, a perseguição, a escolha de outro senhor. Neste caso, o símbolo do fogo pode transformar-se em fogo de julgamento, em salário de morte.

*“Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:
«Eu vim trazer o fogo à terra e que quero Eu senão que ele se acenda? Tenho de receber um batismo e estou ansioso até que ele se realize. Pensais que Eu vim estabelecer a paz na terra? Não. Eu vos digo que vim trazer a divisão. A partir de agora, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois e dois contra três. Estarão divididos o pai contra*

o filho e o filho contra o pai, a mãe contra a filha e a filha contra a mãe, a sogra contra a nora e a nora contra a sogra»”.

As palavras de Jesus: “*Eu vim trazer o fogo à terra e que quero Eu senão que ele se acenda?*” podem ser uma chamada de atenção para todo o cristão que deseja que Cristo seja conhecido, que o Espírito Santo se difunda por toda a parte e que todos os homens possam fazer livremente a opção certa que os conduza à bem-aventurança eterna. Guiado pelo Espírito Santo, todo o cristão é testemunha e missionário, como diz o Papa Francisco na homilia proferida em Washington, na canonização do franciscano Frei Junípero Serra (1713-1784), padroeiro das missões da Califórnia.

“Jesus disse aos discípulos de então e repete-o a nós: Ide! Anunciai! A alegria do Evangelho só se experimenta, conhece e vive, dando-a, dando-se. O espírito do mundo convida-nos ao conformismo, à comodidade. Perante este espírito mundano «é necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo» (Enc. Laudato si’, 229); a responsabilidade de anunciar a mensagem de Jesus. Porque a fonte da nossa alegria situa-se naquele «desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva» (Exort. ap. Evangelii gaudium, 24). Ide ter com todos, a fim de anunciar ungindo e ungir anunciando. A isto mesmo nos convida hoje o Senhor, dizendo: A alegria, o cristão experimenta-a na missão: ide ter com os povos de todas as nações. A alegria, o cristão encontra-a num convite: ide e anunciai. A alegria, o cristão renova-a e atualiza-a com uma vocação: ide e ungi. Jesus envia-vos a todas as nações, a todos os povos. E, neste «todos» de há dois mil anos, estávamos incluídos também nós. Jesus não dá uma lista seletiva com aqueles a quem se deve ir e a quem não ir, com aqueles que são dignos, ou não, de receber a sua mensagem e a sua presença. Pelo contrário, abraçou sempre a vida tal qual Lhe aparecia: com cara de tristeza, fome, doença, pecado; com cara de ferimentos, sede, cansaço; com cara de dúvidas e de fazer piedade. Longe de esperar uma vida embelezada, decorada, maquiada, abraçou-a como a encontrava; mesmo que fosse uma vida que muitas vezes se apresentava arruinada, suja, destroçada. A todos - disse Jesus - a todos, ide e anunciai; a toda esta vida, tal como é e não como gostaríamos que fosse: ide e abraçai no meu nome. Ide pelas encruzilhadas dos caminhos, ide... anunciar, sem medo, sem preconceitos, sem superioridade nem purismos; a todos aqueles que perderam a alegria de viver, ide anunciar o abraço misericordioso do Pai. Ide ter com aqueles que vivem com o peso da tristeza, do fracasso, da sensação duma vida destroçada, e anunciai a loucura dum Pai que procura ungi-los com o óleo da esperança, da salvação. Ide anunciar que os erros, as ilusões enganadoras, as incompreensões não têm a última palavra na vida duma pessoa. Ide com o óleo que cura as feridas e restabelece o coração.

A missão nunca nasce dum projeto perfeitamente elaborado ou dum manual bem estruturado e programado; a missão nasce sempre duma vida que se sentiu procurada e curada, encontrada e perdoada. A missão nasce de se fazer uma, duas e mais vezes a experiência da unção misericordiosa de Deus.

A Igreja, o povo santo de Deus, sabe percorrer as estradas poeirentas da história, frequentemente permeadas por conflitos, injustiças e violência, para ir encontrar os seus filhos e irmãos. O santo povo fiel de Deus não teme o erro; teme o fechamento, a cristalização em elite, o agarrar-se às próprias seguranças. Sabe que o fechamento, nas suas múltiplas formas, é a causa de tantas resigitações.

Por isso saíamos, vamos oferecer a todos a vida de Jesus Cristo (cf. Exort. ap. Evangelii gaudium, 49). O povo de Deus sabe envolver-se, porque é discípulo d'Aquele que Se ajoelhou diante dos seus, para lhes lavar os pés (cf. ibid., 24).

Hoje encontramos-nos aqui, podemos encontrar-nos aqui, porque houve muitos que tiveram a coragem de responder a esta chamada; muitos que acreditaram que «na doação a vida se fortalece, e se enfraquece no comodismo e no isolamento» (Documento de Aparecida, 360). Somos filhos da ousadia missionária de muitos que preferiram não se fechar «nas estruturas que nos dão uma falsa proteção (...), nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta» (Exort. ap. Evangelii gaudium, 49). Somos devedores duma Tradição, duma cadeia de testemunhas que tornaram possível que a Boa Nova do Evangelho continue a ser, de geração em geração, Nova e Boa.

E hoje recordamos uma daquelas testemunhas que souberam testemunhar nestas terras a alegria do Evangelho: Padre Junípero Serra. Soube viver aquilo que é «a Igreja em saída», esta Igreja que sabe sair e ir pelas estradas, para partilhar a ternura reconciliadora de Deus. Soube deixar a sua terra, os seus costumes, teve a coragem de abrir sendas, soube ir ao encontro de muitos aprendendo a respeitar os seus costumes e as suas características.

Aprendeu a gerar e acompanhar a vida de Deus nos rostos daqueles que encontrava, tornando-os seus irmãos. Junípero procurou defender a dignidade da comunidade nativa, protegendo-a de todos aqueles que abusaram dela; abusos que hoje continuam a encher-nos de pesar, especialmente pela dor que provocam na vida de tantas pessoas. Escolheu um lema que inspirou os seus passos e plasmou a sua vida: «Sempre avante». Soube-o dizer, mas sobretudo viver. Esta foi a maneira que Junípero encontrou para viver a alegria do Evangelho, para que não se anestesiasse o seu coração. Foi sempre avante, porque o Senhor espera; sempre avante, porque o irmão espera; sempre avante por tudo aquilo que ainda tinha para viver; foi sempre avante. Como ele então, possamos também nós hoje dizer: sempre avante”.

(Homilia do Papa Francisco, **Canonização do Beato Padre Junípero Serra**, 23 setembro 2015. Santuário Nacional da Imaculada Conceição, Washington, D.C., USA).

22 Outubro 2021

Sexta-feira, 29.^a do Tempo Comum

Memória facultativa de São João Paulo II, Papa

Rm 7,18-25a

Sal 118

Lc 12,54-59

“Irmãos: Eu sei que em mim, isto é, na minha natureza, não habita o bem, pois querer o bem está ao meu alcance, mas realizá-lo não está. Na verdade, não faço o bem, que quero, mas pratico o mal, que não quero. Ora, se eu faço o que não quero, já não sou eu que o realizo, mas o pecado que habita em mim.

Descubro, pois, em mim esta lei: ao querer fazer o bem, é o mal que está ao meu alcance. Sinto prazer na lei de Deus, segundo o homem interior. Mas vejo que há outra lei nos meus membros, que luta contra a lei da minha razão; ela torna-me escravo da lei do pecado, que está nos meus membros.

Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? Deus, a quem dêmos graças, por Jesus Cristo, nosso Senhor”.

São Paulo descreve de maneira admirável o conflito do ser humano: o homem interior está constantemente em luta com o homem exterior, o espírito com a carne. O homem não pode salvar-se a si mesmo; implora a ajuda de um salvador. Jesus Cristo, o Senhor, realizou a redenção que para o homem não era possível. Por isso, tudo no Apóstolo é ação de graças: *“Dêmos graças a Deus, por Jesus Cristo, nosso Senhor”.*

A salvação não pode atingir-se nem pela lei do Antigo Testamento, nem pelos preceitos da Igreja. Uma leitura cristã do salmo 118 leva-nos a pedir diretamente a Deus a sua ajuda, por Cristo, Senhor nosso: *“Ensinaí-me o bem, o discernimento e a ciência... Vós sois bom e generoso, ensinaí-me os vossos decretos... Console-me a vossa bondade... Desçam sobre mim as vossas misericórdias e viverei... A Vós pertenco, sede o meu auxílio”.*

Na verdade, o salmo responsorial afirma:

“Ensinaí-me o bem, o discernimento e a ciência, porque tenho fé nos vossos mandamentos. Vós sois bom e generoso, ensinaí-me os vossos decretos. Console-me a vossa bondade, segundo a promessa feita ao vosso servo. Desçam sobre mim as vossas misericórdias e viverei, porque a vossa lei faz as minhas delícias. Jamais esquecerei os vossos decretos, porque neles me tendes dado a vida. A Vós pertenco, sede o meu auxílio, porque sempre quis seguir os vossos preceitos”.

Ainda que dividido e incapaz de se salvar por si mesmo, o homem é dotado de inteligência e liberdade. O Evangelho apresenta-nos Jesus a censurar os seus ouvintes e a despertá-los para a tomada de consciência da hipocrisia em que vivem. Não são estúpidos nem incapazes de discernimento! *“Se sabeis discernir o aspeto da terra e do céu, porque não sabeis discernir o tempo presente? Porque não julgais por vós mesmos o que é justo?”* Porquê então as divisões, as inimizades, os conflitos? Porquê não estar em paz com quem não pensa da mesma maneira? Porquê tanta luta entre irmãos?

“Naquele tempo, dizia Jesus à multidão: «Quando vedes levantar-se uma nuvem no poente, logo dizeis: ‘Vem chuva’; e assim acontece. E quando sopra o vento sul, dizeis: ‘Vai fazer muito calor’; e assim sucede. Hipócritas, se sabeis discernir o aspeto da terra e do céu, porque não sabeis discernir o tempo presente? Porque não julgais por vós mesmos o que é justo?». E acrescentou: «Quando fores com o teu adversário ao

magistrado, esforça-te por te entenderes com ele no caminho, para que ele não te arraste ao juiz e o juiz te entregue ao oficial de justiça e o oficial de justiça te meta na prisão. Eu te digo: Não sairás de lá, enquanto não pagares o último centavo»”.

Também o diálogo entre os cristãos de diferentes confissões, caminho indispensável de missão, exige inteligência e capacidade de discernimento. O caminho da compreensão e partilha de bens espirituais é possível, mas isto não significa cair num irenismo estéril e néscio.

Neste dia em que podemos viver a celebração litúrgica da memória de São João Paulo II, incansável missionário e grande promotor da unidade dos cristãos, é oportuna a releitura de uma das suas homilias, proferida durante a maior peregrinação apostólica que o levou ao Bangladesh, Singapura, Ilhas Fiji, Nova Zelândia, Austrália e Ilhas Seychelles. Em Christchurch, Nova Zelândia, a 24 de novembro de 1986, realizou-se uma celebração ecuménica na catedral católica. Nessa altura, o Papa pronunciou a homilia que agora apresentamos:

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso espírito, irmãos! Amen (Gal 6,18).

Caros irmãos e irmãs, caros amigos,

Agradeço a vossa presença neste tempo de oração que, devo sublinhar, é o meu primeiro encontro com o povo cristão de Christchurch. É com alegria que me uno aos responsáveis da Igreja católica e de outras confissões cristãs da Nova Zelândia [...]. Alegro-me com este acontecimento, expressão clara do desejo dos cristãos neozelandeses, particularmente de vós que estais hoje aqui, da unidade que nosso Senhor quer para os seus discípulos.

A Nova Zelândia sempre foi lugar de novos inícios. Os vossos antepassados chegaram aqui na procura de uma vida melhor nestas terras ricas de promessas. Vós mesmos enfrentastes os problemas com determinação e procurastes as devidas soluções. Foi neste espírito que enfrentastes as divisões entre os cristãos. Percorrestes o caminho do diálogo, colaborastes em projetos de justiça e paz para o bem comum, procurastes encontrar os meios adequados que permitissem às Igrejas cristãs e às comunidades eclesiais trabalhar e rezar em conjunto em ordem à unidade plena. Jesus Cristo veio para congregar na unidade os filhos de Deus que estavam dispersos (Jo 11,52). Este é o desígnio de Deus: que a família humana seja uma só.

Sobre a cruz, Cristo congregou a humanidade que estava dispersa. A Igreja foi fundada por Cristo para este fim. É na Igreja, pelo Espírito Santo, que deve ser congregada a humanidade dispersa. A Igreja é o ponto da partida da união de todos os povos em Jesus Cristo, único Senhor, e é símbolo do desígnio de Deus. Ela está unida em si mesma para levar a unidade, a paz e a reconciliação que são antecipação do reino de Deus.

Esta unidade só pode ser um dom de Deus. É muito mais do que uma federação, uma sociedade, um meio que ajuda aos discípulos de Cristo fazerem algumas coisas em conjunto. “Deus promete-nos a unidade que é Ele próprio” (Santo Inácio de Antioquia, Carta aos Tralianos). Esta unidade não é coisa que não seja participar na vida interior do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É uma unidade na profissão da fé apostólica. É uma unidade na vida sacramental, mediante a qual Jesus Cristo toca as vidas humanas com a sua salvação e preserva a comunhão dos crentes num só corpo visível. É ainda uma unidade com a autoridade do magistério visível da Igreja que no desígnio de Deus exprime necessariamente a própria comunhão interior. Só uma unidade profundamente interior, e ao mesmo tempo assim plenamente visível, pode servir à missão de Cristo que consiste na reconstrução do tecido conexivo da humanidade dispersa pelo pecado. Hoje podemos alegrar-nos porque, apesar das graves divisões existentes entre nós, uma autêntica comunhão, ainda que limitada, nos une uns aos outros. Podemos-nos chamar irmãos e irmãs em Jesus Cristo, único Senhor, batizados no seu nome e partilhando muitos dos seus dons de salvação. Mas, ao mesmo tempo, devemos ser honestos e

reconhecer que temos as nossas diferenças e que isto torna a nossa comunhão incompleta. É uma comunhão à qual falta “aquela unidade que Jesus quis prodigalizar a todos os que regenerou e conviveu num só corpo e numa vida nova” (Unitatis Redintegratio, 3). Esta é a medida da nossa tarefa ecuménica. É isto que desperta os nossos esforços de diálogo teológico. Visto que a unidade que Cristo pretende para a sua Igreja é uma unidade na fé, não podemos baixar a fasquia. O nosso trabalho deve orientar-se nesse sentido, percorrendo o caminho de um diálogo honesto enraizado na oração, sem comprometer a verdade. Enfrentar as exigências dos ensinamentos de Jesus Cristo e não nos satisfazermos com um cristianismo adocicado, mas procurando viver de acordo com a verdade na caridade (cf. Ef 4,15).

Aqui, na Nova Zelândia, experimentastes a força do compromisso que a Igreja católica coloca no movimento ecuménico, um compromisso irreversível, assim vos posso assegurar. Ao mesmo tempo, sou consciente que a participação católica coloca novas exigências às outras Igrejas e comunidade eclesiais que participam no movimento ecuménico. Isto acontece porque as orientações seguidas são aquelas formuladas no decreto sobre o ecumenismo do Concílio Vaticano II. Estamos convencidos que o objetivo não pode ser simplesmente estar juntos. O objetivo não pode ser outro que aquele da plena comunhão numa unidade visível, orgânica. O caminho ecuménico não pode ser um caminho redutor. É, isso sim, uma viagem de crescimento na plenitude de Cristo, na plenitude da unidade. É uma viagem na qual as Igrejas e as comunidades eclesiais que nela tomam parte devem ter um respeito autêntico e recíproco pelos seus dons e tradições, na ajuda mútua em caminho à unidade da fé que pode fazer de nós uma única Igreja e partilharmos uma só Eucaristia.

Este é o objetivo do nosso diálogo e da nossa reflexão teológica, do nosso estudo das Escrituras, da nossa colaboração em ordem à justiça e paz ao serviço das necessidades humanas, do nosso testemunho e da nossa oração em comum.

Trata-se de um objetivo que não pode ser alcançado sem oração fervorosa, penitência e conversão do coração. Devemos ter claro que não seremos nós a realizar a unidade de todos os cristãos; nós podemos tão somente preparar-nos para cooperar com aquilo que Deus está a fazer para que ela aconteça.

*Visto que há já um caminho percorrido aqui na Nova Zelândia para reunir os cristãos e que em vós é forte o desejo de uma comunhão mais autêntica, quis aproveitar a oportunidade da nossa oração e da consagração da capela da Unidade nesta catedral para vos falar de alguns temas centrais do desafio ecuménico. Sede fortes e fiéis na dedicação das vossas melhores energias a este desafio, sabendo que Aquele que começou esta boa obra “há de levá-la ao fim, até ao dia de Cristo Jesus” (Fil 1,6).
Ámen.*

23 Outubro 2021

Sábado, 29.^a do Tempo Comum

Rm 8,1-11

Sal 23

Lc 13,1-9

O capítulo VIII é o ponto central da carta aos Romanos, o mais citado pelos Padres da Igreja. Uma declaração triunfal faz a sua abertura: já não estamos sob o domínio da antiga Lei, mas, em Cristo Jesus que atua na Igreja, estamos sob a lei do Espírito, que é vida, liberdade e paz. É o Espírito que nos guia para a justiça e que nos dará a vida depois da morte. Para nós, o essencial é estar em Cristo, sob a orientação do Espírito e não viver segundo a carne:

“Irmãos: Nenhuma condenação existe agora para aqueles que estão em Cristo Jesus, porque a lei do Espírito, que dá a vida em Cristo Jesus, me libertou da lei do pecado e da morte. Na verdade, o que era impossível para a Lei, por causa da fragilidade humana, foi possível para Deus: Enviando o seu próprio Filho, numa carne semelhante à carne pecadora, como sacrifício de expiação pelo pecado, condenou o pecado na carne, para que a justiça exigida pela Lei fosse plenamente cumprida em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Os que vivem segundo a carne desejam o que é carnal; os que vivem segundo o Espírito desejam o que é espiritual. Os desejos da carne conduzem à morte, mas os desejos do Espírito conduzem à vida e à paz. Na verdade, os desejos da carne são revolta contra Deus, pois eles não se submetem nem podem submeter-se à lei de Deus. Os que vivem segundo a carne não podem agradar a Deus.

Vós não estais sob o domínio da carne, mas do Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não Lhe pertence. Se Cristo está em vós, embora o vosso corpo seja mortal por causa do pecado, o espírito permanece vivo por causa da justiça. E, se o Espírito d’Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós”.

Depois da leitura da Carta, precisamos de cristianizar o salmo 23: o monte do Senhor é Cristo, que por nós se fez caminho, verdade e vida. Habitarmos n’Ele é estar no lugar santo de Deus. Viver n’Ele é a única maneira para conservar as mãos inocentes e o coração puro, alcançar bênçãos e justiça e pertencer à geração dos buscadores de Deus.

“Do Senhor é a terra e o que nela existe, o mundo e quantos nele habitam. Ele a fundou sobre os mares e a consolidou sobre as águas. Quem poderá subir à montanha do Senhor? Quem habitará no seu santuário? O que tem as mãos inocentes e o coração puro, que não invocou o seu nome em vão nem jurou falso. Este será abençoado pelo Senhor e recompensado por Deus, seu Salvador. Esta é a geração dos que O procuram, que procuram a face do Deus de Jacob”.

O Evangelho adverte-nos sobre julgamentos precipitados e injustos. Estes são puramente humanos. Ao mesmo tempo, o texto destaca a exigência da conversão: *“(…) se não vos arrependerdes, morrereis todos de modo semelhante”*, repetido duas vezes. Por outro lado, a parábola da figueira estéril, apresentada logo a seguir, afirma que o tempo e a paciência de Deus não são como dos homens. Ele sabe esperar, sabe que frutificará se quem cuida da árvore utiliza os meios adequados. São realçadas a possibilidade da condenação (*“Talvez venha a dar frutos.*

Se não der, mandarás cortá-la”) e a paciência e a misericórdia na espera, particularmente sublinhadas ao longo do Evangelho de Lucas.

“Naquele tempo, vieram contar a Jesus que Pilatos mandara derramar o sangue de certos galileus, juntamente com o das vítimas que imolavam. Jesus respondeu-lhes: «Julgais que, por terem sofrido tal castigo, esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus? Eu digo-vos que não. E se não vos arrependerdes, morrereis todos do mesmo modo. E aqueles dezoito homens, que a torre de Siloé, ao cair, atingiu e matou? Julgais que eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém? Eu digo-vos que não. E se não vos arrependerdes, morrereis todos de modo semelhante.

Jesus disse então a seguinte parábola: «Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha. Foi procurar os frutos que nela houvesse, mas não os encontrou. Disse então ao vinhateiro: ‘Há três anos que venho procurar frutos nesta figueira e não os encontro. Deves cortá-la. Porque há de estar ela a ocupar inutilmente a terra?’ Mas o vinhateiro respondeu-lhe: ‘Senhor, deixa-a ficar ainda este ano, que eu, entretanto, vou cavar-lhe em volta e deitar-lhe adubo. Talvez venha a dar frutos. Se não der, mandarás cortá-la»”.

Cristo entregou a vida por nós e, depois da ressurreição dos mortos, enviou o Espírito. Apelando constantemente no coração do homem, a missão do Espírito Santo visa a conversão, a mudança de mentalidade e de atitude. O Espírito dá a verdadeira liberdade, tira o medo, dá força para enfrentar o perigo e a morte, na certeza de que *“(…) se o Espírito d’Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós”*.

A incursão libertadora do Espírito libertou totalmente o coração e a mente de Mons. Óscar Romero, nomeado bispo de São Salvador aos 60 anos de idade. Não se pode dizer que a sua vida sacerdotal e episcopal não tivesse dado frutos, como a figueira estéril do Evangelho. No entanto, a imagem utilizada por Jesus pode aplicar-se a Mons. Romero, na medida em que durante todos aqueles anos a sua mentalidade clerical, o medo e a demasiada prudência impediram-no de dar os frutos que Deus lhe pedia. Os condicionamentos da sua maneira de ser e do ambiente em que se movia tinham-no levado a uma atitude de não oposição à constante violação dos direitos humanos e às repressões injustas que aconteciam na sua pátria. O assassinato do seu amigo íntimo, o jesuíta Rutilio Grande, e de dois camponeses, transformaram completamente a sua atitude. A partir dessa altura, as suas pregações foram sempre uma denúncia clara dos abusos e um alinhamento decisivo a favor dos pobres e dos marginalizados. Morreu assassinado, no dia 24 de março de 1980, enquanto celebrava a eucaristia. É o primeiro santo mártir da América Central.

(Da homilia proferida no funeral do padre Rutilio Grande, assassinado no dia 12 de março de 1977).

“Se fosse um simples funeral, falaria aqui - caros irmãos - de relações humanas e pessoais com o Padre Rutilio Grande, a quem sinto como um irmão. Em situações marcantes da minha vida, ele esteve comigo e esses gestos não se esquecem. Mas este momento não é para pensar no pessoal, mas para retirar deste cadáver uma mensagem para todos nós que continuamos a nossa peregrinação.

Gostaria de alicerçar esta mensagem nas palavras do Papa, aqui representado pelo senhor Nuncio, a quem agradeço a sua presença. Esta presença dá este sentido de unidade à Igreja, tal como agora a sinto na Arquidiocese, nestas horas trágicas. É um sentido de unidade que se apresenta como um florescimento rápido destes sacrifícios que a Igreja está a oferecer.

A mensagem de Paulo VI, quando nos fala da evangelização, dá-nos a pauta para compreender Rutilio Grande. “Qual é o contributo da Igreja nesta luta universal pela libertação de tanta miséria?” E o Papa recorda que, no Sínodo de 1974, as vozes dos bispos de todo o mundo, particularmente presente nos bispos do terceiro mundo, clamavam: “A angústia destes povos com fome, na miséria, marginalizados”. E a Igreja não pode estar ausente nesta luta pela libertação. Mas a sua presença nesta luta para levantar, dignificar o homem, tem de ser uma mensagem, uma presença bem original, uma presença que o mundo não poderá compreender, mas que leva em si o gérmen, a potência da vitória, do êxito. Diz o Papa: “A Igreja oferece esta luta libertadora ao mundo, homens libertadores, mas a quem lhes dá uma inspiração da fé, uma doutrina social que está na base da sua prudência e da sua existência para se concretizar em compromissos concretos e, sobretudo, uma motivação de amor, de amor fraterno”.

Esta é a libertação da Igreja. Por isso, diz o Papa: “Não se pode confundir com outros movimentos libertadores sem horizontes que apontem para o mais além, sem horizontes espirituais”. Antes de mais, uma inspiração de fé, e isto é o P. Rutilio Grande: um sacerdote, um cristão que no seu batismo e na sua ordenação sacerdotal fez uma profissão de fé: “Creio em Deus Pai revelado por Cristo seu Filho, que nos ama e que nos convida para o amor. Creio na Igreja que é sinal dessa presença do amor de Deus no mundo, onde os homens se apoiam e se tratam como irmãos. Uma iluminação de fé que faz distinguir qualquer libertação de cariz político, económico, terrenal que não vai para além de ideologias, de interesses e de coisas que ficam na terra”.

Irmãos, jamais deve ocorrer a quem quer que seja dos aqui presentes que esta concentração à volta do Padre Grande tenha uma conotação política, sociológica ou económica. De modo nenhum; é um encontro de fé. Uma fé que, através do seu cadáver morto na esperança, se abre para horizontes eternos.

A libertação que o Padre Grande pregava é inspirada na fé. É uma fé que nos fala de uma vida eterna, uma fé que agora ele, com o seu rosto levantado para o céu, acompanhado por dois camponeses, a oferece na sua totalidade, na sua perfeição: a libertação que termina na felicidade em Deus; a libertação que se enraíza no arrependimento do pecado, a libertação que Rutilio Grande pregou, e por isso mesmo viveu a mensagem da Igreja. Dá-nos homens libertadores com uma inspiração de fé e unidos a esta inspiração de fé. Em segundo lugar, homens que colocam uma doutrina na base da sua prudência e da sua existência. Trata-se da doutrina social da Igreja; a doutrina social da Igreja que diz aos homens que a religião cristã não é de um sentido somente horizontal, espiritualista, esquecendo-se da miséria que os rodeia. É olhar para Deus, e desde Deus olhar o próximo como irmão e sentir que “(...) tudo o que fizestes a um destes a mim o fizestes”. Uma doutrina social que oxalá a conhecessem os movimentos sensibilizados para as questões sociais. Se assim fosse, não se exporiam a fracassos, ou miopismo, a uma miopia que não deixa ver mais do que as coisas temporais, estruturas do tempo. E enquanto não se viver uma conversão do coração, uma doutrina iluminada pela fé para organizar a vida segundo o coração de Deus, tudo será débil, revolucionário, passageiro, violento. Nenhuma dessas coisas são cristãs (...) A doutrina social da Igreja: foi isso o que pregou o Padre Rutilio Grande. E porque muitas vezes é incompreendida até ao assassinato, por isso morreu o Padre Rutilio Grande. Uma doutrina social da Igreja que foi confundida com uma doutrina política que incomoda o mundo: uma doutrina social da Igreja que se quer caluniar como subversiva...

24 Outubro 2021

Domingo, 30.^a do Tempo Comum - Ano B

Dia Mundial das Missões 2021

Jr 31,7-9

Sal 125

Hb 5,1-6

Mc 10,46-52

A compaixão de Deus e o seu amor paternal que se apresenta a socorrer e guiar o seu povo na antiga aliança, e a salvar o mundo através do único mediador Jesus Cristo, na nova aliança, constitui o tema principal deste domingo. Ao mesmo tempo, surge a consciência da pobreza humana que clama ao Senhor em busca de misericórdia e de ajuda.

Na primeira leitura do profeta Jeremias, o Senhor sublinha que, na grande multidão daqueles que Ele reconduz do exílio da Babilónia, ali se encontram o cego e o coxo, a mulher grávida e aquela que deu à luz, isto é, os mais necessitados, aqueles que têm mais necessidade da ajuda divina. Ele não se esquece de ninguém.

Todos os deportados tinham partido em pranto, sofrendo o exílio, em condições de servidão e longe da pátria e do templo. Agora Deus garante que todos, fortes e fracos, serão reconduzidos no meio de consolações “(...) levá-los-ei às águas correntes, por caminho plano em que não tropecem. Porque Eu sou um Pai para Israel, e Efraim é o meu primogénito:”

“Eis o que diz o Senhor: «Soltai brados de alegria por causa de Jacob, enaltecei a primeira das nações. Fazei ouvir os vossos louvores e proclamai: ‘O Senhor salvou o seu povo, o resto de Israel’. Vou trazê-los das terras do Norte e reuni-los dos confins do mundo. Entre eles vêm o cego e o coxo, a mulher que vai ser mãe e a que já deu à luz. É uma grande multidão que regressa. Eles partiram com lágrimas nos olhos, e Eu vou trazê-los no meio de consolações. Levá-los-ei às águas correntes, por caminho plano em que não tropecem. Porque Eu sou um Pai para Israel, e Efraim é o meu primogénito»”.

O salmo responsorial, escrito depois do regresso à pátria e das desilusões devido às dificuldades recentes, recorda a alegria inesperada do regresso:

“Quando o Senhor fez regressar os cativos de Sião, parecia-nos viver um sonho. Da nossa boca brotavam expressões de alegria e dos nossos lábios cânticos de júbilo. Diziam então os pagãos: «O Senhor fez por eles grandes coisas». Sim, grandes coisas fez por nós o Senhor, estamos exultantes de alegria”.

Estávamos... O Senhor fez milagres por nós, mas agora estamos de novo no meio de contrariedades e sofrimentos. Contudo, a nossa esperança não foi abalada e, por isso, a ti clamamos; só tu nos podes salvar.

“Fazei regressar, Senhor, os nossos cativos, como as torrentes do deserto. Os que semeiam em lágrimas recolhem com alegria. À ida vão a chorar, levando as sementes; à volta vêm a cantar, trazendo os molhos de espigas”.

No dia 21 de maio de 2020, dizia o Papa na sua **Mensagem às Pontifícias Obras Missionárias**:

“A alegria de anunciar o Evangelho sempre brilha no horizonte numa memória agradecida. Os dois primeiros discípulos nunca esqueceram o momento em que Jesus lhes tocou o coração: «Eram as quatro da tarde» (Jo 1, 39). A história da Igreja resplandece, quando nela se manifesta a gratidão pela iniciativa gratuita de Deus, porque «foi Ele mesmo que nos amou» primeiro (1 Jo 4, 10), porque «só Deus [é] que faz crescer» (1 Cor 3, 7). A predileção amorosa do Senhor surpreende-nos e gera maravilhas; esta, por sua natureza, não pode ser possuída nem imposta por nós. Não é possível «maravilhar-se à força». Só assim pode florir o milagre da gratuidade, do dom gratuito de si mesmo. O próprio ardor missionário nunca se pode obter em consequência dum raciocínio ou dum cálculo. Colocar-se «em estado de missão» é um reflexo da gratidão. Trata-se da resposta dum ser humano que, por gratidão, se torna dócil ao Espírito e, conseqüentemente, é livre. Se não nos apercebermos da predileção do Senhor, que nos torna agradecidos, até o conhecimento da verdade e o próprio conhecimento de Deus, ostentados como uma possessão alcançável com as próprias forças, se tornariam de facto «letra [que] mata» (2 Cor 3, 6), como demonstraram primeiramente São Paulo e Santo Agostinho. Só na liberdade da gratidão é que se conhece verdadeiramente o Senhor. Por isso, não vale nada e sobretudo não é apropriado insistir na apresentação da missão e do anúncio do Evangelho como se fossem um dever vinculante, uma espécie de «obrigação contratual» dos batizados”.

A segunda leitura apresenta-nos Jesus a quem o Pai diz: *“Tu és meu Filho, Eu hoje Te gerei... Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec”*. Ele revestiu-se da nossa fraqueza e, por isso, pode sentir compaixão e ser mediador eficaz - o único verdadeiro Mediador - entre Deus e os homens, fazendo-se carne para nos redimir dos nossos pecados.

“Todo o sumo sacerdote, escolhido de entre os homens, é constituído em favor dos homens, nas suas relações com Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. Ele pode ser compreensivo para com os ignorantes e os transviados, porque também ele está revestido de fraqueza; e, por isso, deve oferecer sacrifícios pelos próprios pecados e pelos do seu povo. Ninguém atribui a si próprio esta honra, senão quem foi chamado por Deus, como Aarão. Assim também, não foi Cristo que tomou para Si a glória de Se tornar sumo sacerdote; deu-Lha Aquele que Lhe disse: «Tu és meu Filho, Eu hoje Te gerei», e como disse ainda noutro lugar: «Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec””.

Podemos recorrer a Jesus e clamar, Ele que conhece as nossas provações e as nossas misérias: «Filho de David, tem piedade de mim!». E se as circunstâncias ou alguém nos quiserem impedir, podemos gritar ainda mais alto, pois Ele chamar-nos-á e seremos salvos pela nossa fé:

“Naquele tempo, quando Jesus ia a sair de Jericó com os discípulos e uma grande multidão, estava um cego, chamado Bartimeu, filho de Timeu, a pedir esmola à beira do caminho. Ao ouvir dizer que era Jesus de Nazaré que passava, começou a gritar: «Jesus, Filho de David, tem piedade de mim». Muitos repreendiam-no para que se calasse. Mas ele gritava cada vez mais: «Filho de David, tem piedade de mim». Jesus parou e disse: «Chamai-o». Chamaram então o cego e disseram-lhe: «Coragem! Levanta-te, que Ele está a chamar-te». O cego atirou fora a capa, deu um salto e foi ter com Jesus.

Jesus perguntou-lhe: «Que queres que Eu te faça?». O cego respondeu-Lhe: «Mestre, que eu veja». Jesus disse-lhe: «Vai: a tua fé te salvou». Logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho”.

Hoje propõe-se a leitura da **Mensagem do Santo Padre para o Dia Mundial das Missões 2021**.

25 Outubro 2021

Segunda-feira, 30.^a do Tempo Comum

Rm 8,12-17

Sal 67

Lc 13,10-17

A vida cristã implica uma decisão, uma escolha: entre carne e Espírito, entre morte e vida. Quem escolhe o Espírito e por Ele se deixa guiar, torna-se verdadeiramente filho de Deus, irmão de Cristo, e já não escravo da Lei. Se somos filhos, somos herdeiros, herdeiros com Cristo, sabendo que partilhamos com Ele os sofrimentos. A vida no Espírito é, sem dúvida, muito exigente, nada cómoda, mas é vida verdadeira e que vale a pena viver. O Espírito testemunha constantemente que somos filhos de Deus, que por Ele podemos chamar “papá” a Deus, que estamos em caminho para a glória, que os nossos sofrimentos, unidos aos de Cristo, nos conduzirão à felicidade eterna:

“Irmãos: Já não somos devedores à carne, para vivermos segundo a carne. Se viverdes segundo a carne, morrereis; mas se pelo Espírito fizerdes morrer as obras da carne, vivereis.

Porque todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Vós não recebestes um espírito de escravidão para recair no temor, mas o Espírito de adoção filial, pelo qual exclamamos: «Abba, Pai». O próprio Espírito Santo dá testemunho, em união com o nosso espírito, de que somos filhos de Deus. Se somos filhos, também somos herdeiros, herdeiros de Deus e herdeiros com Cristo; se sofrermos com Ele, também com Ele seremos glorificados”.

Para nós que recebemos a plenitude da Revelação, o antigo salmo não canta somente a libertação da escravidão, mas também a libertação total realizada por Deus, por Cristo, no Espírito Santo: os inimigos fogem, enquanto os justos se alegram, exultam e cantam. Ninguém deve ter medo, nem mesmo os mais fracos e desfavorecidos. Deus é pai dos órfãos e defensor das viúvas; não deixa ninguém sozinho, liberta os prisioneiros, serve e salva; é a Ele que encontramos além da morte:

“Levanta-Se Deus, dispersam-se os inimigos e fogem diante d’Ele os que O odeiam. Os justos, porém, alegram-se e exultam na presença de Deus e transbordam de alegria. Pai dos órfãos e defensor das viúvas, é Deus na sua morada santa. Aos abandonados Deus prepara uma casa, conduz os cativos à liberdade. Bendito seja o Senhor, dia após dia: preocupa-Se connosco o Deus, nosso Salvador. O nosso Deus é um Deus que salva, da morte nos livra o Senhor”.

De acordo com o episódio narrado pelo Evangelho, podemos encontrar no agir de Jesus o serviço, a salvação, a liberdade de que falam a Epístola e o Salmo responsorial. Cristo é o verdadeiro Filho, guiado pelo Espírito, aquele que realiza a salvação, que tem piedade de nós, o Senhor do sábado, aquele a quem pertence a lei, o libertador das cadeias de Satanás:

“Naquele tempo, estava Jesus a ensinar ao sábado numa sinagoga. Apareceu lá uma mulher com um espírito que a tornava enferma havia dezoito anos; andava curvada e não podia de modo algum endireitar-se.

Ao vê-la, Jesus chamou-a e disse-lhe: «Mulher, estás livre da tua enfermidade»; e impôs-lhe as mãos. Ela endireitou-se logo e começou a dar glória a Deus.

Mas o chefe da sinagoga, indignado por Jesus ter feito uma cura ao sábado, tomou a palavra e disse à multidão: «Há seis dias para trabalhar. Portanto, vinde curar-vos nesses dias e não no dia de sábado».

O Senhor respondeu: «Hipócritas! Não solta cada um de vós do estábulo o seu boi ou o seu jumento ao sábado, para o levar a beber? E esta mulher, filha de Abraão, que Satanás prendeu há dezoito anos, não devia libertar-se desse jugo no dia de sábado?». Enquanto Jesus assim falava, todos os seus adversários ficaram envergonhados e a multidão alegrava-se com todas as maravilhas que Ele realizava”.

Neste Mês missionário, apresentamos o exemplo de um verdadeiro discípulo de Cristo, que viveu os valores que acabamos de ler em São Paulo e no evangelho de Lucas. Trata-se de São Pedro Chanel, protomártir e padroeiro da Oceânia. Ele não viveu segundo a carne, mas segundo o Espírito e com uma extraordinária ternura e mansidão. Pregou Cristo e a liberdade de filhos de Deus a quem vivia no medo, escravizados por espíritos malignos. Durante a sua curta vida missionária na ilha de Futuna, muitos alegravam-se com a sua pregação e sentiam-se chamados à conversão. Os seus opositores envergonhavam-se e procuravam conspirar contra ele, como afirma hoje o Evangelho. Assim como Jesus, também os frutos do seu trabalho e do seu sacrifício amadureceriam somente depois da sua morte.

No dia 28 de abril, aniversário do seu martírio, dia da sua memória litúrgica facultativa, a segunda leitura do **Ofício de Leituras** faz o seguinte elogio:

“Pedro, logo que abraçou a vida religiosa na Sociedade de Maria, foi mandado a seu pedido para as missões da Oceânia e aportou à ilha de Futuna no Oceano Pacífico, onde ainda não tinha sido anunciado o nome de Cristo. Um religioso leigo que sempre o acompanhou assim descreve a sua vida missionária: «Depois dos seus trabalhos, voltava a casa abrasado pelo ardor do sol, muitas vezes enfraquecido pela fome, banhado em suor e morto de cansaço, mas sempre animado, ágil e satisfeito, como se regressasse dum lugar de delícias; isto não uma vez, mas quase todos os dias. Não costumava negar coisa alguma aos habitantes de Futuna, nem sequer aos que o perseguiam. Sempre os desculpava e nunca os repelia, por mais rudes e incômodos que fossem. Tratava a todos com extraordinária amabilidade, que manifestava de muitos modos, sem excluir ninguém».

Não é, pois, de admirar que os indígenas chamassem «homem de grande coração» àquele que algumas vezes dissera a seus irmãos em religião: «Em missão tão difícil bem preciso é que sejamos santos».

Pouco a pouco foi anunciando o Evangelho de Cristo, mas pouco fruto conseguia. Apesar disso, continuava com invencível constância o seu trabalho missionário, ao mesmo tempo humanitário e religioso, confiando no exemplo e nas palavras de Cristo: Um é o que semeia e outro o que ceifa. E pedia com insistência o auxílio da Mãe de Deus, por quem tinha particular devoção. A sua pregação da religião cristã destruiu o culto dos maus espíritos, que os notáveis de Futuna fomentavam para conservar o povo sob o seu domínio.

Foi esta a razão que os levou a assassiná-lo cruelmente com a esperança de fazerem desaparecer, com esta morte, as sementes da religião cristã, que Pedro tinha lançado à terra. Mas ele próprio dissera na véspera do martírio: «Nada importa que eu morra; o cristianismo está tão arraigado nesta ilha que não será arrancado com a minha morte».

O sangue do mártir frutificou primeiramente nos habitantes de Futuna, que, poucos anos mais tarde, abraçaram todos a fé de Cristo; mas frutificou também nas outras ilhas da Oceânia, onde existem agora Igrejas cristãs muito florescentes, que têm e invocam a Pedro como seu primeiro mártir”.

O que chama a atenção na figura deste jovem sacerdote marista (tinha abandonado o clero secular para entrar na Sociedade de Maria com a esperança de ser enviado em missão) é a extraordinária mansidão e um sólido realismo com que tinha enfrentado a sua inserção no ambiente difícil daquela ilha remota, à qual tinha sido destinado como lugar de missão. Nos dois primeiros anos, enquanto aprendia aquela língua difícil, foi gastando a sua vida no serviço. Procurou pacificar duas tribos que viviam em declarada hostilidade e dedicou-se aos cuidados dos necessitados e moribundos. Tudo isto com as marcas que o caracterizavam: afabilidade, mansidão e a caridade misericordiosa e humilde. Tal era o seu estilo de presença que os indígenas o chamavam de “homem de grande coração”.

Dizia: *“Que ninguém esteja preocupado connosco. O meu destino e o dos meus irmãos são dignos de inveja e não pretendo trocá-lo por qualquer outra coisa deste mundo”*. E ainda: *“Por mais indigno que eu seja da sublimidade da minha vocação, não gostaria de a trocar por um reino”*.

Aos 38 anos, com três anos de missão, foi submetido a um cruel martírio, sendo este o coroamento de uma vida vivida no Espírito Santo, no amor a Maria, na entrega de si, numa extraordinária bondade, na cortesia da relação e numa heroica paciência.

Enquanto lhe era dado o golpe final com um machado que lhe partiu o crânio, o Padre Pedro pronunciou as palavras: *Malie fuai*, isto é, *É bom para mim*. Assim confirmava a plena aceitação do martírio. Passados poucos meses, um seu confrade foi a Futuna para levar os seus restos mortais para a Nova Zelândia. Os indígenas expressaram-lhe a sua dor pelo sucedido e pediram-lhe um novo missionário para a ilha.

26 Outubro 2021

Terça-feira, 30.^a do Tempo Comum

Rm 8,18-25

Sal 125.

Lc 13,18-21

“Irmãos: Eu penso que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que se há de manifestar em nós.

Na verdade, as criaturas esperam ansiosamente a revelação dos filhos de Deus. Elas estão sujeitas à vã situação do mundo, não por sua vontade, mas por vontade d’Aquele que as submeteu, com a esperança de que as mesmas criaturas sejam também libertadas da corrupção que escraviza, para receberem a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Sabemos que toda a criatura geme ainda agora e sofre as dores da maternidade. E não só ela, mas também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adoção filial e a libertação do nosso corpo. É em esperança que estamos salvos, pois ver o que se espera não é esperança: quem espera o que já vê? Mas esperar o que não vemos é esperá-lo com perseverança”.

Nesta passagem da carta aos Romanos, São Paulo oferece-nos uma imagem precisa do mundo redimido por Cristo. Ao mesmo tempo, apresenta-nos com acentuado realismo, mas também com esperança, a condição atual do homem e de toda a criação.

Embora salvo e filho de Deus, o homem vive na dor, na espera de uma realização que ainda não foi alcançada. Recebemos o Espírito Santo, mas apenas como penhor; temos as primícias do Espírito, mas não a plenitude, e o nosso corpo ainda não foi totalmente redimido. Com o pecado, o homem fez entrar toda a criação na escravidão da corrupção. Por isso, também ela participa deste sofrimento e desta espera.

No entanto, São Paulo diz também que o homem e a criação, neste estado de caducidade e de sofrimento, não estão na morte, mas num estado de gestação para o parto. Naturalmente que existe ansiedade e sofrimento, mas encaminha-se para a vida verdadeira. O homem e a criação estão a alcançar a glória que ainda não veem, mas que esperam ver. Esperar com esperança e perseverança são condições para ver o que ainda não se vê.

O salmo responsorial oferece imediatamente um exemplo de renascimento. Porque nos encontramos ainda na terra, não pode ser um exemplo de felicidade completa. Ainda que em pequeno número e no meio de sérias dificuldades, os deportados para a Babilónia regressaram livres à sua terra! *“Estamos exultantes de alegria”*, diz o salmista. O Senhor sabe que as suas criaturas não podem viver sem a alegria, ainda que frágil e provisória. Assim, na sua ternura, o Senhor modera as provações vividas no exílio. Ele nos vai provando, testa a nossa fidelidade, quer que testemunhemos esperança e perseverança, mas não nos falta com grandes alegrias depois de períodos de acentuado sofrimento, assim como pequenas alegrias quotidianas que nos ajudam a caminhar felizes, ainda que no meio de tribulações:

“Quando o Senhor fez regressar os cativos de Sião, parecia-nos viver um sonho. Da nossa boca brotavam expressões de alegria e de nossos lábios cânticos de júbilo. Diziam então os pagãos: «O Senhor fez por eles grandes coisas». Sim, grandes coisas fez por nós o Senhor, estamos exultantes de alegria. Fazei regressar, Senhor, os nossos cativos, como as torrentes do deserto. Os que semeiam em lágrimas recolhem com alegria. À ida, vão a chorar, levando as sementes; à volta, vêm a cantar, trazendo os molhos de espigas”.

O Evangelho de hoje está em perfeita sintonia com a epístola e com o salmo: dá-nos muita confiança e esperança.

“Naquele tempo, disse Jesus: «A que é semelhante o reino de Deus, a que hei de compará-lo? É semelhante ao grão de mostarda que um homem tomou e lançou na sua horta. Cresceu, tornou-se árvore e as aves do céu vieram abrigar-se nos seus ramos». Jesus disse ainda: «A que hei de comparar o reino de Deus? É semelhante ao fermento que uma mulher tomou e misturou em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado»”.

É tão simples e familiar a imagem do reino de Deus apresentada por São Lucas que a ninguém poderá espantar. *O reino e Deus é semelhante a um grão de mostarda... É semelhante ao fermento...* O grão de mostarda e o fermento são coisas pequenas, estão ao nosso alcance. Porém, têm dentro de si uma força extraordinária que não lhes é dada por nós. Nós temos, isso sim, a capacidade e a responsabilidade para utilizarmos bem estes elementos, de tal maneira que eles sirvam para a finalidade que Deus os criou: semear o grão no nosso jardim ou misturar o fermento na nossa farinha para o crescimento do reino de Deus. Não somos nós, mas sim a graça de Deus que faz crescer, ainda que nós não nos demos conta. *“A misteriosa fecundidade da missão não se baseia nas nossas intenções, nos nossos métodos, nos nossos impulsos e nas nossas iniciativas. Ela tem por base a vertigem que se faz sentir quando escutamos verdadeiramente as palavras de Jesus: «Sem mim nada podeis fazer»”* (Papa Francisco, ***Sem Ele nada podemos fazer. Ser missionários hoje***, LEV-São Paulo, Roma 2019, p. 36).

O reino de Deus crescerá em nós na medida em que tomarmos consciência da nossa pobreza e da nossa incapacidade de nos salvarmos a nós próprios. Na sua vida, morte e ressurreição, Cristo já nos salvou. Compete-nos agora acreditar, esperar e oferecer a nossa pequena colaboração nesta salvação, que ainda não vemos na sua plenitude. Agradecendo a iniciativa e o dom recebidos, fazemos com confiança tudo aquilo que podemos, ainda que seja pouco. E procuramos ser agradecidos pela misericórdia que nos é concedida por Deus.

A nossa colaboração com a graça é sempre obra missionária; na verdade, é a única obra verdadeiramente missionária, pois o testemunho de vida é a forma mais convincente de apostolado. E isto é ainda mais forte quando o testemunho está ligado a um grande sofrimento, vivido com amor, e até com alegria e com o sorriso nos lábios.

É isto que aconteceu com uma santa libanesa, Rafqa Choboq Ar-Rayes, morta em 1914 e canonizada pelo Papa João Paulo II, no dia 10 de junho de 2001:

Ao canonizar a Bem-aventurada Rafqa Choboq Ar-Rayès, a Igreja ilumina de maneira particular o mistério de amor dado e recebido para a glória de Deus e para a salvação do mundo. Esta monja da Ordem libanesa maronita desejava amar e dar a sua vida pelos irmãos. Nos sofrimentos que não deixaram de atormentar durante os últimos vinte e nove anos da sua existência, santa Rafqa manifestou sempre um amor generoso e apaixonado pela salvação dos seus irmãos, haurindo da sua união a Cristo, morto na cruz, a força para aceitar voluntariamente e amar o sofrimento, caminho autêntico de santidade.

Oxalá Santa Rafqa vigie sobre quantos conhecem o sofrimento, sobretudo sobre os povos do Médio Oriente que se confrontam com a espiral destruidora e estéril da violência! Mediante a sua intercessão, peçamos ao Senhor que abra os corações à busca paciente de novos caminhos para a paz, apressando os dias da reconciliação e da concórdia!

(Capela Papal para a Canonização de 5 Beatos, Homilia de João Paulo II, Santíssima Trindade, 10 de junho de 2001)

Devido aos longos anos de cegueira e de paralisia total, não há nenhuns escritos deixados pela monja, compatriota e contemporânea do famoso taumaturgo *São Charbel Makhluf*.

Antes de se tornar monja contemplativa na Ordem de São Charbel, ela estivera numa Congregação de vida apostólica e ali fora enviada como professora para as aldeias da montanha. Durante a sua infância e adolescência, santa Rafqa viveu a guerra civil e as divisões que tinham levado ao empobrecimento das famílias libanesas de 1840 a 1845. Tinha sofrido ainda mais com o extermínio dos maronitas em 1860: nesse período, as crianças eram mortas depois de arrancadas dos braços de suas mães. A Santa conseguiu salvar uma criança, escondendo-a no seu hábito, livrando-a, assim, da crueldade e da barbárie daqueles que a perseguiam. Ficou tão perturbada com estes massacres que se comovia quando alguém lhe falava do assunto.

Em 1871, deixou a Congregação das Mariamite de Bikfaya, entretanto dissolvida. Nessa altura entrou na Ordem libanesa das Monjas Moronitas. Pediu a Cristo que lhe concedesse a graça de participar na sua paixão para se unir mais aos seus sofrimentos. E assim aconteceu. Perdeu um olho durante uma operação e posteriormente ficou cega. Todo o seu corpo ficou paralisado, exceto as mãos. Com as mãos, conseguiu tricotar durante toda a sua vida. Viveu até aos 82 anos, com o sorriso nos lábios e em perfeita alegria.

Depois da sua morte, sobre o seu túmulo, ocorreu o mesmo fenómeno que tinha acontecido no túmulo de São Charbel: uma luz forte brilhava e depois desaparecia. Várias pessoas das aldeias vizinhas do mosteiro de São José de Jrapta viram esse fenómeno e deram o seu testemunho.

Para todos os cristãos que se encontram em sofrimento, a mensagem de Santa Rafqa é um encorajamento à paciência e à aceitação alegre do sofrimento por amor a Cristo e ao próximo. Segundo o ditado, quem procura Jesus Cristo sem a cruz encontrará a cruz sem Jesus Cristo. Para ele, será pesado e até impossível carregar a cruz. Rafqa ensina-nos que, com Cristo e por meio d'Ele, a Cruz e os muitos sofrimentos da vida tornam-se oração e alegria e são a forma mais eficaz da evangelização.

27 Outubro 2021

Quarta-feira, 30.^a do Tempo Comum

Rm 8,26-30

Sal 12

Lc 13,22-30

É o Espírito Santo quem nos guia a nós, seres pobres e frágeis. O Espírito guia a nossa oração, completa-a e substitui-a, quando não é adequada ou desproporcionada; Ele intercede pelos santos segundo os desígnios de Deus. Toda a nossa vida é guiada pelo Espírito Santo, ainda que não o saibamos; *“Deus concorre em tudo para o bem daqueles que O amam, dos que são chamados, segundo o seu desígnio.”*

“Irmãos: O Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza, porque não sabemos o que pedir nas nossas orações; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis. E Aquele que vê no íntimo dos corações conhece as aspirações do Espírito, pois é em conformidade com Deus que o Espírito intercede pelos cristãos. Além disso, nós sabemos que Deus concorre em tudo para o bem daqueles que O amam, dos que são chamados, segundo o seu desígnio. Porque os que Ele de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que Ele seja o Primogênito de muitos irmãos. E àqueles que predestinou, também os chamou; àqueles que chamou, também os justificou; e àqueles que justificou, também os glorificou”.

A visão grandiosa de São Paulo, cheia de confiança e de esperança, é vislumbrada e cantada pelo salmista, que reza para alcançar vida e salvação. É sobretudo em momentos difíceis que sentiu necessidade de acreditar na bondade de Deus: quando vacilava perante os adversários... Naqueles momentos dolorosos era necessário confiar, não na própria fidelidade, mas na fidelidade do Senhor. Por duas vezes, o orante obteve esta graça: *“Confio na vossa misericórdia, Senhor... Mas eu confiei na vossa misericórdia”*. O seu coração exulta e a sua boca canta ao Senhor que o atendeu:

“Vede e respondi-me, Senhor, meu Deus, iluminai os meus olhos para que não adormeça na morte e o meu inimigo não possa dizer: «Consegui vencê-lo», nem meus adversários rejubilem com a minha desgraça. Eu, porém, confio na vossa misericórdia; o meu coração alegra-se com a vossa salvação e cantarei ao Senhor pelo bem que me fez”.

Poderia parecer que a passagem do Evangelho estivesse a restringir a misericórdia do Senhor e a possibilidade da salvação, amplamente aberta aos pecadores arrependidos. Vejamos que não se trata de nenhuma restrição. A repreensão de Jesus dirige-se a quem calcula ou reduz a salvação às suas próprias estreitas categorias, a quem pretende conseguir a salvação pelos seus próprios meios, a quem exclui categorias ou pessoas, a quem não confia n'Ele ainda que tenha comido e bebido com Ele e ouvido os seus ensinamentos. Em resumo, dirige-se a quem vive nas suas próprias categorias, interpretações e hábitos, e não compreendeu o Evangelho da misericórdia.

Jesus é a porta, mas esta porta - grande e sempre aberta para todos - torna-se realmente estreita somente para quem, pela sua falta de humildade, não pode entrar:

“Naquele tempo, Jesus dirigia-Se para Jerusalém e ensinava nas cidades e aldeias por onde passava. Alguém Lhe perguntou: «Senhor, são poucos os que se salvam?». Ele

respondeu: «Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque Eu vos digo que muitos tentarão entrar sem o conseguir. Uma vez que o dono da casa se levante e feche a porta, vós ficareis fora e batereis à porta, dizendo: 'Abre-nos, senhor'; mas ele responder-vos-á: 'Não sei donde sois'. Então começareis a dizer: 'Comemos e bebemos contigo, e tu ensinaste nas nossas praças'. Mas ele responderá: 'Repito que não sei donde sois. Afastai-vos de mim, todos os que praticais a iniquidade'. Aí haverá choro e ranger de dentes, quando virdes no reino de Deus Abraão, Isaac e Jacob e todos os Profetas, e vós a serdes postos fora. Virão muitos do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e sentar-se-ão à mesa no reino de Deus. Há últimos que serão dos primeiros e primeiros que serão dos últimos»”.

É extremamente consolador que as palavras de Jesus se continuem a realizar em todos os tempos: “Virão muitos do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e sentar-se-ão à mesa no reino de Deus. Há últimos que serão dos primeiros e primeiros que serão dos últimos”. O texto que em seguida apresentamos mostra claramente o que acabamos de dizer:

Canonização dos mártires de Uganda: Basílica de São Pedro, domingo, 18 de outubro de 1964

Homilia de Paulo VI

“Estes, que estão vestidos de túnicas brancas, quem são e donde vieram?” (Ap 7,13). Quem são? São africanos, verdadeiros africanos, de cor, raça e cultura, dignos representantes dos grandiosos povos Bantos e Nilóticos explorados no século passado pela ousadia de Stanley e Livingstone, estabelecidos nas regiões da África oriental, chamada dos Grandes Lagos [...]. No tempo em que viviam, a sua pátria era um protetorado britânico [...], um campo de apostolado missionário que, em primeiro lugar, acolheu os ministros ingleses de confissão anglicana. Dois anos mais tarde, chegaram os missionários católicos de língua francesa, chamados Padres Brancos, missionários de África. São filhos do célebre e corajoso cardeal Lavignerie (1825-1892). Este homem deve ser recordado entre os homens mais ilustres e providenciais, não somente por África, mas por toda a civilização. Foram os Padres Brancos que introduziram o catolicismo no Uganda, pregando o Evangelho numa relação amigável com os missionários anglicanos e com aqueles que tiveram a felicidade - a preço de incalculáveis riscos e canseiras - de formar estes mártires para Cristo, que hoje honramos como heróis e irmãos na fé e invocamos como protetores no céu. Sim, são africanos e são mártires. “São - continua a Escritura -, os que vêm da grande tribulação; lavaram as suas túnicas e as branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso, estão diante do trono de Deus” (Ib. 14-15).

Todas as vezes que pronunciamos a palavra “mártires” no sentido que tem na hagiografia cristã, a nossa mente deveria despertar-nos para um drama horrível e maravilhoso: horrível pela injustiça, revestida de autoridade e crueldade, que é a que provoca o drama; horrível ainda pelo sangue derramado e pelo sofrimento da própria carne que impiedosamente é submetida à morte. Ao mesmo tempo, é maravilhoso pela inocência que, sem defender-se, se entrega física e docilmente ao suplício, feliz e orgulhosa por poder testemunhar a verdade invencível da fé que se fundiu com a vida humana; a vida morre, a fé vive. A força contra a fortaleza; a primeira, vencendo, fica derrotada; esta, perdendo, triunfa.

O martírio é um drama; um drama tremendo e sugestivo, cuja violência injusta e depravada quase desaparece da memória ali mesmo onde ocorreu, enquanto que a mansidão permanece, brilhante e amável, na memória dos séculos, ela que soube fazer da sua própria oblação um sacrifício, um holocausto; um ato supremo de amor e

fidelidade a Cristo; um exemplo, um testemunho, uma mensagem perene para os homens de hoje e de amanhã. Isto é o martírio [...].

Agora estes mártires juntam uma nova página a esse catálogo de vencedores que é o martirologio. É uma página trágica e magnífica, verdadeiramente digna de se juntar àquelas maravilhosas da antiga África, que nós, homens modernos e de pouca fé, pensávamos que já não teriam continuidade.

Quem podia imaginar, por exemplo, que às comoventes histórias dos mártires escilitanos, dos mártires cartagineses, dos mártires da “Massa Candida” de Utica [...], dos mártires do Egito, dos mártires da perseguição dos Vândalos, se viriam a juntar, nos nossos dias, novos episódios nada menos heroicos, nada menos brilhantes? Quem poderia prever que às grandes figuras históricas dos Santos Mártires e Confessores africanos, tais como Cipriano, Felicidade e Perpétua, e ao grande Agostinho, um dia associaríamos os queridos nomes de Carlos Lwanga e de Matias Mulumba Kalemba, com os seus vinte companheiros? Não queremos esquecer aqueles que, pertencendo à confissão anglicana, enfrentaram a morte pelo nome de Cristo [...].

A história dos mártires que agora celebramos refere-se a vinte e dois homens, na sua maioria jovens, e cada um deles mereceria um elogio particular. A estes deveria juntar-se uma dupla e longa lista de vítimas dessa feroz perseguição: uma de católicos - neófitos e catecúmenos - e outra de anglicanos, sacrificados pelo nome de Cristo [...]. São poucas as narrações das atas dos mártires que se encontram tão documentadas como esta. Aqui não há lenda, mas a crónica de uma “Passio martyrum” descrita fielmente. Quem a lê, contempla; quem contempla, comove-se, e quem se comove, chora. Devemos ir concluindo: Sim, são mártires; “São aqueles - dizíamos com o autor do Apocalipse - que vêm da grande tribulação; lavaram as suas túnicas e as branquearam no sangue do Cordeiro”!

Este martírio coletivo apresenta-nos um maravilhoso fenómeno cristão. [...] O cristianismo encontra em África uma predisposição particular frente à qual não temos dúvida em classificá-la como um mistério de Deus, uma vocação indígena, uma promessa histórica. África é terra do Evangelho, África é uma nova pátria de Cristo. A simplicidade reta e lógica, e a fidelidade inflexível destes jovens cristãos de África asseguram-nos e demonstram-nos isto mesmo. A fé, dom de Deus, e a capacidade humana de progresso, por um lado; e por outro, a sua união em prodigiosa correspondência. Que a semente evangélica encontre obstáculos nos espinhos de terreno tão selvagem causa dor e não estranheza. Mas que a semente crie imediatamente raízes, brote com pujança e surja carregada de flores pelas boas qualidades do solo, causa simultaneamente alegria e admiração. Esta é a glória espiritual do continente dos rostos negros e das almas brancas que anuncia uma nova civilização: a civilização cristã da África [...].

Para quem o escuta atentamente nesta hora decisiva da história da África, o seu testemunho é uma voz que chama. Voz que parece repetir, como um eco potente, o convite misterioso ouvido por São Paulo numa visão, durante uma noite: «Ajuva nos», Vem ajudar-nos (At 16,9). Estes mártires imploram ajuda. África tem necessidade de missionários: de sacerdotes, em particular, de médicos, de professores, de irmãs e enfermeiras, de almas generosas, que ajudem à jovem e próspera, mas tão necessitada comunidade católica, a crescer em número e qualidade para que se torne povo: povo africano da Igreja de Deus.

28 Outubro 2021

Festa dos santos Simão e Judas, apóstolos

Ef 2,19-22

Sal 18

Lc 6,12-19

Nesta festa dos apóstolos, começamos a nossa meditação com algumas notas breves sobre o Evangelho:

“Naqueles dias, Jesus subiu ao monte para rezar e passou a noite em oração a Deus. Quando amanheceu, chamou os discípulos e escolheu doze entre eles, a quem deu o nome de apóstolos: Simão, a quem deu também o nome de Pedro, e seu irmão André; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu, Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado o Zelota; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor. Depois desceu com eles do monte e deteve-se num sítio plano, com numerosos discípulos e uma grande multidão de pessoas de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidónia. Tinham vindo para ouvir Jesus e serem curados das suas doenças. Os que eram atormentados por espíritos impuros também ficavam curados. Toda a multidão procurava tocar Jesus, porque saía d’Ele uma força que a todos sarava”.

Durante toda a noite, Jesus reza ao Pai. Depois, chamando a si os discípulos que o seguiam, escolheu doze, como as doze tribos de Israel. Eram muito diferentes uns dos outros e de diversos estratos sociais. Entre estes, ao fim da lista, aparecem Simão, chamado o Zelota, e Judas Tadeu, filho de Tiago. Sabemos pouquíssimo sobre eles. Estão na lista dos doze nos três evangelhos sinóticos e no primeiro capítulo dos Atos dos apóstolos.

O Evangelho de João não apresenta a lista dos apóstolos. Vai mencionando a maior parte do nome deles nos vários episódios da sua relação com Jesus: refere-se à pergunta que Judas “(...) não o Iscariotes”, especifica João) faz a Jesus: “*Por que te hás de manifestar a nós e não te manifestarás ao mundo?*”. Jamais terminaremos de agradecer a Judas a sua curiosidade, pois sem aquela pergunta não teríamos a resposta sublime de Jesus: “*Se alguém me tem amor, há de guardar a minha palavra; e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada*” (Jo 14,22-23). A Judas, filho de Tiago, é atribuída a breve carta que se encontra no fim das Cartas apostólicas da Sagrada Escritura.

A escassez de informações fidedignas não nos deve deixar desanimados. Os apóstolos são o fundamento, são aqueles que, escolhidos e amados por Cristo, foram enviados, transmitiram-nos e testemunharam a fé. Neles foi fundada a Igreja. Com razão, a segunda leitura não é da carta de Judas, como possivelmente esperássemos, mas da carta aos Efésios, na qual São Paulo descreve o mistério da Igreja, casa “apostólica e profética” de Deus:

“Irmãos: Já não sois estrangeiros nem hóspedes, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o alicerce dos Apóstolos e dos Profetas, que tem Cristo como pedra angular. Em Cristo, toda a construção, bem ajustada, cresce para formar um templo santo do Senhor; e em união com Ele, também vós sois integrados na construção, para vos tornardes, no Espírito Santo, morada de Deus”.

Não nos deveria perturbar nenhum medo nem incerteza alguma. Cristo, a pedra angular, é a base do edifício; os apóstolos e os profetas são o fundamento. Nós somos edificados como pedras vivas sobre eles, ao permitirmos que o Espírito nos una e faça que todo o edifício cresça de maneira harmoniosa para que se transforme num templo santo, conscientes de nos tornarmos

morada de Deus. Os santos são os tijolos e as pedras mais fortes e belas. No entanto, cada pedra, por mais tosca ou humilde que seja, é necessária para a construção, porque Deus, nosso Salvador, quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (cf. 1Tm 2,4).

Mesmo sem palavras, todo o universo proclama a glória de Deus e a salvação que Ele quer para todas as criaturas, tal como afirma o salmo responsorial. Os apóstolos e a Igreja têm a missão de levar esta mensagem até aos confins do mundo:

“Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. O dia transmite ao outro esta mensagem e a noite a dá a conhecer à outra noite. Não são palavras nem linguagem cujo sentido se não perceba. O seu eco ressoou por toda a terra e a sua notícia até aos confins do mundo”.

Várias tradições falam da Idumeia, Síria e Mesopotâmia como campo de apostolado de São Simão e São Judas. Parece que são celebrados no mesmo dia por causa do seu martírio sofrido em comum. Se os dois apóstolos pregaram Cristo na Ásia Menor e o apóstolo Tomás foi até à Índia, na longínqua Coreia, a fé cristã, caso única na história da evangelização, não terá entrado pela pregação direta dos apóstolos, mas graças a pessoas eruditas que estudaram textos sagrados, e também à fé transmitida pelos leigos.

De facto, alguns buscadores da verdade, impressionados pelos textos cristãos, depois de alguns anos, enviaram um deles a Pequim para entrar em contacto com os missionários e ser batizado. Este, por sua vez, no regresso à Coreia, batizou os seus companheiros. *“A missão é um contacto humano, é o testemunho de homens e mulheres que transmitem aos seus companheiros de caminho: eu conheço Jesus, gostaria que também tu O conhecesses”* (Papa Francisco, **Sem Ele nada podemos fazer. Ser missionários hoje**. LEV-São Paulo, Roma 2019, p. 87).

O que acabamos de ler na Carta aos Efésios aconteceu na Coreia, de maneira providencial: *“Irmãos: Já não sois estrangeiros nem hóspedes, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o alicerce dos Apóstolos e dos Profetas, que tem Cristo como pedra angular”.*

De 1836 a 1867, a jovem Igreja do Extremo Oriente sofreu violentas perseguições que fizeram mais de 10.000 mortos, mas que também suscitaram uma primavera do Espírito como na Igreja dos tempos apostólicos. Os santos André Kim Taegõn, primeiro sacerdote coreano, e o leigo Paulo Chõng Hasang são os primeiros de uma grande linha de mártires canonizados.

Aqui fica a última exortação de Santo André Kim Taegõn, martirizado aos 44 anos, em 1846:

“Irmãos e amigos caríssimos, pensai e refleti atentamente: No início dos tempos, Deus criou o céu e a terra e todo o universo; meditai por que razão e com que finalidade Ele formou o homem à sua imagem e semelhança, como diz a Escritura.

Portanto, se, neste mundo de perigos e misérias, não reconhecêssemos o Senhor como nosso criador, de nada nos aproveitaria ter nascido e continuar a viver. Viemos a este mundo pela graça de Deus; pela graça de Deus recebemos o Batismo e entrámos na Igreja, tornando-nos discípulos do Senhor e adquirindo um nome glorioso. Mas de que serviria tão grande nome sem a verdadeira realidade? Perderia de facto todo o sentido ter vindo ao mundo e entrado na Igreja; mais ainda, seria uma ofensa ao Senhor e à sua graça. Mais valeria não ter nascido do que receber a graça do Senhor e pecar contra Ele.

Considerai o agricultor que faz a sementeira no seu campo: em tempo oportuno lavra a terra; depois aduba-a e lança a semente, não se poupando a canseiras sob o ardor do sol. Quando chega o tempo da colheita, se encontra as espigas cheias de grão, exulta de alegria, esquecendo os trabalhos e suores. Mas se as espigas estão vazias e nada resta senão palha e cascas, então o agricultor, recordando a dureza dos trabalhos e suores, tanto mais decididamente abandona o campo quanto mais cuidadosamente o cultivara.

De modo semelhante, o Senhor faz do mundo o seu campo: nós somos o seu arroz; o adubo é a graça; mediante a Encarnação e Redenção, Ele nos rega com o seu Sangue, para que possamos crescer e chegar à maturidade. Quando chegar o tempo da colheita, no dia do Juízo, quem estiver amadurecido pela graça gozará a felicidade no reino dos Céus, como filho adotivo de Deus; mas aquele que não estiver amadurecido será seu inimigo, embora tenha sido, também ele, filho adotivo de Deus, e merecerá ser punido com o castigo eterno. Sabeis, irmãos caríssimos, que Nosso Senhor Jesus Cristo, vindo ao mundo, suportou inúmeras dores e pela sua Paixão fundou a santa Igreja, que continua a aumentar pela paixão dos seus fiéis. Por mais que os poderes deste mundo a oprimam e combatam, nunca poderão prevalecer. Depois da Ascensão de Jesus, desde os tempos dos Apóstolos até aos nossos dias, a santa Igreja por toda a parte cresceu no meio das tribulações.

Pois bem, durante estes cinquenta ou sessenta anos, isto é, desde que a santa Igreja entrou na nossa Coreia, os fiéis sofreram constantes perseguições; e ainda hoje grassa o furor da perseguição, de tal modo que numerosos amigos foram encarcerados pela mesma fé, como eu próprio, e também vós permanecéis no meio da tribulação. Uma vez que formamos um só corpo, como não estar tristes no íntimo do coração? Como deixar de experimentar o sentimento humano desta separação dolorosa?

No entanto, como diz a Escritura, Deus vela pelo mais pequeno cabelo da nossa cabeça e toma o a seu cuidado na sua onisciência; portanto, como poderemos considerar tão grande perseguição, senão como ordem de Deus ou sua recompensa ou porventura seu castigo?

Aceitai portanto a vontade de Deus e combatei corajosamente pelo capitão divino Jesus e vencei o demónio neste mundo, já vencido por Cristo.

Peço-vos, irmãos: não negligencieis o amor fraterno, mas ajudai-vos mutuamente e sede perseverantes até que o Senhor tenha piedade de nós e afaste a tribulação.

Estamos aqui vinte pessoas e pela graça de Deus ainda todos se encontram de saúde. Se algum for morto, peço-vos que não vos esqueçais da sua família. Tenho muitas coisas a dizer-vos, mas como posso exprimi-las com papel e tinta? Termino a carta. Como estamos já próximos do combate, rogo-vos que vivais firmes na fé, de modo que um dia entremos no Céu e lá nos encontremos para gozar da alegria comum. Despeço-me com o ósculo do meu amor.

29 Outubro 2021

Sexta-feira, 30.^a do Tempo Comum

Rm 9,1-5

Sal 147

Lc 14,1-6

“Irmãos: Em Cristo digo a verdade, não minto, e disso me dá testemunho a consciência no Espírito Santo: Sinto uma grande tristeza e uma dor contínua no meu coração. Quisera eu próprio ser anátema, separado de Cristo, para bem dos meus irmãos, que são do mesmo sangue que eu, que são israelitas, a quem pertencem a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas, a quem pertencem os Patriarcas e de quem procede Cristo segundo a carne, Ele que está acima de todas as coisas, Deus bendito por todos os séculos. Amém”.

A dor e o constante sofrimento de Paulo em relação ao seu povo são compreensíveis: ele pertence à raça de Israel, à tribo de Benjamim, é hebreu, filho de hebreus, fariseu no que toca à lei (cf. Fil 3,5). Os Israelitas são seus irmãos segundo a carne e o seu maior desejo é que eles o sejam também segundo o Espírito. Já são filhos adotivos de Deus, que os escolheu, estabeleceu com eles a aliança, as promessas, a Lei, o Templo. O que receberam gratuitamente deveria guiá-los para Cristo, em quem tudo se cumpre. Paulo expressa, de maneira paradoxal, a sua aflição, dizendo que preferiria ser separado de Cristo para bem deles.

No salmo responsorial, também o salmista reconhece os privilégios com que Deus enriqueceu o seu povo: defendeu-o, abençoou-o, levou-o a viver em paz, saciou a sua fome. Acima de tudo anunciou a Israel - e somente a Israel - a sua palavra, as suas leis e os seus julgamentos:

“Glorifica, Jerusalém, o Senhor; louva, Sião, o teu Deus. Ele reforçou as tuas portas e abençoou os teus filhos. Estabeleceu a paz nas tuas fronteiras e saciou-te com a flor da farinha. Envia à terra a sua palavra, corre veloz a sua mensagem. Revelou a sua palavra a Jacob, suas leis e preceitos a Israel. Não fez assim com nenhum outro povo, a nenhum outro manifestou os seus juízos”.

O Evangelho soa como uma repreensão a este povo, aos doutores da Lei e aos fariseus. Eles não entenderam que os dons recebidos não eram para ocuparem o primeiro lugar entre os outros povos da terra, mas para fazerem deste povo testemunha e mensageiro do amor de Deus para todos os homens. Pelo contrário, o povo eleito fechou-se num conjunto de prescrições menores e na defesa de minuciosidades legais que o levou a esquecer, não somente o essencial, mas também o sentido comum da compaixão e da solidariedade. Se um filho ou um boi caírem num poço no sábado, não se apressarão para os tirar? Não é, então, uma estupidez a proibição de curar um pobre homem doente em dia sábado? Os milagres de Jesus aos sábados não atentam contra a sacralidade do dia sagrado, mas visam colocar em primeiro lugar o mandamento do amor a Deus e ao próximo.

“Naquele tempo, Jesus entrou, num sábado, em casa de um dos principais fariseus, para tomar uma refeição. Todos O observavam. Diante d’Ele encontrava-se um hidrópico.

Jesus tomou a palavra e disse aos doutores da lei e aos fariseus: «É lícito ou não curar ao sábado?». Mas eles ficaram calados. Então Jesus tomou o homem pela mão, curou-o e mandou-o embora.

Depois disse-lhes: «Se um filho vosso ou um boi cair num poço, qual de vós não irá logo retirá-lo em dia de sábado?». E eles não puderam replicar a estas palavras”.

Também hoje, nas nossas sociedades das tecnologias avançadas, não faltam episódios de apego a práticas exclusivas pelos mais diversos motivos: sociais, culturais, religiosos, injustificados. É doloroso constatar que, por exemplo, a convivência de pessoas de raça diferente, sobretudo na África e na América, deu origem a tantas injustiças e discriminações legalizadas quase até aos nossos dias. Nos Estados Unidos, só a partir de 1954 é que as escolas estatais se abriram para todos, sem nenhuma discriminação racial. Na África do Sul, o *apartheid* - separação racial - terminou apenas com a eleição presidencial de Nelson Mandela, em 1994.

Porém, sempre houve homens e mulheres na Igreja que amaram Cristo com o mesmo amor de São Paulo e lutaram contra as injustiças por amor dos irmãos perseguidos e oprimidos, vilipendiados e desprezados, sendo, por sua vez, perseguidos e impedidos de diversas maneiras. Katharine Mary Drexel (Estados Unidos da América) foi uma delas.

Dividida entre o desejo de consagrar-se a Deus na vida contemplativa e a missão a favor dos índios nativos e dos afro-americanos, deixava perplexo o seu diretor espiritual, P. O'Connor. Obedeceu, por fim, à voz da Igreja que lhe falava através do seu Pastor. Numa viagem pela Europa, foi recebida em audiência pelo Papa Leão XIII. Ela mesma narra o episódio:

“Ajoelhada a seus pés, pensava eu, na minha imaginação infantil, que o Vigário de Cristo não me diria que não. Assim, pedi que enviasse sacerdotes missionários para os índios do bispo O'Connor. Para grande admiração minha, Sua Santidade respondeu: “Minha filha, e por que não te tornas tu uma missionária?” (Sonho Americano. Em viagem com os santos americanos, M. S. Caesar (cur.), P. Rossoti (cur.), Marietti 1820, Génova 2016, p. 183).

Foi assim que, em 1891, esta milionária americana fundou a *Congregação das irmãs do Santíssimo Sacramento para os indígenas e pessoas de cor*, abandonando os seus grandes desejos que permaneciam vagos e imprecisos. Trabalhou incansavelmente durante sessenta anos e, enfrentando enormes dificuldades, conseguiu fundar 145 missões entre os indígenas, 50 escolas para os afro-americanos, 12 escolas para os indígenas e 49 conventos. Em 1917, fundou a Xavier's School, em Nova Orleães, que em 1932 foi transformada em universidade, tornando-se a famosa Xavier University.

No dia 26 de setembro de 2015, o Papa Francisco celebrou a Missa com bispos, sacerdotes e religiosos da Pensilvânia na catedral de Filadélfia. Durante a homilia, recordou, desta maneira, o início da vocação de Santa Catarina Maria Drexel:

“Muitos de vós conhecem a história de Santa Catarina Drexel, uma das grandes Santas saídas desta Igreja local. Quando ela falou ao Papa Leão XIII da necessidade das missões, o Papa - era um Papa muito sábio! - perguntou-lhe de maneira incisiva: «E tu, que farás?» Aquelas palavras mudaram a vida de Santa Catarina, porque recordaram-lhe que afinal cada cristão recebeu, em virtude do Batismo, uma missão. Cada um de nós deve responder, da melhor forma possível, à chamada do Senhor para construir o seu Corpo, que é a Igreja.

«E tu, que farás?» A partir destas palavras, gostaria de me deter sobre dois aspetos, no contexto da nossa missão específica de transmitir a alegria do Evangelho e edificar a Igreja com sacerdotes, diáconos, membros masculinos e femininos de institutos de vida consagrada.

Em primeiro lugar, aquelas palavras - «E tu, que farás?» - foram dirigidas a uma pessoa jovem, uma jovem mulher com ideais elevados, e mudaram a sua vida. Impeliram-na a pensar no trabalho imenso que havia para realizar e a dar-se conta de que também ela era chamada a fazer a sua parte. Quantos jovens, nas nossas paróquias e escolas, têm os mesmos ideais elevados, generosidade de espírito e amor a Cristo e à Igreja! Perguntemo-nos: Somos nós capazes de os pôr à prova? Somos capazes de os guiar e ajudar a fazer a sua parte? A encontrar caminhos para poderem partilhar o seu

entusiasmo e os seus dons com as nossas comunidades, sobretudo nas obras de misericórdia e de compromisso a favor dos outros? Partilhamos a própria alegria e entusiasmo que temos em servir o Senhor?

Um dos grandes desafios que a Igreja tem pela frente, nesta geração, é promover, em todos os fiéis, o sentido de responsabilidade pessoal pela missão da Igreja e torná-los capazes de cumprirem tal responsabilidade como discípulos missionários, serem fermento do Evangelho no nosso mundo. Isto exige criatividade para se adaptar às situações em mudança, para levar avante a herança do passado, não primariamente mantendo estruturas e as instituições que também são úteis, mas acima de tudo estando disponíveis para as possibilidades que o Espírito abre diante de nós e comunicando a alegria do Evangelho, todos os dias e em todas as estações da vida.

«E tu, que farás?» É significativo que estas palavras do Papa já idoso tivessem sido dirigidas a uma mulher leiga. Sabemos que o futuro da Igreja, numa sociedade em rápida mudança, exigirá - e já agora o exige - um compromisso cada vez mais ativo por parte dos leigos. A Igreja nos Estados Unidos sempre dedicou um enorme esforço ao trabalho da catequese e da educação. O nosso desafio, hoje, é construir alicerces sólidos e promover um sentido de colaboração e responsabilidade compartilhada, quando programamos o futuro das nossas paróquias e instituições. Isto não significa transcurar a autoridade espiritual que nos foi confiada, mas discernir e usar sabiamente os múltiplos dons que o Espírito concede à Igreja. De forma particular, significa valorizar a contribuição imensa que as mulheres, leigas e consagradas, deram e continuam a oferecer na vida das nossas comunidades.

30 Outubro 2012

Sábado, 30.^a do Tempo Comum

Rm 11,1-2a.11-12.25-29

Sal 93

Lc 14,1.7-11

A primeira leitura e o salmo da celebração de hoje exaltam a fidelidade infalível de Deus para com o seu povo. O capítulo 9 da carta aos Romanos apresenta as dores do coração Paulo: *“Tenho uma grande tristeza e uma dor contínua no meu coração. Desejaria ser amaldiçoado, ser eu próprio separado de Cristo, pelo bem dos meus irmãos, os da minha raça, segundo a carne. Eles são os israelitas, a quem pertence a adoção filial, a glória, as alianças, a lei, o culto, as promessas”*.

Não é possível que Deus os tenha abandonado para sempre. Paulo sente-se seguríssimo disso e revela o mistério da obstinação de Israel: se a sua recusa de Cristo deu a possibilidade aos gentios de conhecer a salvação, quando todos os gentios tiverem recebido o evangelho, também Israel será salvo, *“(…) porque os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis.”*

“Irmãos: Eu pergunto: Teria Deus rejeitado o seu povo? De modo nenhum. Porque eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou o seu povo, que de antemão conheceu. Pergunto ainda: Teria Israel tropeçado para cair definitivamente? De modo nenhum. Mas da sua queda resultou a salvação dos gentios, para provocar a emulação de Israel. Se a sua queda se tornou riqueza para o mundo e o seu declínio riqueza para os gentios, que não fará a sua participação plena na salvação? Não quero, irmãos, que ignoreis este mistério, para não pensardes que sois sábios: O endurecimento de uma parte de Israel durará até que chegue à salvação a plenitude dos gentios. Então todo Israel será salvo, como diz a Escritura: «De Sião virá o Libertador, que afastará as iniquidades de Jacob. E esta será a aliança que farei com eles, quando perdoar os seus pecados». Quanto ao Evangelho, eles são inimigos de Deus para vossa utilidade; mas quanto à escolha divina, são por Ele amados por causa dos seus pais. Porque os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis”.

Sim, o Senhor não rejeita o seu povo e não abandona a sua herança. Mesmo durante a antiga aliança, quantas vezes Deus foi abandonado e traído! E quantas vezes cada um de nós preferiu os ídolos a Ele! Agradecemos ao Senhor porque a sua fidelidade sempre nos sustentou.

“O Senhor não abandona o seu povo. Feliz o homem a quem Vós ensinais, Senhor, e instruís na vossa lei, para lhe dar a paz nos dias de angústia. O Senhor não rejeita o seu povo nem abandona a sua herança. Mas há de julgar com justiça e não de segui-la todos os corações retos. Se o Senhor não viesse em meu auxílio, em breve a minha alma habitaria no silêncio. Quando digo: «Os meus pés vacilam», a vossa bondade, Senhor, me sustenta”.

Se a epístola e o salmo proclamam a fidelidade de Deus, o evangelho, que nos fala de humildade, afirma, à sua maneira, esta mesma fidelidade. É como se Cristo nos estivesse a sugerir a maneira de vencer a nossa necessidade incurável de primazia com um conselho pleno de sabedoria:

“Naquele tempo, Jesus entrou, num sábado, em casa de um dos principais fariseus para tomar uma refeição. Todos O observavam. Ao notar como os convidados escolhiam os primeiros lugares, Jesus disse-lhes esta parábola: «Quando fores convidado para um

banquete nupcial, não tomes o primeiro lugar. Pode acontecer que tenha sido convidado alguém mais importante do que tu; então, aquele que vos convidou a ambos, terá de te dizer: 'Dá o lugar a este'; e ficarás depois envergonhado, se tiveres de ocupar o último lugar. Por isso, quando fores convidado, vai sentar-te no último lugar; e quando vier aquele que te convidou, dirá: 'Amigo, sobe mais para cima'; ficarás então honrado aos olhos dos outros convidados. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado»”.

Os fariseus observam Jesus para o apanhar em falta, mas é Jesus quem percebe a sua necessidade de ocupar os primeiros lugares. O conselho que lhes dá não é uma estratégia manhosa, mas um método educativo, que revela a paciência e a fidelidade do Senhor.

Também São Paulo o sublinha:

“Nada façais por ambição, nem por vaidade; mas, com humildade, considerai os outros superiores a vós próprios” (Fil 2,3).

Pouco depois explica:

“Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Por isso mesmo é que Deus o elevou acima de tudo e lhe concedeu o nome que está acima de todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobrem todos os joelhos, os dos seres que estão no céu, na terra e debaixo da terra; e toda a língua proclame: "Jesus Cristo é o Senhor!", para glória de Deus Pai” (Fil 2,6-11).

Para que Deus, na sua fidelidade, nos possa dar a glória, é necessário que percorramos o único caminho possível, o caminho da humildade. Jesus, que é o caminho, já nos indicou esse caminho.

Entre tantos outros que percorreram o caminho do Senhor, anunciando o evangelho com as suas vidas, falamos hoje de dois grandes santos peruanos, que viveram em Lima na mesma época: São Martinho de Porres e Santa Rosa de Lima.

Neles resplandece a humildade de Cristo e a alegria no sofrimento, vivido com amor. O culto que se lhes tem prestado ao longo dos tempos, não só na América Latina, mas em todo o mundo, é o testemunho claro da verdade das palavras finais do Evangelho: *“Quem se exalta será humilhado*

e quem se humilha será exaltado”. A caridade inesgotável de um e a penitência amorosa da outra são a prova mais evidente do desejo dos seus corações: que todos sejam salvos e possam gozar da felicidade eterna.

De São Martinho não temos escritos, mas a sua vida foi um evangelho vivo. Em 1945, Pio XII proclamou-o padroeiro da justiça social. Martinho era mulato, filho natural de um cavaleiro espanhol empobrecido e de uma antiga escrava negra. Aprendeu a profissão de barbeiro e herbanário. Aos 15 anos, entrou como terciário na Ordem dos Dominicanos, ficando com os afazeres mais humildes. Depois da profissão como irmão converso, tornou-se enfermeiro da comunidade, dentista e cuidador de todo o tipo de doença. Tendo-se tornado um especialista no cuidado dos doentes, por vezes recolhia-os nas ruas e levava-os para o convento, para a sua cela. Ao seu prior, que lhe tinha proibido de fazer tais coisas, Martinho respondia: *“Não sabia que a obediência tinha precedência sobre a caridade”*. Numa altura em que a comunidade estava com problemas económicos, ofereceu-se ao seu prior para que o vendesse como escravo. Ensinava a doutrina cristã aos negros e aos índios e, ajudado por pessoas ricas da cidade, fundou a creche da Santa Cruz, para a educação e assistência dos órfãos, dos pobres e dos sem abrigo.

Gostaria de ter ido a todos os lugares para dar a conhecer Cristo, sobretudo na Ásia, e particularmente no Japão, do qual faz uma descrição detalhada, como se tivesse visitado pessoalmente aquele país distante.

Enquanto Martinho ainda vivia, o povo atribuía-lhe milagres de profecia, de cura, de conversões extraordinárias, de bilocação e inclusivamente de ubiquidade. Toda a cidade de Lima falava dele como o `santo irmão Martinho`. Quando morreu, toda a gente lhe quis manifestar o seu último adeus com a participação unânime no seu funeral.

Santa Rosa, contemporânea de Martinho, era dominicana da ordem terceira e, sem dúvida, terá conhecido o seu santo confrade, ainda que não tenhamos documentos sobre os seus encontros. Foi crismada por São Turíbio de Mongrovejo, tal como São Martinho. O santo arcebispo de Lima confirmou o nome de Rosa à criança, que não era o do batismo, mas que, em virtude da sua extraordinária beleza, lhe tinha sido dado por uma serva índia. São Turíbio completou o nome de Rosa: Rosa de Santa Maria.

Penitente, mística, favorecida por visões, praticou as obras de misericórdia, tal como São Martinho. Cheia de compaixão pelos índios, com quem partilhava os sofrimentos, foi-lhe concedido preparar na rica casa materna, no centro de Lima, um abrigo para assistir os pobres, necessitados, crianças e idosos abandonados, particularmente de origem índia. Ao longo da sua curta vida - morreu com 31 anos - amou os índios, pobres e maltratados, considerando-os como irmãos. Rosa é a primeira santa do continente americano: foi canonizada por Clemente X, no ano de 1671.

Apresentamos um dos seus escritos:

“O Salvador fez ouvir a sua voz e disse com incomparável majestade: «Saibam todos que depois da tribulação se segue a graça; reconheçam que, sem o peso das aflições, não se pode chegar à plenitude da graça; compreendam que com o aumento dos trabalhos cresce simultaneamente a medida dos carismas. Não se deixem enganar: esta é a única escada verdadeira do Paraíso, e sem a cruz não há caminho por onde se possa subir ao Céu». Ao ouvir estas palavras, senti dentro de mim um forte impulso para me ir colocar no meio da praça e gritar bem alto a todas as pessoas de qualquer idade, sexo, estado e condição: «Ouvi, ó povos; ouvi, ó gentes: da parte de Cristo e com as suas próprias palavras, eu vos digo: Não podemos alcançar a graça, se não padecermos aflições; são precisos trabalhos sobre trabalhos para alcançar a íntima participação da natureza divina, a glória dos filhos de Deus e a perfeita formosura da alma». O mesmo estímulo me impelia fortemente a proclamar a beleza da graça divina; e causava-me angústia, suores e ânsias. Parecia-me que já não podia reter a alma no cárcere do corpo e que ela romperia os laços da sua prisão para ir por todo o mundo, livre e sozinha e com grande agilidade, dizendo: «Oh se os mortais conhecessem o que é a graça divina, como é bela, nobre e preciosa, quantas riquezas encerra, quantos tesouros, quantas alegrias e delícias em si contém! Usariam sem dúvida toda a diligência, trabalhos e cuidados em procurar penas e aflições; andariam todos pelo mundo em busca de moléstias, enfermidades e tormentos, em vez de fortunas, para conseguir o inestimável tesouro da graça. Esta é a recompensa e o mais alto lucro da paciência. Ninguém se queixaria da cruz nem dos sofrimentos que porventura lhe advêm, se conhecesse a balança em que são pesados para serem distribuídos pelos homens”.

(Ao médico Castillo; ed. L. Getino, *A Padroeira da América*, Madrid 1928, pp. 54-55)

Os restos destes dois grandes missionários, que nunca deixaram a sua cidade, repousam juntos na basílica do Santo Rosário do convento dominicano de Lima.

31 Outubro 2021

Domingo, 31.^a do Tempo Comum - Ano B

Dt 6,2-6

Sal 17

Hb 7,23-28

Mc 12,28b-34

Neste domingo que encerra o Mês Missionário, os textos da Liturgia da Palavra do ano B são querigmáticos, particularmente sugestivos e apresentam uma profunda unidade. Neles resplandece o essencial da fé. A primeira leitura, do livro do Deuteronômio, contém o Shemá Israel, a oração diária de Israel: *“Escuta, Israel: o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças”*. Nós cristãos repetimo-la com amor, sabendo bem que o Senhor nosso Deus é verdadeiramente único, mas não solitário, e adoramos a sua unidade na trindade das Pessoas:

“Moisés dirigiu-se ao povo, dizendo: «Temerás o Senhor, teu Deus, todos os dias da tua vida, cumprindo todas as suas leis e preceitos que hoje te ordeno, para que tenhas longa vida, tu, os teus filhos e os teus netos.

Escuta, Israel, e cuida de pôr em prática o que te vai tornar feliz e multiplicar sem medida na terra onde corre leite e mel, segundo a promessa que te fez o Senhor, Deus de teus pais.

Escuta, Israel: o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças.

As palavras que hoje te prescrevo ficarão gravadas no teu coração”.

No salmo responsorial, o amor brota verdadeiramente com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças do salmista: Deus é tudo na sua vida, o protetor, o salvador, o libertador, o defensor, aquele que lhe concede a vitória, aquele que é sempre fiel:

“Eu Vos amo, Senhor, minha força, minha fortaleza, meu refúgio e meu libertador, meu Deus, auxílio em que ponho a minha confiança, meu protetor, minha defesa e meu salvador. Invoquei o Senhor - louvado seja Ele - e fiquei salvo dos meus inimigos. Viva o Senhor, bendito seja o meu protetor; exaltado seja Deus, meu salvador. Senhor, eu Vos louvarei entre os povos e cantarei salmos ao vosso nome. O Senhor dá ao seu rei grandes vitórias e usa de bondade para com o seu ungido”.

Já no Antigo Testamento, Deus nos tinha mandado amá-lo com tudo o que somos, mas este amor só é possível porque Ele nos amou primeiro, nos ama sempre e nos amará para sempre. Precisamente porque nos ama, enviou o seu Filho, o Amado, como mediador da nova aliança. Jesus é a medida do amor do Pai. *“Cristo é o único mediador entre Deus e os homens: Pois, há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem: Cristo Jesus, que se entregou a si mesmo como resgate por todos. Tal é o testemunho dado para os tempos estabelecidos. Foi para isto que fui constituído arauto e apóstolo - digo a verdade, não minto - mestre das nações, na fé e na verdade”* (1 Tm 2,5-7; cf. Hb 4,14-16). *“Os homens, portanto, só poderão entrar em comunhão com Deus através de Cristo, e sob a ação do Espírito. Esta Sua mediação única e universal, longe de ser obstáculo no caminho para Deus, é a via estabelecida pelo próprio Deus, e disso, Cristo tem plena consciência. Se não se excluem mediações participadas de diverso tipo e ordem, todavia elas recebem significado e*

valor unicamente da de Cristo, e não podem ser entendidas como paralelas ou complementares desta” (João Paulo II, *Redemptoris Missio* 5, Vaticano, 7 dezembro 1990).

Sacerdote e vítima, “Ele não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiro pelos seus próprios pecados, depois pelos pecados do povo, porque o fez de uma vez para sempre quando Se ofereceu a Si mesmo”. As mediações antigas foram abolidas. Através do seu sacrifício, “Ele pode salvar para sempre aqueles que por seu intermédio se aproximam de Deus”.

“Irmãos: Os sacerdotes da antiga aliança sucederam-se em grande número, porque a morte os impedia de durar sempre. Mas Jesus, que permanece eternamente, possui um sacerdócio eterno. Por isso pode salvar para sempre aqueles que por seu intermédio se aproximam de Deus, porque vive perpetuamente para interceder por eles. Tal era, na verdade, o sumo sacerdote que nos convinha: santo, inocente, sem mancha, separado dos pecadores e elevado acima dos céus, que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiro pelos seus próprios pecados, depois pelos pecados do povo, porque o fez de uma vez para sempre quando Se ofereceu a Si mesmo. A Lei constitui sumos sacerdotes homens revestidos de fraqueza, mas a palavra do juramento, posterior à Lei, estabeleceu o Filho sumo sacerdote perfeito para sempre”.

No Evangelho, Jesus aproxima o amor a Deus e o amor ao próximo e indica-nos o caminho para a santidade, que não consiste simplesmente em cumprir normas, mas na realização do verdadeiro amor, porque Deus é amor.

“Naquele tempo, aproximou-se de Jesus um escriba e perguntou-Lhe: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?». Jesus respondeu: «O primeiro é este: ‘Escuta, Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças’. O segundo é este: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’. Não há nenhum mandamento maior que estes».

Disse-Lhe o escriba: «Muito bem, Mestre! Tens razão quando dizes: Deus é único e não há outro além d’Ele. Amá-l’O com todo o coração, com toda a inteligência e com todas as forças, e amar o próximo como a si mesmo, vale mais do que todos os holocaustos e sacrifícios».

Ao ver que o escriba dera uma resposta inteligente, Jesus disse-lhe: «Não estás longe do reino de Deus». E ninguém mais se atrevia a interrogá-l’O”.

Jesus elogia o escriba que lhe perguntou e que demonstrou sabedoria e desejo sincero de seguir o caminho do amor. Nós sabemos que este caminho é Cristo, que nos deu a salvação. Só imitando-O e configurando-nos com Ele, poderemos encontrar a semelhança divina e reconhecer o reino de Deus que se faz presente em nós e em todos os que se tornam capazes de amar sinceramente.

São João de Ávila - Doutor da Igreja - escrevendo a Santa Teresa de Jesus - também ela Doutora da Igreja - não tem necessidade de gastar muitas palavras sobre o assunto. Escreve ele: “A santidade consiste apenas no humilde amor de Deus e do próximo” (12 setembro de 1568).

Esta é a missão de todos os cristãos: abandonar o egoísmo, isto é, o exagerado amor de si mesmo e deixar que Deus, que é Amor, transpareça e seja reconhecido na nossa própria vida. Se nos deixamos atrair por Deus e vivemos no amor de Deus e dos irmãos, atrairemos outros irmãos neste circuito de amor. Assim como a fé e a esperança se comunicam, também, e sobretudo, a caridade se comunica e atrai: ela é missionária. O Senhor chama a alguns para apresentarem o primeiro anúncio do evangelho da salvação, mas chama a todos para o anunciar através da oração e do testemunho de vida, isto é, através do amor.

Depois de todos estes elementos de meditação sobre os textos bíblicos do mês missionário, apresentamos agora a homilia do Papa Francisco proferida durante uma das suas Missas diárias:

“Sem testemunho e oração não se pode fazer pregação apostólica”

«Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer» (Jo 6, 44). Jesus recorda que os profetas também predisseram isto: «E serão todos ensinados por Deus» (Jo 6, 45). É Deus quem nos leva ao conhecimento do Filho. Sem isto, não se pode conhecer Jesus. Sim, pode-se estudar, também estudar a Bíblia, até saber como nasceu, o que fez. Mas conhecê-lo por dentro, conhecer o mistério de Cristo, é apenas para aqueles que são atraídos pelo Pai. [...]

E isto - que ninguém pode conhecer Jesus sem que o Pai o atraia (cf. v. 44) - é válido para o nosso apostolado, para a nossa missão apostólica como cristãos.

Penso também nas missões. “Que vais fazer nas missões?” - “Eu, converter pessoas” - “Mas repara, tu não estás a converter ninguém! Será o Pai que atrairá esses corações a reconhecerem Jesus”. Ir em missão é dar testemunho da própria fé; sem testemunho nada farás. Ir em missão - e os missionários são bons! - não significa edificar grandes estruturas, coisas... e ficar por aí. Não: as estruturas devem ser testemunhos. Podes construir uma estrutura hospitalar, educacional de grande perfeição, de grande desenvolvimento, mas se uma estrutura estiver sem testemunho cristão, o seu trabalho lá não será uma obra de testemunho, uma obra de verdadeira pregação de Jesus: será uma sociedade de beneficência, muito boa - muito boa! - mas nada mais.

Se eu quiser ir em missão, e digo isto se eu quiser fazer apostolado, tenho de ir com a vontade do Pai para atrair pessoas para Jesus, e é isto que o testemunho faz. O próprio Jesus disse o mesmo a Pedro quando confessou que é o Messias: «Tu és feliz, Simão Pedro, porque o Pai te revelou isto» (cf. Mt 16, 17). É o Pai que atrai, e também atrai com o nosso testemunho. “Farei muitas obras, aqui e ali, de educação, disto e daquilo... (...)”, mas sem testemunho são coisas boas, mas não são o anúncio do Evangelho, não são lugares que dão a possibilidade de que «o Pai atraia ao conhecimento de Jesus» (cf. Jo 6, 44). Trabalho e testemunho.

“Mas o que posso fazer para que o Pai providencie para atrair essas pessoas?”.

Oração. E esta é a oração para as missões: rezar para que o Pai atraia as pessoas para Jesus. O testemunho e a oração caminham juntos. Sem o testemunho e a oração não se pode fazer pregação apostólica, não se pode fazer anúncio. Será um bom sermão moral, farás muitas coisas boas, todas positivas. Mas o Pai não terá a possibilidade de atrair as pessoas para Jesus. E este é o centro: este é o centro do nosso apostolado, para que «o Pai possa atrair pessoas para Jesus» (cf. Jo 6, 44). O nosso testemunho abre as portas ao povo e a nossa oração abre as portas ao coração do Pai, para que ele atraia as pessoas. Testemunho e oração. E isto não é apenas para as missões, é também para o nosso trabalho como cristãos. Será que dou testemunho da vida cristã, realmente, com o meu modo de vida? Será que rezo para que o Pai atraia pessoas para Jesus?

Esta é a grande regra para o nosso apostolado, em todo lugar, e especialmente para as missões. Ir em missão não é fazer proselitismo. Certa vez, uma senhora - bondosa, podia-se ver que ela era de boa vontade - aproximou-se de mim com dois jovens, um rapaz e uma moça, e disse-me: “Este rapaz, padre, era protestante e converteu-se: convenci-o. E esta moça era...” - Não sei, animista, não me lembro o que ela me disse - “(...) e eu converti-a”. E a senhora era bondosa. Mas errava. Perdi um pouco a paciência e disse: “Mas escuta, não converteste ninguém: foi Deus que moveu o coração das pessoas. E não te esqueças: testemunho, sim; proselitismo, não”. Peçamos ao Senhor a graça de viver o nosso trabalho com testemunho e oração, para que Ele, o Pai, possa atrair as pessoas a Jesus.

(Homilia do Papa Francisco, Missa na capela da Casa Santa Marta, 30 de abril de 2020)